

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI

ANDREZA DOS SANTOS MACIEL

**HOSPITALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O
ACOLHIMENTO E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA
GESTÃO DEMOCRÁTICA ESCOLAR**

SÃO PAULO

2016

ANDREZA DOS SANTOS MACIEL

**HOSPITALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O
ACOLHIMENTO E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA
GESTÃO DEMOCRÁTICA ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria do Rosário Rolfsen Salles.

SÃO PAULO

2016

ANDREZA DOS SANTOS MACIEL

**HOSPITALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL: O
ACOLHIMENTO E A PARTICIPAÇÃO DOS PAIS NA
GESTÃO DEMOCRÁTICA ESCOLAR**

Dissertação de Mestrado apresentado à Banca Examinadora, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade, da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria do Rosário Rolfsen Salles.

Aprovado em

Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen/ Universidade Anhembi Morumbi

Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa/ Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Airton José Cavenaghi/ Universidade Anhembi Morumbi

AGRADECIMENTOS

Neste momento de agradecimentos me sinto emocionada de estar na reta final de um trabalho que me inspirou diferentes sentimentos e sobretudo finalizo com orgulho da jornada cumprida e das relações estabelecidas neste processo.

Agradeço primeiramente à Profa. Dra. Marielys Siqueira Bueno por ter sido minha primeira orientadora e com muita sabedoria ter norteado meu trabalho inicial. Para Profa. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles ofereço minha gratidão pela acolhida e receptividade ao me adotar como sua orientanda em um período de qualificação, que dificultou ainda mais seu trabalho, mas foi capaz de realizá-lo com maestria e dedicação.

Profa. Maria do Rosário Rolfsen Salles, você foi essencial para conclusão deste trabalho, suas correções, sugestões de bibliografias e problematizações possibilitaram reflexões importantes para o desenvolvimento da pesquisa.

Obrigada aos professores da banca de qualificação Prof. Dr. Airton José Cavenaghi e Profa. Dra. Mirian Rejowski pelas correções e orientações fundamentais ao prosseguimento do trabalho.

Aos professores do Mestrado que me acompanharam nesta jornada, possibilitando discussões, reflexões e desafios, meu muito obrigada; em especial para Profa. Dra. Sênia Regina Bastos que esteve sempre disposta em me auxiliar e fornecer informações importantíssimas para conclusão da pesquisa.

Obrigada queridos colegas do curso de Mestrado por compartilharem comigo as dúvidas, ansiedades, inquietações, teorias, discussões e descontrações. Vocês foram essenciais para manter viva a chama do estímulo e da persistência.

Para meus colegas de profissão, pais ou responsáveis das crianças e gestores da unidade educacional pesquisada devo muitos agradecimentos pela parceria estabelecida, pois sem a colaboração de vocês este trabalho não seria concretizado. Vocês foram fundamentais neste percurso, como inspiradores e colaboradores.

De modo especial, com muita emoção, agradeço meus parceiros de vida, meus queridos familiares, que estiveram ao meu lado em todos os momentos, me estimulando, acompanhando meus desafios, sempre prontos para segurar minhas mãos nos momentos de angústia e ansiedade. Agradeço em especial meu amado esposo, sempre companheiro, meus filhos maravilhosos que me fazem querer ser cada dia melhor e meus sogros queridos que sempre se dispuseram a me auxiliar no que fosse preciso para concretização desta jornada.

Não posso deixar de agradecer a parceria entre a *Clinton Foundation*, a *Laureate International Universities*, a Universidade Anhembi Morumbi e a Prefeitura Municipal de São

Paulo, que possibilitaram meu ingresso no curso de Mestrado e apoiaram o estudo desde seu início até sua concretização.

Agradeço todas as relações estabelecidas neste percurso, pois contribuíram imensamente para meu crescimento pessoal e profissional.

Obrigada meu Deus por mais essa vitória!

Muito obrigada!

Andreza dos Santos Maciel

“A melhor maneira de nos prepararmos para o futuro, é concentrar toda nossa imaginação e entusiasmo na execução perfeita do trabalho de hoje”.

Dale Carnegie

RESUMO

O objetivo do presente trabalho é entender as relações de acolhimento e hospitalidade nas dinâmicas realizadas numa Unidade Escolar como fator de mudança nas relações entre o grupo de pais de alunos e a própria escola, na gestão democrática escolar. Para o estudo partiu-se de um levantamento bibliográfico sobre hospitalidade e acolhimento, gestão democrática escolar e relação família-escola, tendo como objeto de estudo as dinâmicas propostas pela Unidade Escolar de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni (SP) que visam proporcionar o acolhimento dos pais e avaliar as atividades dos responsáveis na gestão escolar. Assim, a questão proposta é entender como o acolhimento pode ser considerado um fator que possibilita a participação dos pais na gestão democrática escolar. O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratório-descritiva de caráter qualitativo, realizou-se pesquisa documental e de campo utilizando-se de entrevistas semiestruturadas, realizadas com pais, professores e gestores da escola; a partir das respostas das entrevistas, da pesquisa documental sobre eventos envolvendo a comunidade e do estudo sobre hospitalidade, foram analisados aspectos que envolvem a hospitalidade e a participação dos pais para o exercício da gestão democrática escolar. Como resultados, observa-se nas atividades propostas pela Unidade Educacional e entrevistas realizadas, um diferencial nas relações entre escola e comunidade a partir da interação social, que proporciona criação de vínculos na gestão participativa e democrática.

Palavras-chave: Hospitalidade. Acolhimento. Gestão Democrática. Educação Infantil. Família

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the relationship of welcome and hospitality in the dynamics of reception parents held a school unit as a factor of change in the relationship between the group of parents of students and the school itself, the school democratic management. For the study left is a literature on hospitality and host school democratic management and family-school relations, with the object of study one school unit Childhood Education located in the north of São Paulo. Thus, the question posed is to understand how the host can be considered a factor that allows the participation of parents in school democratic management. The study is characterized as exploratory and descriptive qualitative, based on documentary and field research, using semi-structured interviews from the focus group technique, carried out with parents, teachers and school managers, in order to understand the perception of parents and managers of dynamic proposals with a view to democratic school management. As a result, there was a greater community participation, concluding that the actions proposed represent a differential in the relationship between school and community from the social interaction, which provides creation of linkages in participatory and democratic management.

Keywords: Hospitality. Host. Democratic management. Child education. Family

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Comparação das situações de exclusão apontadas por Sposatti (1998) e a realidade do bairro, objeto de estudo.....	57
Quadro 2- Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os gestores.....	86
Quadro 3- Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os professores.....	88
Quadro 4- Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os pais.....	90

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Fotos da área externa da Unidade Educacional.....	60
Figura 2- Foto de evento realizado em Maio de 2015.....	75
Figura 3- Foto de evento realizado em 2014.....	76
Figura 4- Foto de evento realizado em Junho de 2015.....	78
Figura 5- Foto da comemoração de Festa Junina em Junho de 2015.....	80
Figura 6- Foto do cartaz fixado na entrada da escola para informação sobre a atividade realizada em setembro de 2015.....	81
Figura 7- Foto da mostra cultural realizada em Novembro de 2014.....	82
Figura 8- Foto da festa de encerramento realizada em Dezembro de 2014.....	84

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APM- Associação de Pais e Mestres

CE- Conselho Escolar

CEI – Centro de Educação Infantil

CECIs- Centro de Educação e Cultura Indígena

CEMEI- Centro Municipal de Educação Infantil

DRE – Diretoria Regional de Ensino

ECA- Estatuto da Criança e Adolescente

EI- Educação Infantil

EMEI – Escola Municipal de Educação Infantil

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

MEC – Ministério da Educação

PNE- Plano Nacional de Educação

PPP- Projeto Político Pedagógico

SMESP – Secretaria Municipal de Educação de São Paulo

UE- Unidade Educacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 – Educação e Gestão democrática.....	23
1.1 Princípios da Educação Escolar no Brasil.....	24
1.2 Diretrizes curriculares nacionais da educação básica.....	29
1.3 Gestão Democrática Escolar.....	30
1.4 Gestão Democrática e Hospitalidade.....	35
CAPÍTULO 2 – Hospitalidade, Acolhimento e Relação Família Escola.....	38
2.1 A escola como lugar de hospitalidade	38
2.2 Acolhimento.....	44
2.3. Relação Família Escola.....	47
CAPÍTULO 3 – Unidade educacional pesquisada: até que ponto as ações de hospitalidade/acolhimento tornam possível a gestão democrática entre a escola e a comunidade?.....	53
3.1 Metodologia.....	53
3.2 Delineamento da Unidade Educacional.....	57
3.3 Ações da Unidade Educacional	65
3.3.1 Reunião de Pais.....	65
3.3.2 Reuniões de Conselho Escolar e Associação de Pais e Mestres.....	67
3.3.3 Reunião para Avaliação da Qualidade da Educação Infantil	70
3.3.4 Self Service	77
3.3.5 Oficina: A África é aqui	78
3.3.6 Festa Junina.....	80

3.3.7 Brincadeira com os pais	81
3.3.8 Teatro dos funcionários e professores	82
3.3.9 Mostra Cultural	83
3.3.10 Festa de Encerramento	83
3.3.11 Caixa de Sugestões	85
3.4 O Acolhimento nas Ações da Unidade Educacional.....	86
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	96
BIBLIOGRAFIA AMPLIADA.....	102
APÊNDICES 1- Carta de autorização para realização de pesquisa na unidade de ensino	105
APÊNDICE 2- Carta de informação ao sujeito de pesquisa.....	106
APÊNDICE 3- Roteiro de entrevista com gestores e professores.....	107
APÊNDICE 4- Roteiro de entrevista com pais ou responsáveis.....	108
ANEXO 1- Entrevistas	109
ANEXO 2- Termos de consentimento e autorizações.....	134
ANEXO 3- Projeto político pedagógico da unidade educacional pesquisada.....	157

INTRODUÇÃO

O presente trabalho decorre de pesquisa realizada para obtenção do título de Mestre em Hospitalidade junto ao Programa de Pós-Graduação em Hospitalidade junto à Universidade Anhembi Morumbi/ SP e a escolha do Tema ocorreu devido a formação da pesquisadora na área de educação, e à vinculação profissional como docente de escola de educação infantil na administração pública da cidade de São Paulo. O trabalho teve suporte de uma Bolsa de estudos da *Clinton Foundation* para a realização do curso.

No ano de 2011 a Universidade Anhembi Morumbi, integrante da Rede Internacional de Universidade *Laureate* que apoiava a *Clinton Global Initiative* estabeleceu uma parceria com a secretaria Municipal de Educação de São Paulo oferecendo uma bolsa de estudos para o curso de Mestrado em Hospitalidade. A pesquisadora, no ano de 2014 passou pelo processo seletivo e iniciou o curso no segundo semestre, tendo sido a quarta bolsista do programa.¹

Desta forma, a proposta do presente trabalho é entender as relações de acolhimento e hospitalidade nas dinâmicas realizadas numa Unidade Escolar, localizada no Bairro Parque Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, como fator de mudança nas relações entre o grupo de pais e alunos e a própria escola, na gestão dos problemas escolares.

A discussão sobre a gestão democrática da escola insere-se numa perspectiva de análise que leva em conta a discussão da função social da educação e constitui um dos temas mais importantes na compreensão da escola como organização social e instrumento de formação e inclusão social. Nas décadas finais do século XX, a partir especialmente, da década de 1980, esse debate encontra sintonia com as discussões que caracterizaram o processo de abertura política no Brasil.

Entende-se que a educação e particularmente a educação escolar, pode desempenhar um papel fundamental na inserção social e na formação integral dos indivíduos como sujeitos históricos, na medida em que se entende a educação como uma construção histórica. Assim, a cada momento histórico, haverá maior ou menor participação dos agentes sociais nessa

¹ O programa *Clinton Global Initiative* foi criado pelo presidente Clinton em 2005 e apoiado pela rede *Laureate Education* em 2008 com oferta de bolsas de estudos.

construção, ou seja, a escola enquanto instituição social, contará a cada momento com as possibilidades ou entraves próprios ao momento histórico vivido.

A sociedade baseada em interesses comuns, próprios de uma sociedade socialmente mais homogênea, supõe maior atendimento a interesses igualitários, mas as sociedades contemporâneas, cuja característica é a estratificação e a desigualdade social, introduzem interesses distintos que certamente se refletem no processo educativo e na educação institucionalizada. Os “ideais educacionais” desta forma, não são mais os mesmos para todos os estratos sociais, embora apareçam como igualitários, transformando a desigualdade social e educacional e transformando-a num processo “natural”.

[...] a gênese histórica da escola dá-se ao longo do século XVIII, dentro do mesmo processo de emergência da ciência moderna e da ascensão da burguesia como classe social hegemônica. A escola representa importante papel na consolidação da hegemonia burguesa [...] Ela nasce como uma instituição pública, gratuita, universal e laica que tem, ao mesmo tempo, a função de desenvolver uma nova cultura, integrar as novas gerações no ideário da sociedade moderna (FRIGOTTO, CIAVATTA e RAMOS, 2009, p. 1307-1319).

No Brasil, a gestão democrática do ensino e da escola pública consta na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, mas já na Constituição de 1988, no artigo 205, já se anunciava a importância e a necessidade da colaboração da sociedade na responsabilidade sobre Educação Nacional.

Além disso, a questão da gestão democrática, compartilhada ou participativa, na Constituição Federal de 1988, aparece como um dos princípios fundamentais, ao lado da obrigatoriedade, a gratuidade, a liberdade e a igualdade. Assim, a educação passa a ser considerada um meio privilegiado para diminuir as desigualdades sociais, um instrumento de inclusão social.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, (LDB no. 9.394/96), estabelece e regulamenta as diretrizes gerais para a educação e sistemas de ensino e segundo o Artigo 214 da Constituição, dispõe sobre a elaboração do Plano Nacional de Educação (PNE, Artigo 9º.), resguardando os princípios da Constituição, como a gestão democrática. Cabe ao PNE tratar dos profissionais da educação, dos diferentes níveis e modalidades da educação escolar, sua gestão e financiamento.

Para Ghiraldelli Jr :

[...] as profundas transformações operadas em consequência da preponderância da economia industrial sobre as formas econômicas que a precederam, determinam, de fato, e têm de determinar, nos sistemas de ensino, grandes mudanças que permitam ampla participação de todos os estudos e práticas, desde a escola primária completa até os mais altos níveis de estudo superior. (GHIRALDELI JR., 2008, p.269)

Assim o papel social atribuído à educação está, de um lado, impregnado da ideia de inclusão social e, por outro lado aparece como fator de desenvolvimento social.

Um dos conflitos que aparecem hoje, no entanto, é a preocupação predominante de adequar a estrutura e a organização da escola para que ela esteja em condições de representar novos papéis, visando inovar os tradicionais recursos e práticas escolares. A educação pública, inspirada em ideais democráticos, é uma conquista irreversível da modernidade e deve ser organizada e ampliada no que remete à estrutura administrativa.

[...] A estrutura administrativa de uma escola exprime a sua organização no plano consciente e corresponde a uma ordenação racional, deliberada pelo poder público. A estrutura de uma escola é, todavia, algo mais amplo, compreendendo não apenas as relações ordenadas conscientemente, mas ainda todas as que derivam da sua existência enquanto grupo social. (MELLO E SOUZA, 1974, p. 107)

Uma gestão democrática supõe um compartilhamento de decisões e pede, evidentemente, um grau de envolvimento de todos os interessados nas múltiplas ações de gestão. A gestão sozinha, não pode resolver as questões de ajuste e participação adequada de todos. Uma gestão democrática ou participativa está associada a uma ação conjunta dos componentes, num trabalho orientado por um objetivo coletivo que facilita a interação, viabiliza a comunicação entre os envolvidos no processo. Esta prática democrática, participativa pode dar maior eficácia no seu desempenho e maiores e melhores resultados sociais. Entretanto, a compreensão da escola como um grupo social formada por indivíduos diferentes, de diferentes origens sociais, supõe a necessidade de conhecer profundamente os diversos grupos que compõem esse microcosmo. Assim, a própria visão da escola como espaço democrático e de acesso a todos universalmente, não corresponde à realidade, na

medida em que há outros elementos que interferem para que nem todos possam frequentar a escola, por exemplo, elementos que ultrapassam as boas intenções administrativas da escola e aos quais deve se dar a devida atenção.

No entanto, considerando-se a escola como uma instituição social e o ensino como um processo que expressa uma relação formalmente igualitária na aparência apenas, que reproduz e legitima, no entanto, desigualdades anteriores, de uma sociedade de classes, a proposta de gestão democrática encontra barreiras que ultrapassam a mera abertura para a participação, pois a cultura da escola faz parte da cultura dominante, da qual não fazem parte os estratos mais inferiores da sociedade.

A partir então, da compreensão básica dessas desigualdades e de que toda ação no sentido da participação visa minimizar essas diferenças, sem contudo, eliminá-las, propõe-se neste trabalho, a dimensionar até que ponto é possível a gestão e participação compartilhada como se procurou mostrar e que mecanismos podem ser acionados para a efetivação desta participação, dentro de determinados limites. Para tanto, propõe-se acompanhar a proposta de participação da comunidade na gestão escolar, levada a efeito numa Escola Pública de Educação Infantil, localizada no Bairro Parque Vila Maria, Zona Norte de São Paulo, cuja caracterização será detalhada no decorrer do trabalho, e que desenvolve ações de acolhimento diferenciado dos pais nas decisões escolares, estratégias que têm se desenvolvido como um diferencial na efetivação da gestão democrática.

A escolha da escola deveu-se exatamente à maneira como a mesma se propõe a receber a comunidade, no caso, pais e responsáveis pelos alunos, e como avalia os resultados dessas estratégias para a participação, entendendo-a como instituição social. Desta forma, a proposta de gestão democrática, compartilhada com a comunidade, participativa, como ideal democrático mais geral, pode ser compreendida à luz dos conceitos de hospitalidade e acolhimento. Baptista (2008) aponta que a pedagogia social nasce de uma relação de hospitalidade e tenta fundamentar uma linha que aponta para necessidade de uma “pedagogia de proximidade humana” ou “pedagogia de hospitalidade social”.

É nesse sentido que entende-se a escola como grupo social e a educação como processo que envolve diversos elementos que não se restringem propriamente à estrutura da escola, mas se referem à cultura local, e que podem entrar em conflito com a cultura escolar, dificultando a criação de canais que possam de fato, levar a mudanças significativas para os educandos e suas famílias. Como lembra Mello e Souza, 1964, p. 107, a estrutura da escola é

algo mais amplo, compreendendo não apenas as relações formais e burocráticas, mas todas as que derivam da sua existência enquanto grupo social.

Entendendo-se a educação como processo socializador, a escola torna-se um espaço de sociabilidade e convivência que possibilita aos que dela participam uma série de recursos para a adaptação dos indivíduos à sociedade e às suas exigências. Nesse sentido, o recurso aos conceitos de hospitalidade e acolhimento podem ampliar e enriquecer a compreensão que se possa ter do ambiente escolar.

A esfera pedagógica, o núcleo do programa escolar, consiste na transmissão de elementos culturais determinados pelo programa oficial visando objetivos socialmente sancionados. Por outro lado, há também a preocupação de adequar a estrutura da escola para que ela esteja em condições de representar novos papéis.

As condições para o enfrentamento de situações complexas e dinâmicas que caracterizam o mundo moderno e o ambiente escolar devem levar em consideração as formas de interação para uma formação mais eficaz e adequada do aluno. É importante considerar a educação como um processo dirigido para a promoção de resultados de curto e longo prazo.

A complexidade do trabalho pedagógico pede decisões compartilhadas resultantes de um envolvimento cooperativo da comunidade escolar que inclui todos os interessados e atingidos por esse processo.

As principais funções de um plano abrangente de educação são aquelas que promovem e incentivam nas pessoas o que Luck et al (2010, p.17) chama de “sentimento de fazer parte do todo ao tomarem decisões coletivas, formularem objetivos comuns e enfatizarem as relações sinérgicas entre as partes envolvidas”. Ainda para Luck et al (2010, p. 18) dada “a tendência burocrática e centralizadora ainda vigente na cultura organizacional escolar [...] a participação não se constitui uma prática muito comum nas escolas”.

O contexto escolar obedece a uma organização específica no que diz respeito, basicamente, à articulação entre gestores, professores e alunos. Para adequar as funções da escola num objetivo mais amplo e mais inclusivo a fim de dar-lhe condições de representar novos papéis, a escola tem promovido atividades extracurriculares que concorram para ampliar e aprofundar as relações entre as pessoas envolvidas no processo pedagógico. A associação entre pais, mestres e alunos é um processo relacional que denota um efetivo

esforço da escola como alternativa para ampliar e dinamizar o campo de atuação da escola para além de seus limites tradicionais em que a gestão é centralizadora.

O papel essencial dessa abertura da escola para acolher os pais ou responsáveis pelos alunos está em ampliar o campo relacional do processo pedagógico numa interação ativa que favorece a construção de uma parceria de caráter participativo. Entre os significados e valores desses encontros está o fato de constituir um espaço importante de participação no processo educacional e ampliar as responsabilidades dos atores desse processo. É igualmente importante a função agregadora desse espaço que permite a interação, a troca e a colaboração entre pais e professores, através da sociabilidade e do compartilhamento dos objetivos.

Baptista (2002, p. 158) aponta para a necessidade de criar e alimentar lugares de hospitalidade onde surge a consciência de um destino comum e o sentido de responsabilidade que motiva a ação solidária.

Esses espaços de iniciativa de acolhimento e hospitalidade permitem a experimentação de novos modos de atuar e de interagir. É o que Baptista (2005, p. 12) chama de “a dimensão ética ligada à responsabilidade de existirmos em sociedade”.

A função essencial do acolhimento e da hospitalidade está na dinâmica da reciprocidade que se estabelece na interação entre as pessoas. No caso do acolhimento e participação dos pais na gestão democrática da escola, o acolhimento, a hospitalidade, além de favorecer a construção e o revigoramento das relações, vai incentivar o aspecto participativo dessas reuniões. E, mais do que isso, proporcionar a efetiva participação dos grupos de pais e alunos nas decisões. Neste cenário, dada a importância dessa vivência na vida social do ambiente escolar busca-se perceber nesses espaços o papel das conexões criadas por essas relações.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória-descritiva de caráter qualitativo, buscando introduzir o “olhar” da “hospitalidade” como a maneira de se viver em conjunto a partir de regras e leis” (MONTANDON, 2003), buscando dimensionar o resultado dessas relações na instituição educacional focalizada.

O objetivo geral ou primário foi assim formulado: entender, nas relações de acolhimento e hospitalidade entre escola (entendida como anfitriã) e comunidade de pais de alunos (entendida como hóspedes, convidados), desenvolvidas pela escola, dentro da proposta de gestão democrática e participativa, qual o peso dessas relações nos resultados dos trabalhos

escolares e na própria gestão. Nesse sentido, focalizar-se-ão as dinâmicas realizadas na Unidade Escolar escolhida para o estudo.

O critério de escolha dessa unidade educacional foi o da “conveniência do pesquisador”, na medida em que se trata de uma escola cujo trabalho é de conhecimento do pesquisador há alguns anos, e que contrasta com outras escolas que não desenvolvem ações de envolvimento dos pais na gestão escolar. Considerou-se que essa escola representa um diferencial na tentativa de efetivar a proposta da “gestão democrática e participativa”. Considera-se igualmente que as ações desenvolvidas pela escola têm funcionado como fator de mudança nas relações entre o grupo de pais e alunos e a própria escola.

Sendo assim, os seguintes objetivos específicos são propostos: 1) entender a maneira como os pais percebem a proposta de gestão democrática e participativa por parte da escola; 2) descrever as dinâmicas propostas pela escola do ponto de vista das ações de acolhimento concretamente postas em prática; 3) avaliar, do ponto de vista de gestores e professores, o peso das ações de acolhimento na participação efetiva dos pais. Espera-se assim dimensionar do ponto de vista dos agentes que participam da gestão democrática e participativa da escola, o peso das ações de acolhimento propostas pela escola na efetiva participação da comunidade na gestão democrática escolar. Desta forma, espera-se destacar nos relatos dos pais, gestores e professores os aspectos que envolveram o acolhimento dos pais nas atividades realizadas na escola, do ponto de vista das relações de hospitalidade ou hostilidade.

A questão problema para a pesquisa foi: A hospitalidade/acolhimento pode ser observada como um fator que possibilita a participação dos pais na gestão democrática escolar? As hipóteses para responder a essa questão podem ser elencadas como: 1) as percepções dos pais, professores e gestores sobre a participação na gestão democrática escolar são divergentes, 2) os pais não se sentem acolhidos no sistema escolar e 3) o tipo de relacionamento estabelecido entre professores e gestores com os pais não permite a troca de experiências, conhecimentos e oportunidades.

A pesquisa foi organizada em etapas: numa primeira etapa, realizou-se um levantamento bibliográfico com base em autores que discutem sobre hospitalidade, gestão democrática escolar e relação família escola, além de observação de campo junto à escola, no sentido de propor hipóteses e questões de pesquisa.

A segunda etapa consistiu na análise da documentação da unidade educacional para delineamento das ações propostas pela escola e das atividades realizadas por ocasião das reuniões de pais, utilizando-se de registros de atas de reuniões, do Projeto Político Pedagógico, do Plano de Metas, além de fotos, vídeos e comunicados fornecidos aos pais. Essa fase consistiu também na observação *in loco* das atividades desenvolvidas pela unidade educacional envolvendo os pais, educadores e crianças e na participação efetiva nas reuniões e atividades promovidas pela escola.

Numa terceira etapa, realizou-se a coleta de dados sobre a percepção dos principais sujeitos envolvidos nas relações examinadas, professores, pais de alunos e gestores; aplicou-se um roteiro de entrevista semiestruturada a cada um desses segmentos utilizando-se a técnica da entrevista por “grupo focal” (*focus group*), cujo objetivo foi provocar uma reflexão e avaliação da forma como esses diferentes segmentos estão envolvidos, se comportam e percebem as relações entre escola e comunidade, no contexto da participação dos pais na proposta de gestão democrática escolar. A opção pelas entrevistas semi-estruturadas com a realização dos grupos focais ocorreu pela dinâmica grupal que essa técnica acarreta, proporcionando um espaço de discussão que as entrevistas individuais podem não evidenciar da mesma forma. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), o grupo focal consiste numa técnica de entrevista que permite que o entrevistador atue como moderador, catalisador da interação entre os participantes, e que explore atitudes, opiniões e comportamentos. A técnica permite observar processos de consenso e divergência. Geralmente, no grupo focal, os assuntos são de interesse público e preocupação comum.

Durante as entrevistas semiestruturadas, o primeiro grupo focal foi realizado com os gestores, tendo participado a diretora da Unidade Educacional, a Assistente de Direção e a Coordenadora Pedagógica. Para a realização da entrevista foi elaborado um roteiro de questões para incentivar a fala dos entrevistados, o entrevistador atuou como moderador, estimulando os entrevistados por meio dos questionamentos, estabelecendo uma “conversa” sobre o assunto. A entrevista foi gravada para posterior transcrição e análise das discussões.

O grupo focal realizado com os pais foi subdividido em pequenos grupos em decorrência da quantidade de pais. As entrevistas ocorreram no dia em que a escola estava realizando sua mostra cultural; a entrevistadora, após as apresentações das crianças convidava os pais para uma sala explicando que realizaria uma atividade de pesquisa. Inicialmente a

participação voluntária foi mínima, no entanto, com vários avisos e convites durante todo período da mostra (9-16hs) foi possível realizar seis grupos focais.

O terceiro grupo focal foi realizado com os professores, foram subdivididos em dois grupos para atender o horário de trabalho dos docentes.

Nas entrevistas a pesquisadora atuou como mediadora, foram realizadas questões centrais sobre a participação dos pais nas atividades realizadas na escola, de que forma os entrevistados avaliavam essa participação, quais seriam as formas de acolhimento realizadas na escola, como percebiam este acolhimento, quais as dificuldades encontradas. Os entrevistados, por meio das questões discutiram sobre os aspectos destacados; todas as entrevistas foram gravadas com permissão por escrito dos entrevistados para posterior transcrição e análise.

Como se apontou, a Unidade Educacional pesquisada está localizada na zona norte de São Paulo, e se trata de uma escola municipal de Educação Infantil (EMEI) que atende crianças de quatro e cinco anos de idade. Geralmente, as crianças matriculadas estão saindo dos Centros de Educação Infantil (CEIS), que atendem crianças do berçário aos quatro anos) ou iniciam a vida escolar já nas EMEIs. A escola pertence à Diretoria Regional de Ensino (DRE) Jaçanã/Tremembé, localizada no distrito Tucuruvi da Subprefeitura Santana/Tucuruvi, São Paulo-SP e sua jurisdição abrange os bairros de Vila Maria, Vila Guilherme, Vila Medeiros, Tucuruvi, Mandaqui, Santana, Tremembé e Jaçanã.

O bairro apresenta características de uma comunidade que vive em situação de exclusão social, mesmo localizada em região não periférica, as moradias apresentam poucas condições de espaço, sem planejamento urbanístico profissional; instalações de água e esgoto em condições precárias, dificuldades de circulação de pedestres e automóveis (sinalizações ineficientes).

A Escola Municipal de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni está localizada em uma área formada por ruas estreitas, com casas simples (sobrados), que se constituem de duas ou três moradias; apresenta um comércio local pouco diversificado e duas linhas de ônibus.

O plano de gestão da unidade educacional tem como objetivo promover a melhoria na qualidade da Educação Infantil por meio de uma pedagogia de escuta, ou seja, a Unidade Educacional visa promover o envolvimento da comunidade nas atividades escolares

permitindo a participação, articulação e assessoria no processo de elaboração e efetivação do Projeto Político Pedagógico, bem como avaliando o trabalho desenvolvido. A participação da gestão busca compreender as atribuições específicas de cada membro da equipe, articulando seus fazeres e conhecimentos em busca de uma gestão democrática. A meta é o desenvolvimento de ações que possam garantir o atendimento à comunidade de forma clara e precisa, incentivando a participação dos mesmos nas tomadas de decisões.

O presente volume está estruturado em três capítulos. No primeiro capítulo foram descritos referenciais teóricos sobre educação e gestão democrática escolar, delineando brevemente as mudanças atribuídas à escola até seu objetivo mais atual, de democratização da educação. No final do capítulo busca-se relacionar a importância dos conceitos de hospitalidade nas novas formas de relação estabelecidas pela escola após sua transformação durante os anos.

O segundo capítulo aborda conceitos teóricos sobre a hospitalidade, acolhimento e relação família escola, aprofundando a fundamentação teórica sobre estes aspectos e observando a escola como um lugar de hospitalidade.

O terceiro capítulo apresenta os resultados da pesquisa dessa Unidade Educacional de Educação Infantil, relacionando o conteúdo teórico pesquisado com as ações práticas estabelecidas na unidade.

As considerações finais foram realizadas retomando as discussões teóricas realizadas nos primeiros capítulos com as ações da Unidade Educacional pesquisada buscando responder ao problema de pesquisa e às hipóteses estabelecidas no início do projeto.

CAPÍTULO 1 EDUCAÇÃO E GESTÃO DEMOCRÁTICA

A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL. Constituição Federal, Artigo 205, 1988).

O objetivo do capítulo é apresentar uma discussão sobre a evolução histórica da relação entre educação e gestão democrática escolar, acompanhando as mudanças na gestão escolar até a proposta mais recente de democratização da gestão da educação, buscando-se ao final do capítulo, relacionar a importância das ações de hospitalidade nas novas formas de relação estabelecidas pela escola nas suas propostas de transformação durante as últimas décadas.

De fato, o espírito da Constituição de 1988 traz a questão da universalidade da educação como direito de todos e dever do Estado e da família como preparo para o exercício da cidadania, com a participação da sociedade. É preciso então, dimensionar de que forma se dá efetivamente essa colaboração, no âmbito das relações que envolvem a organização e o funcionamento da instituição escolar.

Assim, é objetivo deste capítulo, refletir sobre a evolução da educação no Brasil e seus princípios constitutivos até a proposição da gestão democrática na educação infantil, objetivo maior deste trabalho, e a implantação de medidas que visam promover o compartilhamento da gestão das instituições escolares entre os gestores, professores, pais e funcionários nas tomadas de decisões relativas às funções da escola, que ultrapassem os espaços já existentes, como Conselho escolar, Associação de pais e mestres, conselho de classe etc. Trata-se de entender, no âmbito das escolas municipais, a partir fundamentalmente da década de 1980, a proposta visando efetivamente a participação da chamada comunidade escolar nas decisões pedagógicas da escola.

1.1 PRINCIPIOS DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NO BRASIL

A Educação no Brasil, nos primórdios da colonização, foi marcada pela educação jesuítica que tinha como objetivo formar o homem cristão, convertendo os indígenas ao catolicismo e preocupados com a formação intelectual da elite colonial, presença de intensa rigidez na forma de pensar e interpretar a realidade. Neste período, as relações e decisões eram determinadas pelos jesuítas, com autoritarismo e transmissão de conhecimentos. “Pedagogia sem muita consciência, através da observação do professor e repetida pelos alunos ao se tornarem professores” (GHIRALDELLI, 2008, p.33).

Na fase pós- independência, de acordo com Ribeiro (2003) surge a ideia de um sistema nacional de educação com escolas primárias, ginásios e universidades, a ideia da educação como dever do Estado, da distribuição racional das escolas e graduação do processo educativo. As primeiras Universidades são criadas com D. João VI e a transferência da família real para o Brasil. Com a independência e surgimento da nação brasileira, impuseram-se exigências à organização educacional, mas as condições em que esta autonomia foi conquistada constituem sérios obstáculos a um eficiente atendimento escolar. Dificuldades econômicas do período refletiram no investimento na educação. Segundo o autor, as consequências da instabilidade econômica e política, da insuficiência de recursos, bem como o regionalismo que imperava nas províncias dificultavam a inserção da população na educação, que anteriormente era destinada apenas à elite. Observavam-se queixas frequentes quanto ao mau preparo dos alunos, ao critério “liberal” de aprovação, à falta de assiduidade dos professores pela necessidade de completarem o orçamento, etc.

Assim, não se efetivou a distribuição racional de escolas, a exclusão ocorreu já marcadamente no início da escolarização, em que a grande maioria dos alunos não apresentava condições nem interesse de ingressar e permanecer na escola. As camadas médias que iam se ampliando nas últimas décadas do Império pressionavam a abertura da escola, o preparo intelectual era visto como oportunidade de ascensão social e não tinham outro objetivo senão ingressar no ensino superior.

O quadro educacional deste período não demonstrou preocupações com a relação entre educandos e educadores, assim como não se verificavam relatos de influência familiar na

educação e a mesma se caracterizava como uma chance de ascensão social, porém com poucos investimentos para a classe média.

Na fase republicana surge a influência positivista, com a tentativa de implantar e difundir ideais do Positivismo por intermédio da educação escolarizada, neste período os princípios foram orientados pela liberdade e laicidade do ensino, gratuidade da escola primária.

Em 1932 aconteceu o manifesto dos educadores pioneiros da educação nova, conhecido como “Manifesto de 1932”, por meio do qual os educadores defendiam a necessidade de ruptura do sistema educacional vigente, caracterizando-o como artificial e verbalista (tradicional), e apresentando a proposta de uma educação para a sociedade, baseada no trabalho.

De acordo com Ghiraldelli (2009) os educadores da época representavam tendências diversas e se apoiavam em pensadores como o filósofo Jonh Dewey e o sociólogo Émile Durkheim, que defendiam uma concepção pedagógica baseada na filosofia da educação, em formulações pedagógico-didáticas e política educacional racional. O manifesto caracterizava a escola tradicional como uma forma de educação que era destinada apenas para as classes sociais mais favorecidas, para satisfação dos interesses da classe dominante enquanto a educação nova buscava princípios biológicos, reconhecendo que os indivíduos deveriam ser educados de acordo com suas aptidões naturais, com valores radicados no trabalho e na solidariedade social .

O ponto principal da educação nova é o de que o professor tinha de conhecer o aluno, superando o que ocorria na escola tradicional, em que os professores realizavam os planejamentos pedagógicos baseados em conhecimentos empíricos dos educandos.

Ainda de acordo com Ghiraldelli (2009) para garantia à educação integral do indivíduo, o Manifesto de 1932 defendia a implantação da escola comum para todos, impedindo que as classes privilegiadas mantivessem escolas privadas para satisfazer suas necessidades e privilégios.

A escola tradicional é mostrada como voltada para programas construídos com a lógica formal dos adultos, enquanto as atividades da criança numa escola nova são mostradas como sendo norteadas por programações que respeitam seu desenvolvimento psicológico e, portanto, seus interesses e aptidões. (GHIRALDELLI, 2009, p.46)

A Constituição de 1934 dá ênfase à educação e procura intensificar o processo de democratização ao reconhecer na educação um direito para todos, instituindo a liberdade, gratuidade e obrigatoriedade do ensino primário integral e criando fundos especiais de educação.

A pedagogia da Escola Nova permitiu um novo “pensar” na educação brasileira, na medida em que sua proposta estava vinculada a uma “sociedade democrática cooperativa, que ofereceria educação integral da personalidade, [...] escola para todos, portanto leiga, gratuita e obrigatória, descentralizada e múltipla. (HILSDORF, 2006, p.96).

A democratização do ensino, proposta na década de 30 e que vinha ocorrendo desde 1946 (GHIRALDELLI, 2009), possibilitou discussões sobre como trabalhar com a educação popular, visto que anteriormente esta era destinada apenas à elite. Os ideais escolanovistas foram agregados aos estudos de Paulo Freire sobre a educação popular e após a ditadura (1964-1985) foram ainda mais valorizados. No entanto, discorrendo pela história da educação brasileira em concomitância com a história política econômica do país, não foram observadas modificações concretas quanto à prática pedagógica estabelecida pelos ideais escolanovistas.

Perrenoud (2000) descreveu que no final do século XIX e início do século XX, quando o sistema educacional foi unificado, a escolaridade obrigatória passou a privar os pais de seu poder educativo. A lei obrigava os pais a proverem a educação dos filhos e cederem uma parte desta educação para a escola, que, assim, sem liberdade de escolha deveriam inserir seus filhos na escola.

A escolarização obrigatória arrancou as crianças de sua família, a partir dos seis anos [...] tratava-se de garantir sua instrução, de protegê-las da exploração, dos maus tratos, da dependência. O objetivo era moralizar sua educação, por meio da educação cívica, da higiene, da disciplina, mas também normatizá-la, a começar pela aprendizagem de uma língua escolar que não era a língua falada pela família no dia-a-dia. (PERRENOUD, 2000, p.110)

O fato apontado pelo autor demonstra a imposição inicial da escolarização por conta das solicitações da própria sociedade; no entanto, mesmo inicialmente imposta, a escolarização tornou-se parte do processo e, atualmente não precisa mais exercer o poder de obrigatoriedade. “Se a obrigação legal de frequentar a escola fosse suspensa, é provável que a imensa maioria dos pais mandaria assim mesmo seus filhos à escola” (PERRENOUD, 2000, p.110).

A escola como instituição responsável pela educação se tornou imprescindível e os pais delegaram facilmente esta tarefa a profissionais mais disponíveis e qualificados, evidenciando que a relação entre pais e professores não é simples. Ambos têm o educando como ponto em comum, no entanto, a cultura e os princípios são diferentes e como aponta PERRENOUD (2000), é muito fácil assumir o diálogo entre pais e professores na teoria, mas na prática, sem confiança, surgem os preconceitos, as suspeitas e as críticas.

A ideia da escola como uma instituição neutra, que difunde um conhecimento racional e objetivo, e que seleciona seus alunos igualmente, em critérios objetivos, democráticos, de mérito, por exemplo, foi veementemente criticada por Bourdieu (1992), dentro de uma crise profunda dessa concepção nos anos de 1960.

Até meados do século XX, predominava nas Ciências Sociais e mesmo no senso comum, uma visão extremamente otimista, de inspiração funcionalista, que atribuía à escolarização, um papel central no duplo processo de superação do atraso econômico, do autoritarismo e dos privilégios [...] e de construção de uma nova sociedade, justa (meritocrática), moderna (centrada na razão e nos conhecimentos científicos) e democrática (fundamentada na autonomia individual). Supunha-se que, por meio da escola pública e gratuita, seria resolvido o problema do acesso à educação e, assim garantida, em princípio, a igualdade de oportunidades entre todos os cidadãos. (NOGUEIRA e NOGUEIRA, 2002, p. 16).

Conforme enfatizam os autores acima citados, Bourdieu (1992 e 2014) ao apontar que a escola reproduz o sistema educacional vigente tendo a função de reproduzir a ideologia da classe dominante, apontou corretamente de um lado, as diferenças entre a cultura de elite e a cultura dita popular, mas é preciso enfatizar que há diferenças entre as escolas e as maneiras como abordam essas diferenças e se relacionam com o entorno e os alunos dentro mesmo das práticas escolares. Além disso, pode-se supor que as famílias também se distinguem quanto aos seus projetos para os filhos.

No entanto, a persistência das desigualdades tem sido uma constante entre as experiências recentes das sociedades ocidentais. “De maneira bastante regular, houve, em diferentes contextos nacionais, uma transposição das desigualdades entre as classes sociais (e entre os sexos) para o interior dos sistemas de ensino”. (PEROSA; LEBARON; SILVA LEITE, 2015, p. 102).

Atualmente as reformas educativas em vários países do mundo europeu e americano nos últimos 20 anos ocorreram no mesmo momento em que aconteceu a recomposição do

sistema capitalista mundial, incentivando uma reestruturação global da economia, direcionada pelo neoliberalismo.

O neoliberalismo postula “ser o desenvolvimento econômico, alimentado pelo desenvolvimento técnico científico, o fator de garantia do desenvolvimento social” (LIBÂNEO, 2012, p.43). Esta visão desconsidera as implicações sociais e humanas do desenvolvimento econômico, causando problemas sociais (desemprego, fome, pobreza) que ampliam as desigualdades entre países, classes e grupos sociais.

Os países industrializados precisam se preocupar sobre a situação das instituições encarregadas de produzir o conhecimento e a informação. Desta forma, torna-se prioridade a reforma dos sistemas educativos, “novos tempos requerem nova qualidade educativa” (LIBÂNEO, 2012, p.43), raciocínio reinterado por agências financeiras internacionais como Banco Mundial.

Desta forma, as políticas educacionais de cada país precisam introduzir estratégias como descentralização, reorganização curricular, autonomia das escolas, novas formas de gestão e direção das escolas, novas tarefas e responsabilidades para os professores.

De acordo com Perrenoud, 2000, p. 79, “a evolução da escola caminha para a cooperação profissional” e o trabalho em conjunto na educação tornou-se uma necessidade, ligada mais à evolução do ofício do que à escolha pessoal. O autor sugere, desta forma, que algumas competências precisavam ser trabalhadas para garantir justiça entre as partes envolvidas. As três grandes competências sugeridas foram as seguintes:

- Trabalhar de forma eficaz, transformando uma pseudo-equipe (arranjo material), em uma verdadeira equipe, ou seja, com objetivos comuns e trabalho cooperativo.

- Trabalhar em equipe de forma consciente, com cooperação, sabendo encontrar e negociar modalidades de trabalho em função dos problemas a serem resolvidos.

- Perceber, analisar e combater resistências, se auto- avaliar.

De acordo com Perrenoud (2000) uma competência crucial é absorver aspectos positivos das situações, incitações, oportunidades, problemas e até mesmo crises.

Administrar os recursos de uma escola é fazer escolhas, ou seja, tomar decisões coletivamente [...]. A administração descentralizada dos recursos pode, sem benefício visível criar tensões difíceis de vivenciar, com

sentimento de arbitrariedade ou de injustiça, pouco propícios à cooperação (PERRENOUD, 2000, p. 103).

As capacidades de expressão e de escuta, de negociação, de planejamento, de condução do debate são recursos preciosos em uma escola. Coordenar é contribuir para que as discussões ocorram com respeito mútuo, sendo ditas e debatidas.

Os aspectos abordados por Perrenoud (2000) são relevantes levando em consideração que, na atualidade, com as mudanças decorrentes da globalização e as propostas pedagógicas buscando a construção do conhecimento a partir de experiências concretas e significativas para os educandos, o trabalho em equipe e a gestão democrática se tornam aspectos primordiais na educação. Assim, a relação entre educação e hospitalidade é passível de ser observada nestas novas relações estabelecidas no contexto escolar.

1.2 DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

As Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica, no que diz respeito às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil cita a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional sobre a Educação Infantil e aborda que a educação deve abranger os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais, ou seja, atualmente, a educação assume um papel globalizado, diferente do início de sua história, envolvendo toda sociedade e não apenas conteúdos formais e sistematizados.

Os documentos oficiais da União (Constituição de 1988, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1994 e Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de 2013) apontam para necessidade de participação de toda comunidade na educação, sendo esta composta por familiares e profissionais da educação.

As creches e pré-escolas ocupam um caráter institucional e educacional diferente do contexto familiar e constituem-se em estabelecimentos públicos ou privados que educam e cuidam de crianças de zero a cinco anos de idade por meio de profissionais com habilitação

específica (magistério superior ou médio). As crianças permanecem nestas instituições até completarem seis anos, quando ingressam no Ensino Fundamental.

O atendimento das crianças em sua integralidade ocorre na Educação Infantil e a organização da proposta curricular e pedagógica deve assegurar espaços e tempos para participação, diálogo e escuta cotidiana das famílias, com respeito e valorização das diferentes formas em que elas se organizam. A necessidade do envolvimento da família na educação abre espaço para que eles participem na gestão da proposta pedagógica e pelo acompanhamento partilhado do desenvolvimento da criança. “Nesse processo, os pais devem ser ouvidos tanto como usuários diretos do serviço prestado como mais uma voz das crianças, em particular daquelas muito pequenas”. (DIRETRIZES CURRICULARES NACIONAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, 2013, p.92).

Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil já destacava a necessidade de estabelecer com as famílias um diálogo aberto, considerando-as como parceiras e interlocutoras no processo educativo infantil. O referencial abordava também a necessidade do acolhimento das diferentes culturas, valores e crenças sobre a educação de crianças.

No próximo subitem, será destacada a discussão sobre a gestão democrática escolar, base para participação das famílias e da comunidade.

1.3 GESTÃO DEMOCRÁTICA ESCOLAR

A Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 que estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional, no Título II sobre os princípios e fins da Educação Nacional, estabelece a gestão democrática do ensino público. A Constituição Federal de 1988, no artigo 205 já anunciava a importância e necessidade da colaboração da sociedade na responsabilidade sobre Educação Nacional.

Segundo Luck (2010) o movimento da descentralização e democratização escolar concentra-se nas vertentes da participação da comunidade escolar na seleção dos gestores da escola, na criação de um colegiado/conselho escolar que tenha tanto autoridade deliberativa como poder decisório e a autonomia financeira a partir do repasse de recursos financeiros para

escola. O autor destaca que o conceito de gestão pressupõe a ideia de participação, pois seu conceito está associado à mobilização de esforços coletivos e organizados. “A abordagem participativa da gestão escolar demanda maior envolvimento de todos os interessados no processo decisório da escola, mobilizando-os, da mesma forma, na realização das múltiplas ações de gestão”. (LUCK et. al, 2010, p.18).

A gestão escolar democrática, de acordo com Souza (2009), é um processo que não se resume apenas às tomadas de decisões, mas sim à presença do diálogo e da alteridade entre as partes envolvidas, a participação ativa de todos os sujeitos da comunidade escolar, construindo coletivamente as regras e procedimentos a serem adotados para o bem comum.

De acordo com o autor, a gestão democrática não será pautada nas escolhas da maioria, mas sim como “um processo político no qual as pessoas identificam problemas, discutem, deliberam e planejam, encaminham, acompanham, controlam e avaliam” (SOUZA, 2009, p.125); ou seja, realizam ações com o objetivo comum de desenvolver a escola.

A participação na gestão democrática somente ocorrerá a partir do momento em que os envolvidos se apropriarem das práticas realizadas na escola e sentirem que são parte deste processo, conhecendo, avaliando e planejando.

De acordo com Frigotto (2001) a construção da escola cidadã pressupõe a construção de relações democráticas e igualitárias, ou seja, uma educação que tenha como fundamentação o aluno enquanto sujeito social, com múltiplas necessidades e diversidades, partindo destas diferenças e necessidades para organização de cultura e saberes significativos à sociedade. A participação do aluno e de toda comunidade envolvida com a educação seria o ponto de partida para estabelecer os objetivos educacionais (projeto pedagógico).

Da mesma forma, os gestores e profissionais da escola, ao se colocarem como observadores do aluno enquanto sujeito social (dotado de experiências, conhecimentos e cultura pregressa ao ambiente escolar), se tornarão capazes de elaborar o projeto pedagógico de maneira substancial; mesmo com esses pré-requisitos, a socialização deste projeto para conhecimento e discussão com a comunidade possibilitará que ele se torne ainda mais concreto e significativo.

Paro (2001) discute o envolvimento dos pais na administração escolar preocupando-se com o limite na participação das decisões e acredita que a democratização se faz na prática,

necessitando superar a atual situação de dependência de concessões para oportunidade de participação.

O autor descreveu a participação determinada pelas condições objetivas de vida (falta de tempo, cansaço, preocupação), condicionantes culturais (visão da população sobre a escola e sobre a participação) e condicionantes institucionais da comunidade; abordou a necessidade de recursos para discussões mais consistentes sobre o fracasso da escola, dotando a unidade escolar de autonomia administrativa e financeira em relação ao Estado, descentralizando todos os recursos que possam ser geridos pela escola.

Nesta discussão o autor não aborda claramente as dificuldades da gestão democrática escolar, porém o aspecto de maior relevância é a afirmação sobre a necessidade da participação de todos os setores da escola (educadores, alunos, funcionários e pais) nas decisões sobre seus objetivos e funcionamento, pressionando os escalões superiores a dotar a escola de recursos e autonomia.

A sociedade brasileira foi marcada desde sua colonização por relações de poder e autoritarismo, a democracia e os processos de participação da maioria da população ainda apresentam-se carentes. De acordo com Gadotti e Romão (2001) o país, por sua tradição histórica de autoritarismo não possui canais institucionais de intervenção política para modificar esta situação, dificultando o exercício consciente da democracia.

Paro (2001) destaca a importância da participação dos professores e do pessoal técnico pedagógico na administração democrática da escola, pois são eles “os autênticos produtores diretos da educação escolar” (p.163).

O conhecimento sobre a gestão e o envolvimento é de suma importância para o alcance da gestão democrática, o autor defende ainda a necessidade de formação administrativa para todos os educadores e não apenas para aqueles interessados no cargo de direção escolar. A formação em administração é eletiva e nem todos os docentes têm acesso aos conhecimentos administrativos das escolas. Segundo Paro (2001) este pode ser um dos fatores que dificultam a participação efetiva dos docentes na gestão da escola.

De acordo com o autor a condução democrática das atividades é um projeto que se realizará ao longo de um percurso de relações recíprocas, buscando um objetivo comum que deve levar em conta as condições da escola e da comunidade em que a escola se encontra.

“A autonomia e a gestão democrática da escola fazem parte da própria natureza do ato pedagógico. A gestão democrática da escola é, portanto, uma exigência do projeto político-pedagógico” (GADOTTI, 2001, p 35). Cada escola está inserida em sua diversidade e, desta forma, possui autonomia para elaborar seu projeto político pedagógico, buscando atender as necessidades da comunidade onde está inserida, o que fortalece a necessidade da participação desta comunidade na gestão escolar. Para o autor a gestão democrática escolar implica uma mudança de mentalidade de todos os membros envolvidos, deixando de tornarem-se fiscalizadores e receptores para assumirem parte da responsabilidade pelo projeto escolar.

Gadotti (2001) cita ainda duas razões para implantação da gestão democrática escolar: a formação para cidadania, baseada no aprendizado da democracia por meio da experiência da gestão democrática e a participação na gestão da escola proporcionando um melhor conhecimento do funcionamento da mesma, possibilitando o contato permanente com os demais envolvidos, levando ao conhecimento mútuo e aproximando as pessoas. Destaca também que esta participação apresenta limitações e obstáculos, necessitando de um aprendizado que demanda tempo e trabalho para o exercício da democracia. A participação e a democratização na escola pública é, de acordo com ele, um meio prático para a formação da cidadania e o Conselho de Escola é o órgão de maior destaque no processo de gestão democrática.

No Conselho Escolar, diretor, coordenador, assistente de direção, professores, funcionários da Unidade Educacional, pais, alunos e comunidade participam de reuniões agendadas para discussões sobre o projeto político pedagógico da escola além de assuntos pertinentes à administração da instituição (aspectos pedagógicos e financeiros).

A configuração do Conselho Escolar varia entre os Municípios e Estados, no entanto, é sempre garantido o mesmo número de representantes de pais, professores, alunos, equipe administrativa. O diretor é membro nato e todos os outros membros são eleitos por seus pares (professores elegem professores, alunos elegem alunos e assim por diante).

O Conselho de Escola é o órgão mais importante de uma escola autônoma, base da democratização da gestão escolar. Mas para que os Conselhos de Escola sejam implantados de maneira eficaz, é necessário que a participação popular, dentro e fora da escola, constitua-se numa estratégia explícita da administração. Além disso, para facilitar a participação é preciso oferecer todas as condições [...] A população precisa sentir-se respeitada, ter prazer e reconhecer a importância do exercício de seus direitos e em participar (GADOTTI e ROMÃO, 2001, p.48).

Por meio do Conselho Escolar a comunidade deveria perceber-se como parte do processo, com respeito à diversidade étnica, social e cultural, possibilitando a gestão democrática eficaz, este é o desafio da escola pública, de acordo com Gadotti e Romão (2001).

Segundo Cury (2002) a gestão democrática é uma gestão de autoridade compartilhada, com o objetivo de decisões baseadas na participação e decisão pública, para ele, a gestão democrática da educação é transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência.

A dificuldade da participação efetiva dos pais na gestão democrática escolar é o fator de maior destaque nas discussões sobre gestão participativa, conforme Luck (2010) discute sobre o tipo de participação imposta aos pais, que geralmente são chamados para participar apenas de “questões periféricas” (p.74) como aspectos físicos e materiais da escola ou acompanhamento dos filhos nos problemas de comportamento ou aprendizagem. O autor aponta para necessidade de envolvimento integral em todos os âmbitos da gestão. Este é um processo de construção de uma cultura participativa onde da mesma forma em que as pessoas reconhecem sua importância e desejam participar, ainda não estão preparadas para aceitar o ônus desta atividade. As mudanças desestabilizam e despertam diferentes reações e estas dificuldades podem ser observadas não só com relação aos pais, mas também com professores, funcionários e equipe gestora. Luck (2010) define muito bem o sentido e a importância da participação.

A participação, assim, não é um fim e sim um meio, em vista do que não é importante por si mesma, isto é, a participação pela participação, mas sim, pelos resultados que propicia e pelo desenvolvimento da rede de relações em vários âmbitos, que reforça o trabalho educacional e promove a vivência democrática (LUCK, 2010, p.83).

Em 2014, a Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, ao publicar os subsídios para a implantação do Programa Mais Educação abordou que a gestão democrática da escola e da educação pública é fundamental e requer o engajamento da equipe escolar e a participação das famílias e da comunidade. “É por meio da Gestão Democrática que se pode efetivar o papel da Unidade Educacional enquanto polo cultural da comunidade, articulada em seu cotidiano ao território no qual está inserida” (SME, 2014, p.55).

1.4 GESTÃO DEMOCRÁTICA E HOSPITALIDADE

De acordo com a discussão sobre os princípios da educação escolar no Brasil, após a colonização e na fase pós-independência a escola surgiu como instituição responsável por transmitir os conhecimentos formais aos educandos. O professor era o centro do conhecimento, transmissor do saber, impondo aos alunos regras e teorias impassíveis de contestação, as relações eram marcadas essencialmente por sentimentos de respeito e submissão.

De acordo com Ribeiro (2003) a fase republicana sofreu influência do Positivismo, com princípios de liberdade, laicidade e gratuidade do ensino. Em 1932, educadores passaram a defender a ruptura do sistema educacional tradicional baseada no professor como dono do saber e apresentaram uma proposta de educação norteada pelo respeito ao desenvolvimento dos educandos. Com as mudanças políticas pós-ditadura e o início da democracia no país iniciam discussões que visam a descentralização do saber aos professores, a administração das escolas também passa a ser descentralizada e deixa de ser responsabilidade única do governo e dos gestores educacionais .

A Constituição de 1988 garantiu o princípio da gestão democrática e estendeu aos municípios o direito de organizarem seus sistemas de ensino com autonomia e em regime de colaboração entre si, com os estados e com a União (art. 211). A aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n ° 9394 de 1996 concedeu à escola autonomia pedagógica, administrativa e financeira, visando a gestão participativa como forma de melhoria da educação. O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) também compõe a base das fundamentações para a democratização do sistema escolar.

Cunha (1977) diz que a meta do Estado brasileiro é a “construção de uma sociedade aberta no país, definida como sendo aquela onde inexistam barreiras objetivas que impeçam qualquer indivíduo de realizar suas potencialidades pessoais” (p.51).

Dessa forma, o papel social atribuído à educação está, de um lado, impregnado da ideia de reconstrução individual e, por outro lado, como fator de desenvolvimento social.

As relações deixam de ser verticais (o “dono do saber” - professor para a “tábula rasa”- aluno) e passam a ocorrer de forma horizontal (ambos trocando experiências e conhecimentos para aprimorar o saber). Essas relações também deixam de ocorrer exclusivamente entre professores e alunos e se expandem para todos os envolvidos no

contexto escolar (diretor, assistente de direção, coordenador pedagógico, funcionários em geral, professores, alunos e pais).

O contexto de descentralização da gestão educacional busca o envolvimento da comunidade nas decisões e propostas pedagógicas visando melhorar a produtividade e qualidade escolar do ensino público. O envolvimento dos pais e da comunidade possibilita o trabalho democrático participativo, com a tarefa da organização coletiva.

A gestão escolar democrática, de acordo com Souza (2009) é um processo que não se resume apenas às tomadas de decisões, mas sim à presença do diálogo e da alteridade entre as partes envolvidas, a participação ativa de todos os sujeitos da comunidade escolar, construindo coletivamente as regras e procedimentos a serem adotados para o bem comum.

De acordo com o autor, a gestão democrática não será pautada nas escolhas da maioria, mas sim como “um processo político no qual as pessoas identificam problemas, discutem, deliberam e planejam, encaminham, acompanham, controlam e avaliam” (SOUZA, 2009, p.125); ou seja, realizam ações com o objetivo comum de desenvolver a escola.

Para Souza (2009) a participação na gestão democrática somente ocorrerá a partir do momento em que os envolvidos se apropriarem das práticas realizadas na escola e sentirem que são parte deste processo, conhecendo, avaliando e planejando.

O contexto escolar é constituído por uma organização específica que diz respeito, basicamente, à articulação entre gestores, professores, funcionários, pais e alunos. Para adequar as funções da escola num objetivo mais amplo e mais inclusivo a fim de dar-lhe condições de representar novos papéis a escola tem promovido atividades extracurriculares que concorram para ampliar e aprofundar as relações entre as pessoas envolvidas no processo pedagógico. A associação entre pais, mestres e alunos é um processo relacional que denota um efetivo esforço da escola como alternativa para ampliar e dinamizar o campo de atuação da escola para além de seus limites tradicionais.

O papel essencial dessa abertura da escola para acolher os pais ou responsáveis pelos alunos está em ampliar o campo relacional do processo pedagógico numa interação ativa que favorece a construção de uma parceria de caráter participativo. A função essencial do acolhimento da hospitalidade está na dinâmica da reciprocidade que se estabelece entre as pessoas agregando-as a uma dada comunidade.

“Na experiência da hospitalidade, aquele que acolhe é também acolhido porque, na verdade, acaba por receber a hospitalidade que ele próprio oferece” (BAPTISTA, 2005, p.17). A hospitalidade discutida como um processo de abertura ao outro, recepção e acolhimento,

um ritual de passagem, rito que autoriza a transgressão do limite sem recorrer à violência (RAFFESTIN, 1997).

Baptista (2008) discute sobre o significado da hospitalidade nas múltiplas implicações da relação humana, que é a relação com o lugar e com o outro; retrata os lugares de hospitalidade como lugares de pertença e posse, lugares abertos ao outro e, desta forma, questiona sobre as regras e rituais que marcam a recepção e o acolhimento. A dimensão ética ligada à responsabilidade de existirmos em sociedade que interessa evidenciar importa conseguir promover práticas de cidadania assentadas no valor da hospitalidade, ou seja, no respeito do outro como outro.

A escola é o espaço em que as relações ocorrem também com os diferentes e distantes, colocando as pessoas em situações em que as relações de hospitalidade e acolhimento se diferenciam daquelas vivenciadas com os semelhantes e segundo Boff derivam da “sensibilidade mínima e do sentimento comum de solidariedade” (BOFF, 2005, p.111). Desta forma, são relações em que o acolhimento e a abertura ao outro poderão marcar relações de hospitalidade ou hostilidade.

Ainda segundo Boff (2005), reconhecer a alteridade do outro permite a construção da proximidade e das relações de convivência. A acolhida deve ser respeitosa, vendo no outro o seu próximo.

As discussões sobre hospitalidade parecem responder alguns pontos refletidos na educação e na participação da comunidade para a gestão democrática escolar, pois o contato entre escola e comunidade passa por uma relação interpessoal entre indivíduos de diferentes culturas, que deverão se relacionar e trocar conhecimentos para um bem comum, que no caso da educação infantil, é a educação das crianças.

O próximo capítulo irá abordar estudos mais específicos sobre a hospitalidade para que sejam definidas as categorias de análise da hospitalidade nas ações da Unidade Educacional estudada.

CAPÍTULO 2 HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO E RELAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA

O objetivo do capítulo é evidenciar as possibilidades de compreensão da relação proposta entre escola e comunidade escolar, pela abordagem da hospitalidade e do acolhimento, tendo em vista as propostas da escola objeto de estudo.

2.1 A ESCOLA COMO LUGAR DE HOSPITALIDADE

A hospitalidade é um tema estudado por diversas áreas do conhecimento buscando compreender as relações sociais existentes nos contextos doméstico/privado, público/social e comercial. Antes de evidenciar as possibilidades de compreensão da hospitalidade na escola cabe uma breve contextualização dos estudos realizados.

Camargo (2003) discutiu os domínios da hospitalidade iniciando a questão sobre a substituição do termo hotelaria por hospitalidade na criação do programa de mestrado da Universidade Anhembi Morumbi.

Inicialmente o autor estabeleceu relação entre o tema hospitalidade e disciplinas afins (turismo, comunicação, urbanismo, nutrição, meio ambiente e lazer) para definir os domínios da hospitalidade, abordou que o termo hospitalidade remete normalmente às dimensões de hóspede e anfitrião, sendo muito estudada e discutida nas disciplinas de turismo e hotelaria.

No turismo, sob o aspecto do anfitrião, pensando a hospitalidade nos tempos e espaços em que esta se realiza, os modelos culturais presentes, o público atingido, os equipamentos, a sua engenharia financeira e os recursos humanos; na comunicação, o recorte da comunicação interpessoal; no urbanismo, as expectativas culturais dos residentes nas cidades. Na nutrição,

o ato de comer e suas dimensões, a higiene e a qualidade de alimentos; e no meio ambiente e lazer a preservação e sustentabilidade.

Da relação entre esses recortes, surgiram as questões entre os tempos e espaços nos quais se realiza a hospitalidade e pensando sobre isso o autor foi levado a criar dois eixos de tempos/espaços para delimitação do campo de estudo da hospitalidade: o eixo cultural (ações abrangidas pela noção de hospitalidade) e o eixo social (interação social).

No eixo cultural a hospitalidade envolveria a recepção das pessoas, a hospedagem, a alimentação e o entretenimento. No eixo social seriam as categorias: doméstica, pública, comercial e virtual.

Após discorrer sobre os eixos de delimitação do campo de estudo da hospitalidade, Camargo (2003), retratou que o conceito de hospitalidade (ao longo da experiência do Programa de Mestrado em Hospitalidade), estruturou-se em duas tendências diferentes. A primeira, a escola anglo-saxã, cujo eixo principal é a hospitalidade comercial e a segunda, a escola francesa, que descarta a hospitalidade comercial por caracterizá-la como troca de serviço por dinheiro, a hospitalidade paga, enquanto a “escola” francesa, privilegia a hospitalidade a partir do conceito de dádiva, desenvolvido por Marcel Mauss no Ensaio sobre o dom, de 1923/24 publicado no Brasil em 1974. Os estudos de Gotman dão destaque para a reflexão sobre as políticas públicas ligadas aos migrantes (hospitalidade doméstica e pública). Os estudos franceses fazem uma abordagem cultural, contextualizando de forma histórica e social e entendendo a hospitalidade como processo social e historicamente referido e condicionado.

No Brasil, Camargo (2003), propôs um quadro de categorização dos tempos e espaços da hospitalidade humana, relacionando o eixo social (doméstico, público, comercial e virtual), com o eixo cultural (recepcionar, hospedar, alimentar, entreter) e de acordo com este quadro, arriscou uma nova definição de hospitalidade.

Hospitalidade, do ponto de vista analítico-operacional, pode ser definida como o ato humano exercido em contexto doméstico, público ou profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu hábitat. A interseção de ambos os eixos cria dezesseis campos teóricos para o estudo da hospitalidade humana (CAMARGO, 2003, p. 19).

Nas instituições educacionais seria possível pensar a hospitalidade com base nos estudos franceses, pois a pesquisa objetivou estudar as relações sociais, a qualidade do

encontro, a recepção e o acolhimento, a aproximação e as relações de reciprocidade. Neste sentido, com base nas discussões de Camargo (2003), a hospitalidade na escola poderia ser categorizada no eixo social como público e no eixo cultural como o recepcionar (acolhimento) e entreter (atividades realizadas para alcançar a participação dos pais).

Na gestão democrática escolar, quando a escola busca a entrada e participação dos pais na escola seria possível transpor para esta relação, as relações entre hóspede e anfitrião, onde os profissionais da escola recebem os pais para que estes conheçam e façam parte do processo administrativo e pedagógico. Nestas relações teríamos o acolhimento como a primeira condição de hospitalidade e as atividades de entretenimento como formas de manter os vínculos sociais.

Definindo a escola como lugar de hospitalidade, Baptista (2002) descreve a hospitalidade como modo privilegiado de relação humana, que é marcado pela alteridade e defende como responsabilidade ética a tarefa de fazer da escola um lugar de relação, de diálogo. Ainda neste artigo a autora afirma que a escola ocupa uma posição privilegiada na promoção de valores e que é importante investir na qualidade da relação entre as pessoas, com uma hospitalidade ligada à sensibilidade do ser humano.

Neste sentido, de acordo com as discussões de Baptista (2002) sobre a escola e suas relações como um lugar de hospitalidade, são reforçadas as necessidades de recepção e diálogo com o outro, acolhendo e colocando-se à sua disposição, no entanto, sem perder suas ideias e convicções. As relações ocorreriam no sentido de integrar e não homogeneizar.

Acolher o outro como hóspede significa que aceitamos recebê-lo no nosso lugar, na nossa casa, colocando à sua disposição o melhor que somos e do que possuímos. Contudo a nossa casa continua a ser isso mesmo, a nossa casa (BAPTISTA, 2002, p. 6).

As relações com os pais, não devem intencionar que os mesmos integrem a gestão democrática de forma passiva e cordata, mas sim que se percebam como parte do processo educativo e contribuam para ele com suas diferenças e individualidades, de acordo com as discussões de Baptista (2002), esta abertura pode ser alcançada por meio das relações de hospitalidade.

Salles, Bueno e Bastos (2010), abordaram sobre a importância do estudo da hospitalidade como forma de compreender a complexidade das relações sociais no mundo globalizado. A escola, em sua história, reflete a complexidade destas relações, principalmente

no momento em que busca a participação da comunidade nas decisões da unidade educacional por meio do acolhimento, de ações que proporcionem as relações interpessoais.

“A hospitalidade deve ser apontada como um imperativo para a valorização da qualidade das relações nos espaços sociais, e para dar sentido à vida comunitária”. (BUENO, 2008, p.10).

A abertura ao outro cria espaços de relações interpessoais de respeito e responsabilidade. Ainda de acordo com a autora “o processo de abertura, de recepção e acolhimento inerente às relações interpessoais é sempre tenso, oscilando, paradoxalmente, entre a defesa do “eu” e a necessidade do “outro” (BUENO, 2008, p.11).

Desta forma, surge a necessidade de espaços de hospitalidade para que as pessoas tenham a possibilidade de respeitar e compreender o outro, sem perder sua individualidade. Montandon (2011) aborda que a hospitalidade tem a necessidade de preservar a distância e que cessa onde começa a integração.

Integrar é submeter o outro à minha lei, exigir sua metamorfose, sua transformação [...] A hospitalidade se distingue deste tipo de acolhida integradora pelo respeito da alteridade como tal. (MONTANDON, 2011, p.34)

Neste sentido, de acordo com a afirmação de Montandon (2011), as relações entre os profissionais da escola e os pais não deve ter como objetivo submetê-los às regras e organizações escolares, mas sim permitir que tomem conhecimento do trabalho realizado e, desta forma, participem com suas experiências e necessidades, alcançando o objetivo de democratização escolar.

Na relação com o outro é necessário transpor sua individualidade e sua cultura para conviver e se relacionar e desta forma, ultrapassa-se a barreira interna para a externa (o outro), confrontando culturas diferenciadas, implicando na aceitação das regras do outro e explicitação de suas próprias regras. De acordo com Montandon (2011), a transposição deste limite, a soleira, é a linha de demarcação de uma “intrusão” e segundo o autor “o gesto da hospitalidade é, de início, o de descartar, a hostilidade latente de todo ato de hospitalidade” (MONTANDON, 2011, p.32).

Baptista (2005) retrata também a hospitalidade como competência prática, como marca da relação interpessoal, devendo estar presente em todos os âmbitos da vida humana; para isso a autora discute sobre a necessidade de instituir laços de proximidade que ajudem a consolidar as relações humanas.

A hospitalidade como forma de viver em sociedade, de “transpor a soleira”, práticas de acolhimento que permitam tornar as relações mais próximas e humanas. Baptista (2002) afirma que a hospitalidade permite uma distância e ao mesmo tempo uma proximidade entre as pessoas e sugere a necessidade de transformar espaços de urbanidade em lugares de hospitalidade, uma hospitalidade baseada no carinho e sensibilidade. Em outro artigo, Baptista (2002) retrata a importância de estimular o diálogo como forma de estabelecer uma relação com o outro, valorizando a partilha de ideias, de sentimentos e saberes. O diálogo com a capacidade de escuta e de respeito ao mundo interior do outro, criando lugares de proximidade. As relações estabelecidas na escola necessitam desta cultura escolar humanista para que a organização democrática seja eficiente.

Montandon (2011) também lembra que a hospitalidade é uma forma de viver em conjunto, com regras fixas, ritos e leis, retratando que a hospitalidade não se reduz à recepção e abrigo, mas sim também à relação interpessoal, ao vínculo social, com valores de solidariedade e sociabilidade.

Para Grassi (2011), a hospitalidade se apresenta como uma ponte estabelecida entre o meio exterior e interior, uma tentativa de igualar algo ou uma relação, implica obrigatoriamente em transpor um espaço e estabelecer rituais de acolhimento.

De acordo com Camargo (2015) a Hospitalidade é uma virtude que se espera entre pessoas, ou seja, relações de convivência e cordialidade com o outro durante um encontro. Na Hospitalidade importa o contato harmonioso com o outro, envolvendo a troca entre aquele que recebe (anfitrião) e aquele que é recebido (hóspede). Na atualidade, o foco do estudo sobre Hospitalidade relaciona-se com as formas de recepção e relações interpessoais no mundo globalizado e capitalista discutindo de que forma ela está inserida neste contexto.

A hospitalidade, mais do que um fato observável, é uma virtude que se espera quando nos defrontamos com o estranho (e todo estranho é também um estrangeiro), alguém que ainda não é, mas deve ser reconhecido como o outro. Tudo se passa como se o sentido mais importante da noção seja perguntar-se se esse encontro resultou em estreitamento ou esgarçamento do vínculo social de início buscado. (CAMARGO, 2015, p.44)

Ainda neste artigo Camargo discute sobre a Hospitalidade na relação interpessoal como o resgate das relações sociais em ambientes cada vez mais inóspitos do mundo contemporâneo, ou seja, retrata a necessidade de recriação de vínculos que estão se rompendo em decorrência da atual sociedade.

Jamur (2008) cita os avanços no desenvolvimento material e tecnológico das sociedades contemporâneas e discute que esta série de transformações criaram situações em que os laços de hospitalidade passaram a se distender, gerando transformações e rupturas, ocasionando um movimento contraditório de aproximação e afastamento em relação ao outro. A autora cita que da mesma forma que o avanço tecnológico possibilita o encurtamento das distâncias, também as modificações econômicas aumentam a desigualdade, fortalecendo sentimentos de rivalidade, desconfiança, hostilidade. Estas discussões apontam a necessidade de estabelecer movimentos de acolhimento que possibilitem a identidade coletiva, reconhecendo a importância do respeito à alteridade.

É fundamental conhecer as representações sociais dos indivíduos e grupos, compreender os processos pelos quais elas se constroem e como, através delas, os atores sociais podem adquirir conhecimentos e integrá-los num quadro de valores que tem significação para eles (JAMUR, 2008, p.26).

A escola é uma instituição em que as relações sociais afloram constantemente por diferentes representações sociais, desta forma, torna-se necessário o cuidado para que a alteridade não seja transformada em uma representação social preconceituosa, cristalizada. O respeito à alteridade deve ocorrer de forma responsável e respeitosa, partindo do acolhimento e abertura ao outro.

O acolhimento pode ser considerado como o primeiro contato do meio exterior com o meio interior, a recepção do outro, no entanto, Binet-Montandon (2011) discutem que não existe hospitalidade sem acolhida, porém a acolhida desrespeitosa, sem preservar a individualidade e distanciamento do estrangeiro pode transgredir a ética da hospitalidade. Neste sentido, a forma de acolhimento poderá direcionar as relações estabelecidas para integrar a comunidade nas atividades escolares, no entanto, com o cuidado de não transgredir as regras da individualidade e do respeito.

Baptista (2008) define que lugares de hospitalidade são lugares abertos ao outro, questionando sobre quem são esses outros que estamos dispostos a receber e acolher e quais

seriam as regras e rituais que demarcariam essa recepção e esse acolhimento. A escola é um espaço que tem como objetivo a gestão democrática escolar, e nesta gestão torna-se necessário a abertura aos pais e toda comunidade envolvida na educação, o acolhimento e a recepção da comunidade chama os envolvidos para um trabalho de encontros e relações interpessoais que poderão ser marcados por hospitalidade ou hostilidade. De acordo com a autora, “acolher alguém de forma hospitaleira significa abrir o espaço próprio sem reservas ou desconfianças” (BAPTISTA, 2008, p.8). A escola pode ser considerada um espaço de hospitalidade, pois estabelece relações em que as pessoas necessitam abrir-se ao outro sem perder sua identidade, estabelecer laços de reciprocidade e sociabilidade, ou seja, exercita experiências de convívio com diferentes culturas e identidades.

A escola como espaço de constantes e variadas relações interpessoais, ao objetivar a participação da família na gestão democrática escolar necessita oportunizar um ambiente acolhedor, que permita que a família seja capaz de transpor a soleira, ocorrendo o encontro, a abertura ao outro, a possibilidade de momentos de aprendizagem e troca de experiências (fruição), estabelecendo uma relação ética e respeitosa. Essa relação vai de encontro aos princípios da hospitalidade enquanto dádiva e acolhimento; é necessário instituir laços de proximidade, oportunizando que o encontro e a relação sejam vivenciados com hospitalidade, gerando frutos significativos, formando indivíduos conscientes, que reconheçam seus direitos e deveres, exercendo de forma plena a cidadania.

2.2 ACOLHIMENTO

Maciel (2015) relacionou o conceito de Hospitalidade e sua dimensão quanto ao acolhimento, focalizando trabalhos realizados por instituições de educação infantil da Prefeitura de São Paulo para um maior envolvimento da família na escola e observou que o acolhimento é uma forma de conhecer o outro, respeitá-lo nas suas diferenças, “ir além dos seus próprios anseios e princípios para alcançar objetivos comuns, que favoreçam a maioria envolvida” (MACIEL, 2015, p.164).

Ainda de acordo com a autora, o acolhimento parece ser um aspecto preponderante no relacionamento entre a escola e os pais, aproximando as pessoas, despertando sentimentos de confiança e parceria para o alcance de objetivos comuns. Cabe à instituição escolar buscar formas de acolhimento que sejam eficazes para o trabalho em coletividade. O trabalho de Maciel (2015) apresentou como objetivo principal analisar dados secundários sobre a Educação Infantil no que diz respeito à participação dos pais nas atividades e decisões escolares, ou seja, na gestão democrática da escola, buscando relacioná-los com a Hospitalidade na dimensão do acolhimento.

Analisando os relatos de experiências dos gestores das instituições pesquisadas, foram encontrados resultados sobre a necessidade de abrir espaços para ouvir as famílias por meio de acompanhamento do trabalho desenvolvido e de realização de avaliações investindo na formação de cidadãos participativos; que o relacionamento entre pais e escola deve ser pautado na perseverança e crença em princípios comuns como a democracia e a qualidade de educação; ações envolvendo o acolhimento diário, a escuta do outro, a análise e reflexão dos conflitos de forma mais objetiva, com os momentos de escuta dos pais; redução das expectativas sobre a participação dos pais somente nas reuniões formais, mas sim priorização da riqueza das interações rotineiras (comentários espontâneos na agenda, envio de materiais para projetos de pesquisa desenvolvidos com as crianças); necessidade de acolhida aos pais durante o ano todo, proporcionando momentos de avaliação da comunidade no trabalho da escola.

Os resultados apresentados corroboraram com a importância do acolhimento, da escuta do outro, da necessidade dos laços de proximidade que são citados por autores que discutem sobre a hospitalidade (Baptista, 2005; Camargo, 2015).

O acolhimento é um tema citado em alguns trabalhos da Secretaria de Educação de São Paulo (2010) como um aspecto fundamental para o envolvimento dos pais nas atividades e decisões escolares, possibilitando o exercício da gestão democrática. O trabalho foi direcionado a gestores de Centros de Educação Infantil (CEI) e Escolas de Educação Infantil (EMEI), e tinha como objetivo refletir sobre o cotidiano escolar para uma melhor compreensão das relações estabelecidas entre escola e comunidade, considerando os pontos de aproximação e distanciamento nessa interação.

O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998) retrata sobre a importância do acolhimento, principalmente na entrada da criança à Instituição. Este é um momento que pode criar muita ansiedade para as crianças e seus pais, o Referencial cita que a

entrevista de matrícula pode ser utilizada para esclarecer informações sobre o atendimento da instituição, os objetivos do trabalho e a concepção de educação adotada; este momento também pode ser utilizado para que os pais ou responsáveis compartilhem com a escola os hábitos da criança e da família, estabelecendo um contato mais próximo entre escola e família.

Acolher os pais com suas dúvidas, angústias e ansiedades, oferecendo apoio e tranquilidade, contribui para que a criança também se sinta menos insegura nos primeiros dias na instituição. [...] Antes de tudo é preciso estabelecer uma relação de confiança com as famílias, deixando claro que o objetivo é a parceria de cuidados e educação visando o bem estar da criança (REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL, 1998, p.80).

“A acolhida pode ser definida de fato como o momento inaugural e decisivo da hospitalidade” (BINET- MONTANDON, 2011, p.1171). Nesta afirmação, a autora busca relacionar a acolhida e o tempo, os rituais de contato e de passagem em que a pessoa que recebe acolhe o outro. No ambiente escolar esta reflexão pode ser transposta para os integrantes da escola (gestores, professores e demais funcionários), com a recepção das crianças e de seus pais ou responsáveis. A maneira como se dá o acolhimento será decisivo para as relações de hospitalidade ou hostilidade entre eles. As relações são fortemente influenciadas pelo contato inicial, o momento em que o outro transpõe seu ambiente, “sua casa”, para fazer parte ou se relacionar com pessoas inseridas em uma outra comunidade.

As reflexões sobre o Acolhimento são importantes para que as relações ocorram de forma harmoniosa, buscando compreender o outro na sua diferença, respeitando e se dispondo a se relacionar para um bem comum, que no caso da escola é a educação.

O conceito empregado por Binet-Montandon (2011) sobre a acolhida é o que será empregado para observação das atividades realizadas na Unidade Educacional pesquisada; associado ao momento inicial que é o acolhimento, serão observadas as relações no que diz respeito ao conhecimento da cultura do outro e a alteridade.

Baptista (2003) discute a paz como competência ética, em um movimento de romper com o egoísmo e a intolerância, aprendendo a modificar ideais e rotinas por meio da abertura que a alteridade proporciona. Neste sentido a autora defende que a educação tem como tarefa

proporcionar a integração entre diferentes situações, estimulando a aprendizagem de conviver , partilhando, dialogando e desenvolvendo comportamentos de cidadania.

Ainda sobre alteridade, Perez (2004) acredita que a tarefa da educação é desenvolver práticas de convivência e solidariedade pensando a escola como um espaço que agrega diferentes culturas, com diferentes formas de organização. Desta forma, conclui que uma educação fundada na diferença e na inclusão deve ser entendida como abertura ao outro, alteridade, possibilidade de cooperação e reciprocidade, que para a autora se traduz como atitudes de solidariedade.

Camargo (2015) trata de quatro componentes que acredita serem essenciais no conceito da hospitalidade; a relação humana, a virtude, o ritual e a troca. Na educação estes componentes podem ser observados de forma constante, com possibilidades de alcançar a participação dos pais na gestão escolar e nas atividades desenvolvidas. O acolhimento seria o processo inaugural do encontro, no entanto, com necessidade de estar presente em todas as ações propostas como um ritual de recepção, com trocas de experiências, ideais e culturas, visando uma relação humana baseada na solidariedade e cidadania.

Estes conceitos também serão empregados para estudar as ações da Unidade Educacional pesquisada.

2.3 RELAÇÃO FAMÍLIA ESCOLA

A relação entre família e escola é um tema sempre muito discutido nas literaturas referentes à educação, pois são considerados alicerces para a mesma, principalmente na educação infantil, onde a criança deixa de fazer parte de um único universo que é a família e inicia seu trajeto em uma nova comunidade, a escola.

A orientação normativa nº 01/13 da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo, de 2013, considera a participação da família, de alta relevância para o desenvolvimento das crianças e promoção do trabalho democrático participativo; para garantia da participação

efetiva, defende a necessidade de buscar momentos produtivos de encontro, com condições para trocas e interações, ou seja, garantia de que as famílias se apropriem da escola como espaço de convivência, cultura e lazer. “A Educação Infantil como espaço socioeducativo, democrático e coletivo deve considerar as famílias” (ORIENTAÇÃO NORMATIVA, 2013, p.18). A ação educativa entre a família e a escola são complementares, partilhando responsabilidades e estabelecendo relações sociais que proporcionem ações em prol do desenvolvimento infantil.

O Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) também aponta para a importância da relação entre as instituições e as famílias. O documento trata das relações conflituosas entre elas, decorrentes de concepções equivocadas e discriminatórias, de padrões preestabelecidos de famílias e aborda a necessidade da valorização e conhecimento das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais, respeitando os vários tipos de estruturas familiares.

A relação com o outro e a participação serão possíveis a partir do momento em que as diferenças sejam conhecidas e respeitadas. O acolhimento é um tema citado em trabalhos da Secretaria Municipal de Educação (Cadernos da Rede – formação de gestores) como uma das formas de envolvimento da família na comunidade escolar. Nestes trabalhos, gestores de algumas instituições educacionais da rede municipal de ensino realizam reflexões sobre as ações da escola para envolver as famílias na participação de atividades escolares e de que forma o acolhimento influencia nesta participação.

A escola, considerada como a segunda comunidade da qual a criança faz parte em sua trajetória social necessita da participação da família para atuar de forma efetiva nas relações sociais estabelecidas. Ainda no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (1998) é abordada a importância do acolhimento das diferentes culturas familiares, compreendendo o que acontece com as famílias, entendendo seus valores disciplinares, hábitos de higiene, formas de se relacionar com as pessoas. De acordo com o documento as escolas devem servir de apoio efetivo às crianças e sua famílias, respondendo às suas necessidades, evitando julgamentos moralistas, pessoais ou preconceituosos.

Baptista (2004) destaca a importância do trabalho de parceria entre família e escola, que devem ser observadas como instituições cooperantes, vivenciando o diálogo e a responsabilidade comum, centradas no educando. As relações entre instituição educacional e comunidade, alicerçadas pelos conceitos de hospitalidade. De acordo com a autora as

“comunidades possuem uma pluralidade imensa de recursos educativos, formais e não-formais. Importa então valorizar estes recursos, colocando-os ao serviço das necessidades de formação de cada cidadão” (BAPTISTA, 2005, p.28).

Luck (2010) acredita que os pais, em geral, exercem pouca participação na determinação dos acontecimentos da escola e que os dirigentes, mesmo indicando esta como uma das principais dificuldades, não se preocupam em discutir e buscar soluções para este problema. A partir desta discussão o autor relatou ainda um trabalho para promover a superação dessa dificuldade com encontros, reuniões e palestras para integrar as famílias ao cotidiano escolar. Como resultado deste trabalho a escola alcançou uma grande participação dos pais nas atividades desenvolvidas. O autor acrescenta ainda que em pesquisas internacionais, a participação dos pais têm sido um dos indicadores mais significativos na determinação da qualidade do ensino.

O documento sobre as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) discorre sobre a necessidade do envolvimento da família na proposta pedagógica e curricular da Educação Infantil, assegurando espaços e tempos para participação, diálogo e escuta cotidiana das famílias. De acordo com o mesmo, os educadores necessitam compreender a participação das famílias como parceiras, acolhendo as diferentes formas de organização familiar, respeitando as opiniões dos pais sobre seus filhos e utilizando suas propostas e aspirações como parte do planejamento pedagógico.

Nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013), um ponto inicial do trabalho de aproximação com a família seria no período de adaptação e acolhimento, oportunizando que os pais pudessem falar sobre seus filhos e suas expectativas com relação ao atendimento escolar; outro ponto fundamental do trabalho com as famílias estaria na participação das mesmas no que diz respeito à proposta pedagógica e acompanhamento do desenvolvimento das crianças.

O importante nestas reflexões seria assumir a relevância da conscientização da família sobre seu papel na vida escolar das crianças, conhecendo e fazendo parte do ambiente escolar, vivenciando as atividades e percebendo que suas aspirações e sugestões podem ser utilizadas como parte do projeto da escola.

Baptista (2006) aponta que a comunidade, ao respeitar e se abrir à escola estará ganhando em autoridade e autoconhecimento, num contexto mais amplo de cidadania, pois a

escola funciona como um lugar de encontro com outras culturas e outros modos de vida. As trocas realizadas nesta relação social serão possíveis a partir do momento em que as famílias percebam sua importância na participação das atividades escolares.

Perrenoud (2000) enfatiza a importância no diálogo com os pais para estabelecer relações de confiança, com comportamentos que minimizem os preconceitos, suspeitas e críticas, fortalecendo as relações e o respeito às diferenças. O autor destaca a complexidade das relações entre famílias e escola e relata que a capacidade de cada parceiro considerar o ponto de vista e as expectativas do outro é uma competência observada nas situações de êxito. As considerações sobre o respeito às diferenças e às expectativas do outro vêm de encontro a importância do acolhimento e das relações de hospitalidade discutidas no início do capítulo.

Quando os parceiros compreendem que o diálogo não dura, a não ser que cada um entenda o ponto de vista do outro e não exagere em suas expectativas, descobrem que a colaboração é não somente possível, mas fecunda, o que desenvolve a confiança mútua (PERRENOUD, 2000, p. 113)

Ainda de acordo com o autor, “informar e envolver os pais é, portanto, uma palavra de ordem e, ao mesmo tempo, uma competência” (PERRENOUD, 2000, p.114). O professor deve ganhar a confiança dos pais, não basta reclamar esta confiança como um direito, por ser o profissional qualificado, informado e formado. A relação de confiança ocorrerá no dia a dia, com espaços de diálogo e informações.

Heidrich (2009) destacou que o relacionamento entre a família e a escola chega a ser ambíguo, pois muitos gestores e docentes, embora reclamem da falta de participação dos pais na vida escolar dos filhos não se mostram confortáveis quando algum membro da comunidade cobra ou questiona a rotina escolar. De acordo com o autor a escola foi criada para servir a sociedade e tem obrigação de prestar contas do seu trabalho, explicando o que faz e criando mecanismos para que a família acompanhe a vida escolar das crianças. Em seu artigo elaborou uma lista de ações objetivando um relacionamento de qualidade com as famílias e estas ações iam desde o acolhimento no início do ano letivo até atividades de integração social.

No acolhimento do início do ano, Heidrich (2009) propôs a apresentação da escola e dos funcionários, entrevista com os pais e alunos para conhecimento do público a ser trabalhado e participação da comunidade no projeto político pedagógico. Quanto às reuniões

de pais, destacou que uma pauta focada no processo de ensino e horários adequados para conversar com os pais são fatores abordados como beneficiários ao diálogo e troca de informações. A comunicação com visibilidade à produção dos alunos e informações sobre o andamento da escola foram procedimentos adotados como forma de valorizar a aprendizagem e demonstrar respeito e transparência aos pais e a comunidade. Outro aspecto apontado pelo autor foram maneiras de incentivo à organização de pais com constituição de Associação de Pais e Mestres como forte aliada para as decisões da escola e incentivo à participação no Conselho de Escola. Para proporcionar o convívio social mais eficiente foram sugeridas as seguintes atividades: disponibilização de espaços para realização de eventos (local público para uso da comunidade), palestras e debates formativos para pais e comunidade, visitas nas casas das famílias dos alunos, ampliando o olhar sobre a comunidade e a promoção de festas e comemorações envolvendo pais, alunos e escola.

As atividades sugeridas possibilitam a integração das famílias no cotidiano da escola, esta integração possibilita o conhecimento e este fortalece a participação efetiva, este foi um aspecto apontado pela diretora da Unidade Educacional pesquisada como ponto positivo para efetivar a participação ativa dos pais.

Juliatto (2007) destaca na escola seu aspecto formal/empresarial e o aspecto mais humanizador/flexível, ressaltando que seria necessário considerá-la menos como organização formal e mais como comunidade. De acordo com o autor a escola é o lugar onde as pessoas podem aprender sobre como viver em grupo de forma autônoma, responsável e colaborativa, desta forma, é necessário criar comunidades que vivenciem esses valores. “Educar é, em essência, criar espaço para o conhecimento da realidade e para que a busca da verdade seja assumida por todos, mestres e alunos” (JULIATTO, 2007, p.27).

Ainda de acordo com o autor a educação acontece mais facilmente em um ambiente de família e comunidade, porém não em uma expressão sentimentalista, mas sim no seu sentido prático e objetivo; ressalta que o importante é que as pessoas se aproximem umas das outras por um objetivo e aponta elementos importantes no relacionamento comunitário como trabalho conjunto, diálogo e tempo para ouvir, aceitação dos pares, apoio mútuo, cooperação sem competição, honestidade e respeito às opiniões, aceitação da crítica honesta e esforço de todos para o alcance de uma visão de conjunto e objetivos comuns.

Numa comunidade, as pessoas se interessam umas pelas outras e demonstram cuidado mútuo; sentem-se incluídas e as suas diferenças são

respeitadas; estão unidas porque se sentem interdependentes, com objetivos comuns e obrigações recíprocas (JULIATTO, 2007, p.48).

A estrutura de uma comunidade e seu funcionamento efetivo é complexo e envolve relações sociais de conhecimento e partilha, com objetivos comuns e respeito às diferenças, o envolvimento e a participação da família na escola é um tema muito abordado, principalmente na educação infantil, o envolvimento da família na rotina escolar associado a importância do acolhimento geralmente são destacados como forma de alcançar esta participação. As relações de hospitalidade, no que diz respeito ao acolhimento, alteridade, aproximação, escuta e conhecimento da cultura do outro parecem ser essenciais para alcançar a participação da comunidade nas atividades escolares e na sua gestão administrativa.

CAPÍTULO 3 UNIDADE EDUCACIONAL PESQUISADA: ATÉ QUE PONTO AS AÇÕES DE HOSPITALIDADE/ACOLHIMENTO TORNAM POSSÍVEL A GESTÃO DEMOCRÁTICA ENTRE A ESCOLA E A COMUNIDADE?

O objetivo do presente capítulo é caracterizar a metodologia utilizada para realização da pesquisa e apresentar os resultados da mesma, relacionando o conteúdo teórico pesquisado com as ações práticas estabelecidas na unidade educacional utilizada como objeto do trabalho.

3.1 METODOLOGIA

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo, pois parte de questões que envolvem a obtenção de dados descritivos sobre um lugar, que é a escola e a relação das pessoas envolvidas neste espaço, buscando descrever e analisar um problema pouco conhecido, a hospitalidade nas relações de uma instituição educacional.

Godoy (1995) indica que a pesquisa seja denominada como qualitativa quando o problema de pesquisa é pouco conhecido, de cunho exploratório e o estudo é de caráter descritivo, buscando a compreensão do processo como um todo. Desta forma, com base nas características do estudo realizado, este se classifica como uma pesquisa qualitativa.

A abordagem qualitativa “além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos, referentes a grupos particulares, propicia a criação de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação” (CAVALCANTE; CALIXTO e PINHEIRO, 2014, p.14).

O critério de escolha dessa unidade educacional foi o da “conveniência da pesquisadora”, na medida em que se trata de uma escola cujo trabalho é de conhecimento do pesquisador há alguns anos, e que contrasta com outras escolas que não desenvolvem ações de envolvimento dos pais na gestão escolar. Considerou-se que essa escola representa um diferencial na tentativa de efetivar a proposta da “gestão democrática e participativa” e que as

ações desenvolvidas pela escola têm funcionado como fator de mudança nas relações entre o grupo de pais e alunos e a própria escola.

Para realização do estudo, inicialmente foi solicitada autorização ao diretor da unidade educacional, este informou ao supervisor de ensino que enviou cópia de um memorando sobre os procedimentos a serem adotados para realização da pesquisa (anexo 2). O diretor recebeu uma carta de autorização para realização da pesquisa e assinou o termo de consentimento (anexo2).

Após entrega das documentações solicitadas foi iniciada pesquisa sobre os documentos da Unidade Educacional no que diz respeito ao histórico de criação da escola, delineamento geográfico, caracterização do bairro, projeto político pedagógico e ações realizadas para atingir o projeto pedagógico estabelecido.

Na análise da documentação da unidade educacional para delineamento das ações propostas pela escola e das atividades realizadas por ocasião das reuniões de pais, utilizou-se de registros de atas de reuniões, do Projeto Político Pedagógico, do Plano de Metas, fotos, vídeos e comunicados fornecidos aos pais. Essa fase consistiu também na observação *in loco* das atividades desenvolvidas pela unidade educacional envolvendo os pais, educadores e crianças e na participação efetiva nas reuniões e atividades promovidas pela escola.

As ações realizadas pela Unidade Educacional (UE) foram acompanhadas pessoalmente pelo pesquisador, desde sua elaboração até a execução das mesmas. Os registros fotográficos foram fornecidos pela escola.

Em outra etapa foi realizada coleta de dados sobre a percepção dos principais sujeitos envolvidos nas relações examinadas, professores, pais de alunos e gestores; aplicou-se um roteiro de entrevista semiestruturada a cada um desses segmentos utilizando-se a técnica da entrevista por “grupo focal”, cujo objetivo foi provocar uma reflexão e avaliação da forma como esses diferentes segmentos estão envolvidos, se comportam e percebem as relações entre escola e comunidade, no contexto da participação dos pais na proposta de gestão democrática escolar.

A opção pelas entrevistas semi-estruturadas com a realização dos grupos focais ocorreu pela dinâmica grupal que essa técnica acarreta, proporcionando um espaço de discussão que as entrevistas individuais podem não evidenciar da mesma forma. De acordo com Bauer e Gaskell (2002), o grupo focal consiste numa técnica de entrevista que permite

que o entrevistador atue como moderador, catalisador da interação entre os participantes, e que explore atitudes, opiniões e comportamentos. A técnica permite observar processos de consenso e divergência. Geralmente, no grupo focal, os assuntos são de interesse público e preocupação comum.

Durante as entrevistas semiestruturadas, o primeiro grupo focal foi realizado com os gestores, tendo participado a diretora da Unidade Educacional, a Assistente de Direção e a Coordenadora Pedagógica. Para a realização da entrevista foi elaborado um roteiro de questões para incentivar a fala dos entrevistados, o entrevistador atuou como moderador, estimulando os entrevistados por meio dos questionamentos, estabelecendo uma “conversa” sobre o assunto. A entrevista foi gravada para posterior transcrição e análise das discussões.

O grupo focal realizado com os pais foi subdividido em pequenos grupos em decorrência da quantidade de pais, foram entrevistados um total de 28 pais ou responsáveis e agrupados em 5 grupos focais com aproximadamente 5 a 7 pessoas. As entrevistas ocorreram no dia em que a escola estava realizando sua mostra cultural; a entrevistadora, após as apresentações das crianças convidava os pais para uma sala explicando que realizaria uma atividade de pesquisa. Inicialmente a participação voluntária foi mínima, no entanto, com vários avisos e convites durante todo período da mostra (9-16hs) foi possível realizar seis grupos focais.

O terceiro grupo focal foi realizado com os professores, foram subdivididos em dois grupos para atender o horário de trabalho dos docentes. As entrevistas foram realizadas com 11 professores da escola. O quadro de funcionários é composto teoricamente por 21 professores, no entanto, destes, quatro acumulam cargo (trabalham em dois períodos na escola). Sendo assim, seriam 17 professores a serem entrevistados, no entanto, como era um dia em que não houve atendimento para as crianças, alguns tinham agendado falta para consulta médica e outros já estavam de licença.

Nas entrevistas (anexo 1) a pesquisadora atuou como mediadora, foram realizadas questões centrais sobre a participação dos pais nas atividades realizadas na escola, de que forma os entrevistados avaliavam essa participação, quais seriam as formas de acolhimento realizadas na escola, como percebiam este acolhimento, quais as dificuldades encontradas. Os entrevistados, por meio das questões discutiram sobre os aspectos destacados; todas as entrevistas foram gravadas com permissão por escrito dos entrevistados para posterior transcrição e análise.

Todos os participantes das entrevistas receberam uma carta de informação sobre a pesquisa (apêndice 1 e 2) e assinaram termo de consentimento(anexo 2).

Finalizadas as entrevistas e a pesquisa documental foi realizada análise dos dados coletados com o objetivo de entender, nas relações de acolhimento e hospitalidade entre escola (entendida como anfitriã) e comunidade de pais de alunos (entendida como hóspede, convidada) dentro da proposta de gestão democrática e participativa, o peso dessas relações nos resultados dos trabalhos escolares e na própria gestão.

Para organização e análise das entrevistas foi realizada a Análise de Conteúdo, descrita por Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014). De acordo com os autores a análise de conteúdo se constitui de técnicas que buscam descrever o conteúdo presente no processo de comunicação que pode ser oral ou escrito. Na pesquisa realizada, as entrevistas ocorreram oralmente e posteriormente foram transcritas para análise.

De acordo com a proposta dos autores, após a transcrição das entrevistas foi realizada a etapa de exploração do material buscando encontrar expressões ou falas que funcionassem como categorias para classificação e agregação de dados. Destacados os materiais encontrados nas entrevistas foi elaborado um quadro para categorização das respostas, baseados nas falas quanto à participação dos pais, acolhimento, relações sociais na unidade educacional (entre família e funcionários da escola) e voz na discussão.

Por meio desta categorização o pesquisador teve como possibilidade a interpretação das respostas coletadas inter-relacionando-as com o referencial teórico estudado.

Na pesquisa qualitativa, de acordo com Cavalcante, Calixto e Pinheiro (2014) é importante ressaltar que a análise de conteúdo não tem como foco a quantificação dos dados, mas a subjetividade das relações e suas interlocuções na relação social. Desta forma, mesmo não objetivando a quantificação, as falas destacadas pelos entrevistados foram aquelas que surgiram na maioria das entrevistas e estavam relacionadas com o foco da pesquisa.

3.2 DELINEAMENTO DA UNIDADE EDUCACIONAL (UE)

De acordo com a Secretaria Municipal de Educação (SMESP 2016) a educação infantil pública na cidade de São Paulo reúne cerca de 410.000 crianças de zero a 5 anos e 11 meses. A partir dos 6 anos, a criança ingressa no Ensino Fundamental.

Na educação infantil, os educadores têm como função garantir às crianças condições de vivenciarem cotidianamente experiências ricas e diversificadas, com diferentes materiais, em relações que valorizem sua história.

Ainda de acordo com a SMESP, a relação com a família e com a Unidade Educacional é essencial para construção da identidade da criança. Na educação infantil, o cuidar e o educar devem levar em consideração todas as etapas do desenvolvimento individual e sociocultural das crianças.

Na cidade de São Paulo, há cinco tipos de unidades públicas destinadas à educação infantil: CEIs (Centro de Educação Infantil e Creches Conveniadas) que atendem crianças de 0 a 3 anos; EMEIs (Escola Municipais de Educação Infantil) que atendem crianças de 4 a 5 anos; CEMEI (Centro Municipal de Educação Infantil) que recebe crianças de 0 a 5 anos; CEIIs (Centro de Educação Indígena), que integram os CECIs (Centro de Educação e Cultura Indígena) e trabalham com crianças de 0 a 5 anos e as EMEBS (Escola Municipais de Educação Bilíngue para Surdos), que cuidam de crianças de 4 a 14 anos.

Atualmente as escolas municipais de educação infantil estão distribuídas em treze DREs: Butantã, Campo Limpo, Capela do Socorro, Freguesia do Ó/Brasilândia, Guaianazes, Ipiranga, Itaquera, Jaçanã/Tremembé, Penha, Pirituba, Santo Amaro, São Mateus e São Miguel Paulista.

As EMEIs são Unidades Educacionais com profissionais, edifício e bens móveis da Prefeitura, que atendem crianças de 4 a 5 anos e 11 meses. A escola pesquisada é uma EMEI. Na maioria das Unidades Educacionais, o atendimento acontece em dois turnos diurnos e, em algumas, há atendimento em período integral. De acordo com a SMESP (2016) a secretaria administra 533 EMEIS, que reúnem 200.000 crianças.

A Escola Professora Edalzir Sampaio Liporoni é uma escola de Educação Infantil da Prefeitura Municipal de São Paulo pertencente à Diretoria Regional de Ensino (DRE) Jaçanã/Tremembé. A Diretoria Regional de Ensino Jaçanã/Tremembé fica localizada no distrito Tucuruvi da Subprefeitura Santana/Tucuruvi, São Paulo-SP e sua jurisdição abrange

os bairros de Vila Maria, Vila Guilherme, Vila Medeiros, Tucuruvi, Mandaqui, Santana, Tremembé, Jaçanã.

O bairro de inserção da escola está localizado na zona nordeste da cidade de São Paulo, situado no distrito de Vila Maria, administrado pela subprefeitura da Vila Maria / Vila Guilherme.

Segundo Sposati (1998), a exclusão social não pode ser considerada como sinônimo de pobreza porque a primeira se refere à discriminação, estigmatização, abandono, ausência de cidadania, enquanto a pobreza é uma situação de obtenção e quantidade de bens. Para construir uma concepção concreta de exclusão/inclusão social em São Paulo, a autora destacou como necessário a configuração de quatro utopias de inclusão social e por meio desta configuração discutiu conceitualmente situações de exclusão e suas formas de expressão que são utilizadas neste quadro para traçar o perfil da comunidade estudada.

SITUAÇÕES DE EXCLUSÃO	BAIRRO PARQUE VILA MARIA
Viver em precária qualidade de vida urbana, poucos serviços instalados e difíceis condições de acesso aos serviços.	- Ruas estreitas, asfaltadas de forma precária, sem calçadas, faixas de pedestres e/ou semáforos. - Linhas de ônibus restritas
Vivência sobre situação de sofrimento e violência sob crise social.	- Comunidade aparentemente pacífica, porém com histórico de passado violento, mortes e assaltos à pessoas não pertencentes à comunidade.
- Presença de movimentos e grupos de luta contra a exclusão social e pelos direitos humanos e sociais gerais e das minorias	- Presença de conselho tutelar, conselho participativo, instituição não governamental de auxílio educativo para crianças.

Quadro 1- Comparação das situações de exclusão apontadas por Sposatti (1998) e a realidade do bairro, objeto de estudo.

Fonte: Sposatti (1998)

Finalizando e ainda contextualizando a situação do bairro Parque Vila Maria nas referências sobre a urbanização de São Paulo, o artigo de Izique (2003) retoma as discussões de Sposati (1998) sobre as situações de exclusão e publica a topografia perversa e o ranking de exclusão dos bairros de São Paulo. Na topografia perversa, para cada um dos indicadores de qualidade de vida foram atribuídas notas decimais negativas e positivas, variando de -1 a 1, sendo zero o padrão de inclusão social. Os distritos foram classificados nesses intervalos e de acordo com este critério, o lugar de maior exclusão é o bairro de Jardim Ângela, com índice -1; o bairro de maior índice de inclusão social é o de Moema,

com +1. O bairro de Vila Maria tem o índice de -0,24, localizando-se em uma região intermediária.

Nas décadas de 1930 e 1970 a região recebeu um grande número de imigrantes portugueses, em 1951 cerca de 70% da população era portuguesa e atualmente menos de 20%. A ocupação da região ocorre atualmente, principalmente por migrantes do norte / nordeste e imigrantes bolivianos. O bairro apresenta-se totalmente urbanizado, com média densidade comercial, grande volume de pequenos comerciantes, transportadoras e prestadores de serviços. As enchentes que eram frequentes foram minimizadas e em alguns locais extintas (retificação e desassoreamento do rio Tietê).

De acordo com os dados obtidos por meio da observação da pesquisadora e de relatos da comunidade o bairro apresenta características de exclusão social, mesmo localizada em região não periférica, as moradias apresentam poucas condições de espaço, sem planejamento urbanístico profissional; instalações de água e esgoto em condições precárias, dificuldades de circulação de pedestres e automóveis (sinalizações ineficientes).

A Escola Municipal de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni está localizada em uma área formada por ruas estreitas, com casas simples (sobrados), que se constituem de duas ou três moradias; apresenta um comércio local e duas linhas de ônibus.

No entorno da unidade educacional, localizam-se as escolas: Escola Municipal de Ensino Fundamental Paulo Carneiro Thomaz Alves e o Centro de Educação Infantil Cidade Nova Parque Novo Mundo. O bairro conta com a Unidade Básica de Saúde Novo Mundo I e o Hospital de José Storopoli da Faculdade Paulista de Medicina.

A Unidade Educacional foi criada pelo decreto nº 38145 de 01/07/1999, sua denominação consta no decreto nº 38672 de 12/11/1999 e sua data de funcionamento no parecer de 01/02/2001. O público atendido são crianças de 4 e 5 anos de idade, o total de crianças atendidas no ano de 2015 foi de 481 (período da manhã : quatro salas de infantil II, com 35 crianças de 5 anos por sala e três salas de infantil I, com 35 crianças de 4 anos por sala/ período da tarde: quatro salas de infantil II e três salas de infantil I). O regime de funcionamento ocorre em dois turnos, 1º turno (7h-13h) e 2º turno (13h-19h).

O quadro de professores da Unidade Educacional totaliza 27 educadores (21 com regência e 6 com a função de substitutos dos professores em regência), nem sempre o quadro está completo, no entanto, é importante ressaltar que no caso da UE pesquisada a média de tempo de trabalho dos educadores é de 5 anos. A escola tem como característica a permanência dos professores, possibilitando maior continuidade nos projetos pedagógicos.

A formação da diretora da Unidade é em História e Pedagogia, no cargo de direção atua há 11 anos; atuou 5 anos como coordenadora pedagógica e 29 anos fora do cargo de direção.

Em sua atuação como diretora trabalhou em três unidades educacionais, relatou que na primeira escola em que trabalhou a comunidade era muito participativa (escola na zona leste de SP- Cidade Tiradentes) e tinham um Conselho de Escola forte e atuante. Na segunda escola (zona leste de SP- Itaquera) não havia Conselho, no entanto, o mesmo foi proposto e a comunidade aderiu com participação eficiente e recusa dos docentes. A terceira unidade educacional foi a unidade pesquisada.

No ano de 2014, para elaboração do Projeto Político Pedagógico, foi realizada uma pesquisa com os responsáveis das crianças sobre a nacionalidade, lazer, escolarização e trabalho (269 pesquisas realizadas com formato de questionários enviados pelas crianças e devolvidos aos professores). Alguns itens permitiram mais de uma resposta. Desta forma, nem sempre a soma dos percentuais totalizou 100%. Em 2015 foi realizada nova pesquisa (229 pesquisas foram realizadas, nos mesmos moldes de 2014) e na descrição que segue será realizada uma comparação entre os dados coletados nas duas pesquisas.

A pesquisa apontou para a necessidade de áreas de lazer para brincar e realizar passeios, principalmente de atividades culturais, como teatro, exposições e danças (85% para o ano de 2014 e 96% para o de 2015).

A escolaridade das famílias (pai e mãe) é bem diversificada, desde analfabetos (3%-2014 / 0,4% -2015) até curso superior completo (0,7%-2014 / 3% 2015). Em sua maioria possuem o ensino médio incompleto (dados coletados em 2014) ou completo (dados de 2015). Quanto à nacionalidade e naturalidade, em 2014, 87% eram brasileiros (principalmente das regiões norte e nordeste do país) e 97% em 2015; 1% de bolivianos (2014 e 2015) e 0,3% de portugueses (2014, em 2015 este dado. não foi citado).

Com relação à ocupação, 58% em 2014 e 57% em 2015, eram registrados, 8% em 2014 e 10% em 2015, trabalhavam sem registro; 6% em 2014 e 11% em 2015 trabalhavam por conta própria e 16% em 2014 e 20% em 2015, estavam desempregados.

A figura abaixo representa fotos da área externa da UE com o objetivo de apresentar as características de algumas moradias da comunidade, não foram retiradas fotos do bairro pelas dificuldades de acesso para fotografia (sem autorização do membro comunitário).



Figura 1 : Fotos da área externa da Unidade Educacional (2015)

A gestão da Unidade Educacional e o Projeto Político Pedagógico

O plano de gestão da unidade educacional (anexo 3) tem como objetivo promover a melhoria na qualidade da Educação Infantil por meio de uma pedagogia de escuta, ou seja, a Unidade Educacional visa promover a participação da comunidade nas atividades escolares, permitindo a articulação e assessoria no processo de elaboração e efetivação do Projeto Político Pedagógico, bem como avaliando o trabalho desenvolvido. A gestão escolar busca compreender as atribuições específicas de cada membro da equipe, articulando seus fazeres e conhecimentos em busca de uma gestão democrática. A meta é o desenvolvimento de ações que possam garantir o atendimento à comunidade de forma clara e precisa, incentivando a participação dos mesmos nas tomadas de decisões.

Para alcançar esta participação são realizadas reuniões de pais, reuniões de Conselho de Escola e APM, reunião de avaliação da qualidade da educação infantil (avaliação organizada pela Secretaria Municipal de Educação), oficina com temas estabelecidos no decorrer do ano letivo (de acordo com o trabalho realizado pelas crianças), teatro dos professores e funcionários da Unidade Educacional para comunidade e crianças e caixa de sugestões na secretaria (comunidade deposita bilhetes, anônimos ou não, com críticas e/ou sugestões).

Com base na descrição destes eventos e das entrevistas realizadas com os gestores, professores e comunidade, serão destacados aspectos sobre o acolhimento desta comunidade na gestão escolar.

Inicialmente cabe a discussão sobre alguns pontos destacados no projeto político pedagógico da Unidade Educacional para melhor compreensão das atividades realizadas (anexo 3).

O projeto político pedagógico da Unidade Educacional apresenta informações sobre a estrutura escolar, seus fins e objetivos. Inicialmente contextualiza a garantia da educação infantil como parte da educação básica, gratuita e obrigatória.

A Educação Infantil, sendo a primeira etapa da Educação básica, tem como objetivo final o desenvolvimento integral da criança nos aspectos físico, psicológico, intelectual e social. A compreensão do contexto sociocultural das infâncias e suas especificidades na sociedade contemporânea possibilitam práticas educativas adequadas às necessidades e interesses das crianças e suas famílias.

O Projeto Político Pedagógico está fundamentado na Lei 8.069 de 13/07/1990, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente que no Artigo 53 fixa à criança e ao adolescente o direito à educação, visando ao pleno desenvolvimento de sua pessoa, preparo para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. O artigo assegura às crianças e adolescentes a igualdade de condições para o acesso e permanência na escola, o direito de ser respeitado por seus educadores e dentre outros o direito dos pais ou responsáveis de ter ciência do processo pedagógico, bem como participar da definição das propostas educacionais. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Infantil nº 9394/96 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010) também compõem a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Unidade Educacional.

As Instituições de Educação Infantil ao definir suas Propostas Pedagógicas deverão explicitar o reconhecimento da importância da identidade pessoal de alunos, suas famílias, professores e outros profissionais nos vários contextos em que se situem.

Desta forma, o projeto político pedagógico descreve administrativamente a Unidade Educacional, fundamenta a educação infantil no contexto educacional brasileiro, realiza estudos diagnósticos da comunidade e do espaço onde está inserida a Unidade Educacional (por meio de pesquisas à comunidade), traça o perfil sócio cultural dos profissionais da UE norteando seu plano de trabalho, estabelece a proposta curricular, prioridades e objetivos educacionais que atendam as necessidades de aprendizagens e desenvolvimento das crianças (levantadas no estudo diagnóstico da comunidade), direitos e deveres de todos os envolvidos

no ambiente escolar (crianças, pais e responsáveis, gestores, professores e demais funcionários da Unidade Educacional).

Dentre as informações contidas no Projeto Político Pedagógico da Unidade Educacional, cabe salientar os deveres atribuídos aos gestores, professores, pais e responsáveis, pois a partir destas definições concretiza-se a importância da gestão democrática no âmbito escolar e as atividades realizadas para alcançar este objetivo.

O PPP define inicialmente os deveres dos pais ou responsáveis, que tem como base a participação nas reuniões e eventos promovidos pela escola com o objetivo de integração família / escola, os pais devem conhecer e cumprir as normas de convívio estabelecidas pelo Regimento Educacional e se responsabilizar para que a criança tenha oportunidade de comparecer às atividades desenvolvidas pela UE cumprindo também as normas estabelecidas.

Esta documentação fica disponibilizada na secretaria da Unidade Escolar para consulta pública, objetivando que todos tenham acesso, no entanto, na realidade a comunidade não tem conhecimento desta possibilidade e mesmo quando informados não se interessam em fazer uso da mesma. De acordo com o observado, muitos possuem dificuldades em utilizar a leitura para atividades cotidianas. Desta forma, mesmo sendo apresentados à essas documentações (PPP e Regimento Escolar), preferem esclarecer dúvidas oralmente, nas reuniões ou conversas informais com os professores.

Este fato foi observado em reuniões agendadas pela escola e solicitadas pela Secretaria Municipal de Educação para avaliação da Educação Infantil, neste momento os pais foram questionados sobre seu conhecimento com relação ao PPP da escola, nenhum responsável presente apontou saber sobre ou ter acesso à documentação; mesmo após a apresentação do mesmo e abertura para consulta pública não foi observado interesse em tomar conhecimento do teor da documentação.

Muitas informações constantes no PPP são transmitidas durante as reuniões de pais, agendadas bimestralmente, no entanto, sem o teor total do documento. A ausência de informação e aparente desinteresse se refletem durante a realização das atividades coletivas, pois sem o conhecimento dos seus direitos e deveres, os responsáveis perdem em aproveitamento para exercerem seu poder na gestão escolar.

De acordo com as entrevistas realizadas com os gestores, os mesmos demonstram preocupação em manter os pais informados, destacando que sentir parte do processo e ter conhecimento do mesmo, possibilita a participação ativa.

Quando pensamos que o pai tem que participar das decisões da gestão democrática da escola é possível refletir “como é que você pode participar da gestão de qualquer coisa se você não tem o conhecimento da coisa... então vamos ajudar na gestão de uma cozinha, no entanto, não sei onde as coisas estão guardadas, não sei que horas sai o almoço eu não sei nada, como ajudar?” O primeiro passo para o pai participar é o que a assistente de direção falou, ter o conhecimento da rotina da escola, conhecer o projeto da escola, saber como é o funcionamento, pois, desta forma, ele tendo esse conhecimento, ele consegue participar das decisões, pois como é que ele vai decidir por exemplo sobre um material que deve ser comprado se ele nem conhece o trabalho que é realizado, a rotina das crianças, linha do tempo, para que ele é utilizado, então, o fato de abrir a escola para que o pai possa conhecê-la já é uma forma de chamar o pai para participação, porque a hora que ele vê a coisa em andamento, num primeiro momento ele vê tudo lindo, porque ele não espera que dentro da escola tenha tudo aquilo porque a referência do pai é a escola que ele não teve ou a escola que ele teve, mas aquela escola antiga, da carteira uma atrás da outra, do sopão. Quando ele chega e vê a escola como ela é, num primeiro momento fica encantado, tem um deslumbre, a partir do momento que ele começa a ver com mais frequência ele já consegue apontar onde ele acha que pode melhorar e é aí que ele vai ter vontade de participar (diretora, 2015).

Na entrevista realizada com os professores foi apontado que, mesmo lentas e ainda discretas, estão sendo observadas posturas mais participativas por parte dos pais ou responsáveis.

A mudança é muito lenta, estou aqui na escola há 15 anos, o Conselho está mais participativo, mas demorou muitos anos para que esta mudança ocorresse. Esta sementinha que estamos plantando vai demorar para render frutos (professora, 2015).

Os professores ainda destacam a necessidade de apresentação do PPP durante as reuniões com os pais como forma de divulgação do mesmo, demonstrando sua importância e seus princípios para a organização da escola.

Em todas as reuniões de pais deve aparecer o projeto pedagógico da escola. Os pais precisam ter conhecimento dos objetivos da escola (professora, 2015).

O interessante é aproveitar estas reuniões (de pais) não apenas para transmitir informes, mas para orientar quanto ao trabalho pedagógico realizado (professora, 2015).

Na descrição dos deveres da equipe escolar, em sua maioria, eles estão focados no desenvolvimento do educando, devendo estabelecer práticas que favoreçam a convivência, as

interações, o cuidado de si, a promoção de atitudes de respeito e solidariedade e todos os aspectos que possibilitem a garantia aos educandos de serem educados e cuidados. Dentre os deveres da equipe escolar, cabe ressaltar o último parágrafo, que descreve seu dever em buscar parceria com a família, realizando e promovendo ações formativas que permitam à criança compreender as relações sociais presentes na sociedade; ações estas que serão descritas no próximo subitem.

Dentre os deveres da equipe gestora, se destaca nesta pesquisa o que diz respeito à relação entre gestão e comunidade. De acordo com o PPP, a gestão escolar deve desenvolver ações que “garantam o atendimento à comunidade escolar de forma clara e precisa, bem como o incentivo da participação dos mesmos nas tomadas de decisões” (PPP, 2015).

Desta forma, todos os envolvidos no processo educacional têm como dever estabelecer ações conjuntas, objetivando o desenvolvimento integral do educando. Para concretização das metas e deveres, o Projeto Político Pedagógico descreve ações para alcançar os objetivos propostos. Dentre as ações descritas (anexo 3), foi possível observar que o foco central é manter os pais ou responsáveis informados e participantes de todos os processos de planejamento e replanejamento, avaliando o trabalho, promovendo vivências, realizando a gestão escolar.

3.3 AÇÕES DA UNIDADE EDUCACIONAL PROMOVENDO A PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

3.3.1 REUNIÕES DE PAIS

As reuniões de pais ocorrem bimestralmente e são agendadas para serem realizadas no horário de entrada das crianças (manhã – 7 hs / tarde – 13 hs), o comunicado sobre as reuniões ocorre por meio de bilhetes colados nas agendas das crianças, aviso na porta da sala e porta principal da escola.

No dia da reunião a entrada dos alunos ocorre em um horário posterior, os pais são recepcionados pelos professores na sala de aula da criança e após aguardarem um tempo estabelecido para chegada de todos ou da maioria a professora responsável pela sala inicia a explanação da pauta da reunião, neste momento são discutidos assuntos referentes às atividades realizadas durante o período, avisos sobre oficinas, passeios ou atividades extras (empréstimo de livros, self-service realizado pelas crianças), abertura para discussões

individuais sobre o desenvolvimento das crianças e críticas ou sugestões. No final de cada semestre os pais tem acesso a um portfólio com algumas atividades realizadas pela criança, relatório coletivo e individual; este portfólio é entregue no final do ano letivo.

Geralmente, nestas reuniões os pais recebem as informações gerais e não realizam comentários ou sugestões, o foco principal é conversar sobre o desenvolvimento da criança de forma individualizada, no entanto, poucos aguardam a finalização da reunião e das discussões individuais para obterem maiores informações, em sua maioria vão embora após a finalização dos avisos. A frequência é de aproximadamente 50%, as justificativas para a ausência são falta de informação do dia da reunião (muitos não possuem o hábito de ler a agenda da criança por dificuldades de leitura ou “esquecimento”), outros relatam estar trabalhando no horário marcado e em sua maioria não justificam a ausência.

Nestes momentos de reuniões de pais alguns professores utilizam dinâmicas para promover descontração entre os pais ou reflexão sobre temas educacionais visando um entretenimento antes de iniciar as informações gerais propostas. Estes momentos podem ser considerados como tentativas de proporcionar acolhimento e proximidade com as famílias, no entanto, nem sempre os pais estão dispostos em realizar estas atividades, geralmente pretendem escutar os informes e ter a reunião finalizada o mais rápido possível.

Durante as entrevistas, alguns pais abordaram a importância das reuniões e estas participações foram apontadas pelos professores como mais significativas e representativas, onde os responsáveis estão se interessando em ficar mais tempo na escola para discussão de assuntos pertinentes à educação das crianças.

Para mim o mais importante é a reunião de pais porque a gente vai saber dos nossos filhos (P2, grupo focal 1, 2015).

...na reunião de pais que a gente vai saber dos nossos filhos (P3, grupo focal 1, 2015).

...a reunião de pais é muito importante, porque muitas vezes tenho contato direto com o cuidador, no dia da reunião de pais, geralmente consigo falar com o pai. Minha sala, durante este ano, foi assídua quanto à frequência dos alunos e dos pais, finalizei o ano com a última reunião composta por 26 pais (35 crianças no total). Uma parcela de pais não comparece porque não tem interesse mesmo, têm a visão de que o papel da escola é ensinar e tá bom, interessa apenas saber se passou de ano, mas grande parcela, aqui na escola, por meio das atividades da escola, já perceberam que a reunião de pais é importante (professora 2, grupo focal 2, 2015).

Os relatos acima refletem a necessidade das reuniões de pais como forma de aproximação, conhecimento e relação interpessoal.

3.3.2 REUNIÕES DE CONSELHO ESCOLAR (CE) E ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES (APM)

Na Portaria nº 2.565, de 12 de junho de 2008 foi normatizado o Conselho de Escola nas Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino considerando a necessidade de assegurar às Unidades Educacionais progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira, conforme disposto no Artigo 15 da Lei Federal nº 9394/96. A portaria nº 5780, de 05 de setembro de 2005 instituiu a formação das Associações de Pais e Mestres com o objetivo de colaborar no aprimoramento do processo educacional, mobilizando os recursos humanos, materiais e financeiros da Associação e aplicando verbas oriundas dos setores público ou privado para auxiliar a Unidade Educacional no cumprimento dos objetivos pedagógicos, adquirindo bens e benfeitorias.

O Conselho de Escola pode ser constituído por representantes de todos os segmentos da Unidade Educacional e oportuniza a participação da comunidade escolar nas decisões, no estabelecimento de metas e na busca de soluções para os problemas do cotidiano da Unidade.

Nas reuniões de Conselho de Escola são discutidos assuntos referentes à organização da Unidade Educacional (calendário escolar, reposições quando necessário, votações sobre passeios, compra de materiais, reformas, verbas recebidas pela Prefeitura Municipal de São Paulo, prestação de contas, etc). Estas reuniões são compostas por professores, funcionários da Unidade Educacional, gestores e pais. A composição do Conselho deve ocorrer da seguinte forma:

I) membro Nato: Diretor de Escola;

II) representantes Eleitos:

a) equipe docente: Professores e/ou Auxiliares de Desenvolvimento Infantil em exercício na Unidade Educacional;

b) equipe técnica: Assistente de Diretor e Coordenador (es) Pedagógico(s);

c) equipe de apoio à educação: Secretário de Escola, Agente de Apoio, Agente Escolar, Agente da Administração/Vigilância e Auxiliar Técnico de Educação;

d) equipe discente: alunos do 4º ano do Ciclo I ao 4º ano do Ciclo II do Ensino Fundamental, alunos de todas as séries do Ensino Médio/ Educação Profissional e alunos de quaisquer etapas da Educação de Jovens e Adultos;

e) pais e responsáveis: pais ou responsáveis pelos alunos de quaisquer estágios, anos, séries e etapas da Educação Básica.

Os segmentos no Conselho de Escola devem eleger os seus representantes, titulares e suplentes. A proporção de suplentes é de 50% (cinquenta por cento) a 100% (cem por cento) de seus membros titulares. Os suplentes substituem os membros titulares nas suas ausências e/ou impedimentos. De acordo com a quantidade de salas da Unidade Educacional são definidas as quantidades de membros; para a escola que conta com 14 salas, devem ser designados 04 membros da equipe docente, 01 membro da equipe técnica, 02 membros da equipe de apoio à educação, o diretor como membro nato e 09 pais, totalizando 17 membros. Na prefeitura municipal de São Paulo a quantidade de pais para participação no CE supera a de funcionários, refletindo o interesse de que a comunidade tenha um poder de voz mais participativo.

Na realidade escolar, geralmente é muito difícil alcançar a quantidade de pais e/ou responsáveis necessária para completar o quadro, a dificuldade em comparecer às reuniões em decorrência do horário de trabalho e afazeres externos são as principais justificativas. Atualmente o Conselho conta com seu quadro completo, sendo 9 pais e 5 suplentes.

As reuniões de APM são realizadas nos mesmos dias em são agendadas as reuniões de Conselho de Escola, devendo ser uma por bimestre (existe a possibilidade de convocações extraordinárias). Sua composição abrange gestores da Unidade Educacional, professores, funcionários e pais ou responsáveis; devem compor da Associação 6 pais, 6 funcionários da UE e o diretor como membro nato. Geralmente os pais que fazem parte do Conselho Escolar são os mesmos que compõem a APM, este fato ocorre pela dificuldade em alcançar a quantidade mínima estabelecida pelas portarias que fundamentam a formação das duas reuniões. Quanto ao número de funcionários não existem dificuldades para composição do quadro, pois a participação nestas reuniões envolve a atribuição de pontuação para evolução funcional, estimulando a participação.

Durante o ano de 2015 as reuniões de Conselho de Escola e APM contaram com a média de presença de 7 pais e/ou responsáveis; de acordo com a diretora esta presença foi efetiva, pois diferente do que ocorre rotineiramente os responsáveis demonstraram-se mais participativos, discutindo sobre os temas e expressando suas opiniões. Em uma das reuniões foi apresentado um vídeo do filósofo e educador Mario Sergio Cortella sobre os limites na

educação dos filhos, no final da apresentação a diretora propôs que fosse realizada uma pausa para o café com posterior discussão, mas os pais, no entanto, demonstraram interesse em adiar o café para realização da discussão, alegando que não estavam com pressa de encerrar a reunião.

Este relato é considerado atípico no histórico da gestão escolar, pois frequentemente, os pais ou responsáveis demonstram ansiedade para finalização das atividades, alegando falta de tempo e compromissos externos. A disponibilidade para participação destas discussões demonstra mudanças na relação família escola, pois em anos anteriores era muito difícil alcançar o número suficiente de pais para fazerem parte das reuniões e quando a eleição se efetivava a frequência era mínima ou nula.

Outro fato atípico é a composição dos representantes de pais no Conselho de Escola e APM, geralmente, pela dificuldade em sua composição as duas reuniões eram compostas pelas mesmas pessoas, atualmente este fato não ocorre, pois no Conselho temos representantes de pais diferentes dos representantes das APM.

Durante a realização das entrevistas, gestores, pais e professores apontaram os avanços na representatividade dos pais para as discussões propostas nas reuniões de CE.

Tem mais pais participando, por exemplo, o passeio dos pais, este passeio não existia na escola, este passeio foi uma sugestão de Conselho, os pais sugeriram e quase todos que pediram, foram e ainda levaram outras pessoas. O que eu percebo desde o ano passado no Conselho é que a escola está aberta a escutar o que os pais querem e sugerem, desde a questão do ano passado sobre a formatura onde discutimos sobre os moldes da comemoração e esta passou a ser realizada. Até o passeio, eles queriam muito, conseguiram e foi ótimo (professor 1, grupo focal 2, 2015).

O relato da professora descreve um aspecto fundamental no acolhimento dos pais e nas relações de hospitalidade que podem ser estabelecidas por meio desta abertura da escola em escutar o que a comunidade espera e utilizar esta escuta para fazer diferença nas atividades propostas pela UE.

Os pais relataram este como um fato importante para estimulá-los em participar das reuniões.

[...] reuniões em que os pais discutiram sobre passeios com as crianças e aconteceu por causa das nossas reuniões (Conselho), foi muito importante porque tem criança que não tem condições do pai estar passeando no final

de semana ou trabalha muito e não tem tempo e a escola trouxe este projeto através do nosso encontro (Conselho de Escola), com todos os pais, a reunião foi maravilhosa e acredito que a partir dela melhorou muitas coisas (P2, grupo focal 3, 2015)

Eu acho muito bom (reunião CE), porque ficamos sabendo de tudo o que acontece na escola, das atividades, do que é comprado, as notas fiscais, todas as atividades que tem aqui na escola tem que passar pelo Conselho, se a gente aprova ou não aprova passeio e da escola, eu acho que o que tinha que melhorar foi discutido naquela reunião(P8, grupo focal 4, 2015)

As reuniões de CE e APM, observadas pelo aspecto do acolhimento e da hospitalidade reforçam as afirmações de Baptista (2006) que retrata que a comunidade, ao se abrir à escola estará ganhando em autoridade e autoconhecimento e que as trocas realizadas nesta relação social serão possíveis a partir do momento em que as famílias possam perceber sua importância na participação das atividades escolares, a relevância da aproximação nas relações com o outro no processo de abertura.

A escola aberta ao outro é o que Baptista (2008) define como um lugar de hospitalidade e acrescenta ainda que acolher de forma hospitaleira é abrir espaço para o outro “sem reservas ou desconfianças” (Baptista, 2008, p.8). No relato desta ação da EU foi possível observar que, mesmo discretamente ainda, a escola está caminhando para este objetivo.

3.3.3 REUNIÃO COM A COMUNIDADE, FUNCIONÁRIOS E GESTORES DA UNIDADE EDUCACIONAL PARA AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil Paulistana foram elaborados a partir de um documento publicado em 2009 pelo MEC que tinha o objetivo de avaliar a qualidade na Educação Infantil criando metodologias que possibilitassem a participação da comunidade, oportunizando condições para democratização da escola. Este documento foi conhecido como Indique – EI (Indicadores da Qualidade na Educação Infantil).

Nos anos de 2013 e 2014 as unidades de educação infantil da Rede Municipal de São Paulo foram convidadas a participar de uma autoavaliação da qualidade do trabalho desenvolvido em sua unidade utilizando como metodologia o Indique-EI.

Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil eram compostos por sete dimensões com questões sobre diferentes aspectos do funcionamento da instituição educacional. As questões deveriam ser discutidas em pequenos grupos (envolvendo gestores, professores, funcionários e pais) e a finalização das discussões seria realizada em uma plenária. Para responder às questões seriam utilizados cartões nas cores verde, vermelho e amarelo (verde para alcançado, amarelo parcialmente e vermelho para não alcançado); com base nas discussões deveriam ser propostos planos de ação com o objetivo de alcançar os aspectos insatisfatórios.

Este processo ocorreu nas unidades educacionais em sucessivos momentos a partir do segundo semestre de 2013. No segundo semestre de 2014 algumas unidades relataram suas experiências durante a aplicação do Indique-EI e no final de 2014 um grupo de trabalho com representação regional da rede municipal elaborou a primeira versão do documento sobre os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulistana.

Durante todo o processo desta primeira elaboração, supervisores, diretores e professores trouxeram as experiências vivenciadas em suas unidades, enriquecendo as discussões.

Os Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulistana foram compostos por nove dimensões que não possuem as mesmas definições utilizadas pelos teóricos em Hospitalidade, mas que são caracterizadas pela SME no que diz respeito à educação infantil.

As dimensões estabelecidas para avaliação foram compostas por indicadores que deveriam ser discutidos atribuindo as cores verde, amarelo ou vermelho. Cada dimensão deveria ser votada por um grupo, sendo este composto por gestores, funcionários, professores e pais. O grupo deveria avaliar cada indicador da dimensão atribuindo cor verde para situação boa, cor amarela se média e vermelha se ruim. Finalizadas as discussões dos indicadores, os grupos realizariam uma plenária onde cada grupo deveria expor os resultados da discussão, os demais concordariam ou modificariam a decisão. Após esta etapa a unidade educacional teria o perfil dos pontos fortes e fracos.

A próxima etapa seria a realização do plano de ação da unidade educacional com base nos aspectos discutidos durante a autoavaliação.

A Escola Municipal de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni realizou no ano de 2014, a atividade para determinar os Indicadores de Qualidade na

Educação Infantil – Indique – IE publicada pelo MEC em 2009; em um primeiro momento, as dimensões apresentadas na avaliação foram discutidas pelos membros do Conselho de Escola com o objetivo de conhecimento das questões e preparo para aplicação. No final do ano letivo o Indique – IE foi realizado com os responsáveis das crianças (após a última reunião de pais do ano letivo).

Esta primeira ação possibilitou o contato da comunidade com uma participação mais ativa na gestão escolar, pois tiveram a oportunidade de avaliar diferentes aspectos sobre a organização da escola. A participação ocorreu de maneira exploratória, pois foi o primeiro contato da comunidade com uma avaliação institucional, objetivando que eles opinassem por diversas dimensões, sobre as quais eles não tinham conhecimento. Esta primeira etapa não teve como produto discussões críticas, exposição de opiniões e sugestões, mas representou a possibilidade de conhecimento da Unidade Educacional, do seu funcionamento e objetivos.

Em 2015, a unidade educacional, tinha como possibilidade agendar a realização dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil no período de 4 a 16 de maio e optou por realizá-la no dia 05 de Maio de 2015; a discussão e elaboração do Plano de Ação decorrente da utilização dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil Paulistana com a participação de toda equipe da Unidade Escolar e os representantes das famílias, foi realizada no dia 06 de Junho de 2015.

Na primeira reunião a Unidade Educacional contou com a participação de professores, gestores, auxiliares técnicos de educação, agentes escolares, funcionários das empresas terceirizadas (cozinha e limpeza) e aproximadamente 80 pais ou responsáveis. Neste primeiro momento os participantes foram distribuídos em nove salas e em cada sala foi realizada a avaliação dos indicadores correspondentes à dimensão avaliada. Durante esta reunião as avaliações não foram discutidas e compartilhadas no coletivo (Plenária) e estabeleceu-se que a Plenária seria realizada no mesmo dia da reunião dedicada à elaboração do Plano de Ação.

Em 06 de Junho de 2015, no horário escolhido pela maioria dos pais ou responsáveis (9h30min), foi realizada a segunda etapa da avaliação dos Indicadores; em um primeiro momento foram expostas as discussões realizadas no primeiro dia de reunião e coletivamente estes resultados foram analisados optando-se pela manutenção ou alteração. Partindo desta última avaliação, dimensão a dimensão, foram sendo realizadas propostas para o plano de ação que foi registrado em um quadro exposto por várias semanas na Unidade Educacional.

A segunda reunião não teve uma participação tão efetiva da comunidade (aproximadamente 40 pessoas), no entanto, as discussões foram significativas e possibilitaram um diálogo aberto entre equipe escolar e comunidade de pais/responsáveis.

Na reunião de pais realizada no final do primeiro semestre, os pais que participaram das reuniões sobre a avaliação dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil foram convidados para realizar por escrito uma breve avaliação do processo realizado; participaram desta avaliação 33 pais. Os professores, gestores e funcionários também realizaram uma avaliação sobre o trabalho realizado.

Os pais, em sua maioria, relataram que a prática foi positiva, favorecendo o conhecimento da rotina escolar das crianças e do projeto pedagógico da escola.

Eu gostei muito de ter participado da realização da avaliação dos indicadores, em saber como anda o procedimento da escola, foi bom porque ficamos sabendo de tudo que a escola fornece e realiza para nossos filhos.

Eu achei ótimo porque assim posso saber o que acontece no dia-a-dia do meu filho na escola e opinar no que tá bom ou ruim.

Achei muito bom porque a gente pode conhecer o que é uma reunião, muito importante para podermos conhecer bem tudo que acontece. Eu achei muito bom.

(Relato dos pais durante reunião realizada em julho de 2015)

A oportunidade de conhecer os aspectos positivos e negativos da unidade educacional e a possibilidade de dar sua opinião foram os temas mais abordados durante as avaliações dos pais.

Eu achei bem produtiva, as pessoas podendo dar as opiniões delas.”

Acho muito importante a pauta, os debates, opiniões dos pais para a melhora da escola e consequentemente a melhora do aprendizado da criança.

Achei super legal, a escola necessita ter essas reuniões para melhorar a escola, ter mudanças, adorei!

Muito objetiva, pois há visão de melhoras e práticas de funções na escola, uma ótima maneira de introduzir os pais juntamente com o seu filho na escola.

Acho ótimo, assim talvez consigamos melhorar muita coisa na escola para as crianças quanto para os funcionários.

Eu gostei, achei que foi uma ótima forma de pais e professores se comunicarem, então desta forma, as crianças também podem interagir.

Eu achei a reunião ótima porque relatou o que falta na escola, alguns problemas que precisam ser resolvidos e também as vantagens que a escola oferece aos alunos e muitas coisas que nós pais não sabíamos e na reunião ficamos sabendo e podemos dar nossa opinião.

(Relato dos pais durante reunião realizada em julho de 2015)

Alguns relatos apontaram para sugestão de que reuniões com esse objetivo possam ocorrer com maior frequência.

Acho bom que tenha a opinião dos pais. É bom que tenha mais palestra.

Foi ótimo, assim nós fica sabendo das melhorias que devemos impor na escola. Concordo, deve acontecer mais vezes.

Gostei muito de participar, gostaria que continuasse porque é um meio dos pais dar sugestão.

A reunião foi muito importante pois falamos o necessário para o desenvolvimento da escola...seria bom ter mais vezes para podermos debater sobre a escola.

(Relato dos pais durante reunião realizada em julho de 2015)

Por meio destes relatos foi possível observar que a comunidade avaliou positivamente a oportunidade de participação na gestão escolar e retrataram as dificuldades em compreender o universo escolar, necessitando estar integrado e ter informações sobre o projeto pedagógico da escola. As reuniões tiveram como principal resultado o processo formativo com relação ao projeto pedagógico da unidade, suas dificuldades e necessidades.

Durante as avaliações apenas uma apresentou resposta negativa e outras duas abordaram a necessidade de redução no tempo das discussões para evitar demora na finalização.

Aquela reunião eu não entendi nada, muito demorado.

Foi bom, mas tem coisa mais útil para ser falado.

O lado bom é que a gente pode opinar no que tá bom e no que tá ruim, o lado ruim é que foi muito demorado.

(Relato dos pais durante reunião realizada em julho de 2015)

O relato abaixo resumiu muito bem a maioria das falas dos pais:

É de grande importância, apontou tópicos fundamentais para uma melhor avaliação do que realmente é necessário na entidade. As questões foram um tanto grandes, com muitos itens, porém não menos importantes um que o outro. Essa avaliação nos permite participarmos do que realmente é necessário na escola.

Tivemos a oportunidade de opinar e sugerir possíveis soluções para algumas situações, descobrimos muito sobre o trabalho dos educadores e de suas dificuldades.

Espero que tudo o que foi relatado como pedido de melhoria venha a ser atendido.

A avaliação dos funcionários das empresas terceirizadas ocorreu de forma coletiva e destacaram que o processo foi positivo, quanto aos agentes escolares e auxiliares técnicos foi apresentada apenas uma avaliação que sugeriu que as votações deveriam ser separadas para evitar que as votações fossem sugestionadas pela maioria.

As perguntas foram claras e objetivas, somente a votação deveria ter sido feita separada, pois as pessoas iam pelas respostas das outras. (julho ,2015)

Os professores e a equipe gestora realizaram uma avaliação coletiva sobre as reuniões e em sua totalidade, consideraram positiva a participação no processo e destacaram que os momentos de dúvidas e/ou ausência de conhecimento sobre algumas questões (apresentadas principalmente pelos pais), oportunizou discussões mais produtivas, com ampliação da formação coletiva.

Quanto às perguntas, relataram que algumas deveriam ser reformuladas com o objetivo de facilitar a compreensão dos participantes, pois em muitos momentos foi necessário interpretar as questões. Outro aspecto foi uma sugestão para alteração na organização dos grupos por dimensões, neste primeiro momento, os participantes recebiam números e deveriam se agrupar de acordo com os números da dimensão; a sugestão para uma próxima avaliação seria a possibilidade de liberdade de escolha da dimensão a ser avaliada, no entanto, com limitação no número de vagas por dimensão para que todas pudessem contar com participantes.

Destacaram também a necessidade de uma recepção mais acolhedora, com oferta de intervalo (água, café, banheiro) e negociação do tempo de duração da reunião.

No geral, caracterizaram o processo como um avanço para escola e para comunidade no que diz respeito à participação e gestão democrática, um espaço formativo, em que aspectos discutidos possibilitaram o conhecimento dos pais sobre o projeto pedagógico.

A avaliação de uma das professoras representou a maioria das falas.

Participar deste processo avaliativo foi muito gratificante, pois foi algo novo. Ver os pais engajados nesse processo democrático faz com que nós educadores continuemos acreditando em mudanças na educação a partir da participação de todos em pé de igualdade. (julho, 2015)

A fala da professora representa a importância da reciprocidade nas relações sociais, pois neste processo avaliativo os professores puderam observar como a comunidade compreende as atividades escolares e quais são suas necessidades, fato este que muitas vezes não é observado durante as atividades rotineiras.

O relato desta prática demonstra claramente sobre como os pais acreditam e aprovam sua participação no processo escolar, no entanto, é necessário que percebam que suas ideias, desejos e dúvidas são importantes para gestão democrática; não apenas os pais, mas também toda equipe escolar.

A gestão democrática deve estar envolvida em um processo de constante formação entre a equipe escolar e a família, não apenas para tomada de decisões, mas para troca de experiências e reflexões sobre temas pertinentes ao projeto pedagógico escolar; parece ser utópico, porém necessário e significativo para a construção de uma participação efetiva de toda comunidade.

Esta foi uma das atividades da Unidade Educacional que mais envolveu a participação da comunidade e que é possível destacar aspectos relacionados à recepção dos pais, acolhimento e hospitalidade.



Figura 2- Evento realizado em Maio de 2015

A figura acima demonstra a disposição dos participantes na realização das reuniões, todos permanecem próximos uns dos outros, sem auditório, em um ambiente que propõe a interação e proporciona a aproximação entre as partes, o contato visual durante os diálogos; a foto demonstra que não há separação entre funcionários, professores e gestores e este comportamento favorece as relações de hospitalidade baseadas na relação interpessoal, com a abertura ao outro, respeito por sua cultura e alteridade.

3.3.4 SELF SERVICE

Durante esta participação os pais foram convidados (em uma data agendada pela escola) para acompanharem a refeição dos seus filhos (almoço ou jantar, dependendo do horário da criança), observando como eles se servem durante as refeições, utensílios utilizados, organização e interação com os colegas. Após finalização do *self service* as crianças permaneceram no refeitório e os pais foram para sala de aula em companhia do professor para orientações sobre o objetivo do projeto, suas implicações e resultados.

A atividade ocorreu durante a semana, no período em que as crianças ficam na escola e não foi observada presença da maioria dos pais. Durante as entrevistas, alguns relatos justificaram a ausência nas atividades em decorrência do horário, por estarem trabalhando, no entanto, as justificativas mais comuns foram esquecimento ou desconhecimento da atividade (convites colados na agenda e entregues pessoalmente ao responsável das crianças sem agenda). As justificativas por esquecimento ou desconhecimento não foram observadas nas entrevistas, mas sim, em relatos orais na saída das crianças, no mesmo dia do evento.

Eu não consigo participar de todas por causa do meu trabalho porque o horário não coincide, mas eu sempre peço para alguém vir por causa da criança porque quando não vem ninguém elas se sentem desprezadas. (P2, grupo focal 2, 2015)

Os pais que participaram da atividade demonstraram espanto com a autonomia das crianças e desenvoltura para manusear garfo e faca. A professora ressaltou a necessidade de incentivar as crianças em provarem todos os alimentos, porém sem forçar ou desperdiçar.



Figura 3 – Evento realizado em 2014

Durante esta atividade a escola foi aberta aos pais para que vivenciassem uma prática cotidiana das crianças e tomassem conhecimento dos objetivos deste trabalho pedagógico. Por meio das fotos foi possível observar que os pais puderam circular pelos espaços, sentido de perto como é realizada esta rotina das crianças que, para eles, é uma das mais preocupantes, o momento de se servir e se alimentar.

O conhecimento possibilita a participação, favorecendo uma relação de troca de experiência e contato. A fala da assistente de direção durante a entrevista demonstra esta afirmação.

Até pouco tempo atrás eles não tinham noção do que acontecia na escola, a partir do momento em que puderam observar atividades desenvolvidas com as crianças (como o self service), eles passaram a perceber a importância de participar e passaram a questionar sobre quando poderiam participar.

O momento em que os pais ou responsáveis se sentem seguros em participar das atividades e expor suas necessidades possibilita que a escola utilize esta abertura para realizar o acolhimento, assumindo o mesmo como o ponto inicial para as relações de hospitalidade. De acordo com Binet-Montandon (2011) a acolhida definida como o momento inaugural pode ser decisiva para a hospitalidade, pois, dependendo de como for assumida estabelece relações de hospitalidade ou hostilidade entre eles.

3.3.5 OFICINA: A ÁFRICA É AQUI

A atividade foi realizada em um sábado, as crianças levaram o convite durante a semana. Em decorrência do trabalho realizado com as crianças sobre as diferenças entre as pessoas e formação do povo brasileiro, foram discutidos temas sobre os indígenas, imigrantes bolivianos e negros. A avaliação realizada sobre os Indicadores de Qualidade na Educação Infantil apontou para necessidade de trabalhos com a comunidade envolvendo relações étnico-raciais e, desta forma, optou-se pela realização de uma oficina sobre a África.

Nesta oficina os pais e as crianças assistiram uma breve apresentação em *Power Point* sobre curiosidades da África, degustaram alguns aperitivos oferecidos pela Unidade Educacional que ficou exposto durante todo trabalho e realizaram a confecção de máscaras africanas. Ao chegarem à escola os pais e as crianças foram recepcionados pelos professores e

funcionários que estavam caracterizados com vestimentas típicas africanas oferecendo aos visitantes a possibilidade de utilizarem um turbante para climatizarem o ambiente.

O evento teve uma adesão considerável de pais e os participantes demonstraram disposição para realização das atividades propostas avaliando positivamente, com solicitações de mais atividades deste tipo. Estes relatos ocorreram oralmente durante o encerramento da atividade. O aspecto favorável à participação foi a realização do evento no final de semana (sábado), possibilitando o atendimento de quantidade maior de pais que trabalham e não conseguem se ausentar do serviço durante a semana, no entanto, a UE tem histórico de atividades aos sábados com participação pouco significativa. Este evento na avaliação dos professores também foi um sucesso com relação a quantidade de participantes e motivação nas dinâmicas propostas.

Observando esta ação da UE e buscando relacioná-la com a hospitalidade seria possível representá-la no eixo cultural, com oferta do entretenimento para as famílias (Camargo, 2003), envolvendo o contato harmonioso com o outro e a troca entre aquele que recebe (escola como anfitrião) e aquele que é recebido (comunidade como hóspede). O entretenimento e seu ritual é um dos componentes essenciais para o conceito de hospitalidade de acordo com Camargo (2015) e na ação descrita acima, são destacados estes aspectos.

A figura 4 demonstra a disposição da comunidade no desenvolvimento da atividade proposta, as pessoas estão sentadas em grupos, realizando atividades manuais que possibilitam o diálogo e a troca de experiências. O trabalho em grupo aproxima as pessoas estabelecendo relações de troca, compartilhamento e hospitalidade.



Figura 4 – Evento realizado em Junho de 2015

3.3.6 FESTA JUNINA

A festa junina sempre foi um tema controverso na Unidade, desde o ano de 2011 as festa juninas abertas à comunidade com arrecadação de prendas, barracas e apresentações de dança foram suspensas em razão da impossibilidade do envolvimento de dinheiro nas atividades. A Unidade Escolar não pode oferecer atividades que envolvem fluxo monetário em uma escola pública e gratuita, já que todos devem ter acesso a todas as atividades sem custos.

No decorrer do ano letivo sempre foram oferecidas atividades que envolvessem as famílias na participação de atividades com as crianças, no entanto, sempre houve cobrança de parte da comunidade para realização de danças comemorativas das Festas Juninas.

Em 2015 a festa junina foi organizada em dois momentos: em um dia a escola teve seus espaços caracterizados como barracas de brincadeiras típicas de festa junina (argola, boca do palhaço, frango na panela e pescaria), as crianças tiveram oportunidade de passar por todas as salas participando das brincadeiras e recebendo prendas; no dia seguinte, os pais ou responsáveis foram convidados para participar com as crianças na apresentação de danças típicas de Festa Junina e cada responsável dançou com uma criança, as crianças que ficaram sem o pai ou responsável poderiam dançar com um colega ou outro adulto.

A participação foi da maioria dos pais e responsáveis, muitos trouxeram acompanhante para fotografar ou filmar a atividade; mesmo não sendo uma comemoração nos moldes tradicionais a família teve oportunidade de vivenciar junto com as crianças uma atividade que há alguns anos era cobrada por eles. Este foi um exemplo de como a escuta do outro é importante para diminuir as fronteiras e aproximar as partes para alcançar objetivos comuns, que neste caso é o desenvolvimento integral das crianças.

Na figura 5 é possível observar o ritual da festa e o entretenimento como formas de aproximação entre as pessoas, envolvendo pais ou responsáveis, professores e crianças. Nestes momentos as pessoas se relacionam e podem criar vínculos que irão se refletir nas discussões da gestão democrática escolar.



Figura 5 – Comemoração de Festa Junina em Junho de 2015.

3.3.7 BRINCADEIRA COM OS PAIS

Na avaliação dos Indicadores da Qualidade na Educação Infantil, uma das ações destacadas foi à necessidade de promoção de mais eventos com a participação da família; atendendo a esta solicitação, no ano de 2015 foi realizada uma proposta de convite à comunidade para participar junto com as crianças de uma brincadeira que poderia ser realizada em qualquer ambiente da Unidade Educacional. A atividade foi desenvolvida na semana de 14 a 18 de setembro de 2015 e em cada dia da semana, uma ou duas salas deveriam realizar uma brincadeira envolvendo as crianças e os responsáveis presentes. O horário estabelecido foi parte do horário em que as crianças estavam na escola (período de aula), durante a semana. A frequência foi mínima, sem justificativa da maioria, os demais relataram impossibilidade em decorrência do horário. Esta justificativa com relação ao horário e dificuldades na participação foi observada durante as entrevistas.

Eu acho que o principal é o horário porque, por exemplo, teve uma atividade que era para os pais participarem de uma brincadeira com a criança e era 8 horas da manhã, neste horário é difícil participar. Deveria fazer num horário que desse para participar, na entrada ou na saída, porque no meio do dia fica difícil. (P1, grupo foca 2, 2015).

Ou podia marcar num sábado de manhã e daí todos os pais podiam participar, um dia mesmo tinha uma atividade que eu não podia vir e não mandei minha filha porque ela ia se sentir abandonada. (P2, grupo focal 2, 2015).

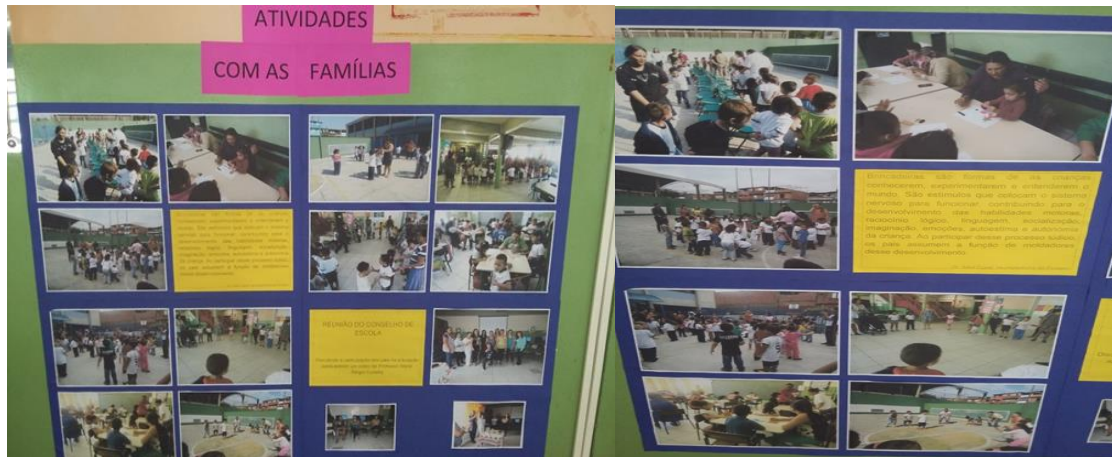


Figura 6 – Cartaz fixado na entrada da escola para informação sobre a atividade realizada.
Fonte: Escola Municipal de Educação Infantil (setembro, 2015)

Na figura 6, apesar do número reduzido de participantes, foi possível observar que a ação teve como objetivo integrar os pais nas atividades realizadas pelas crianças, buscando atender uma solicitação prévia dos mesmos. Por meio do conhecimento e participação as pessoas torna-se possível a ampliação de suas relações sociais exercitando práticas de convívio social harmonioso, baseado na alteridade e no respeito ao próximo.

3.3.8 TEATRO DOS FUNCIONÁRIOS E PROFESSORES PARA AS CRIANÇAS E COMUNIDADE

Anualmente, na semana da criança é apresentado aos alunos da escola um teatro com direção e atuação dos funcionários da Unidade Educacional, os pais e responsáveis anteriormente não eram convidados, no entanto, após uma apresentação realizada no final de semana (sábado), como forma de reposição de aula e percebendo a adesão de muitas famílias para este tipo de atividade a ação passou a ser aberta aos pais.

Esta ação se enquadra na oferta de entretenimento, buscando estabelecer relações de hospitalidade, além disso, reafirma a importância da escuta e abertura ao outro para atender suas necessidades, prática que reforça a proximidade com o outro, estimulando a criação de vínculos e fortalecendo os laços de hospitalidade.

3.3.9 MOSTRA CULTURAL

A mostra cultural da Unidade Educacional ocorre no mês de Novembro, os alunos recebem um convite e cronograma de apresentações. Neste dia a escola fica aberta para comunidade, os trabalhos realizados durante o ano ficam expostos e são realizadas apresentações de música, dança, dramatização e/ou outras atividades compatíveis com o projeto desenvolvido em sala.



Figura 7 – Mostra Cultura realizada em Novembro de 2014
Fonte: Acervo de fotos da Unidade Educacional

A mostra cultural objetiva a aproximação entre todos os envolvidos na gestão escolar, a figura 7 mostra que todos estão sempre em grupos, realizando atividades compartilhadas, as apresentações são realizadas sem necessidade de palco ou espaço de distanciamento entre as crianças e as pessoas que estão assistindo, o espaço físico da UE estimula a proximidade entre as pessoas. Perez (2004) acredita que a tarefa da educação é desenvolver práticas de convivência e solidariedade pensando a escola como um espaço que agrega diferentes culturas, com diferentes formas de organização. A atividade descrita acima corrobora com a afirmação do autor.

3.3.10 FESTA DE ENCERRAMENTO

A festa de encerramento também foi uma nova conquista, há alguns anos estas festas eram compostas de cerimonial de formatura, apresentações de música, teatro ou dança. Nos últimos anos, o cerimonial foi suspenso durante acordo entre gestores e professores da

Unidade Educacional considerando que eram atividades desgastantes e cansativas para as crianças, sem um objetivo pedagógico coerente com as reflexões sobre a educação infantil; desde então, alguns pais, timidamente tentavam cobrar alguma atividade de finalização do ano letivo, com entrega de diplomas e cerimonial, principalmente para foto. Em 2014, durante reunião de Conselho de Escola surgiu uma discussão sobre a realização ou não de cerimonial de formatura, os pais presentes justificaram que achavam importante ter uma atividade de encerramento e que gostariam de ter como recordação uma foto de seu filho com a professora da sala e a beca de formatura, não destacaram a necessidade do cerimonial completo, mas sim a vestimenta para foto. A coordenadora e algumas professoras iniciaram um discurso pedagógico sobre o objetivo da educação infantil, sem necessidade do marco de formatura e exposição das crianças em um cerimonial que não seria agradável para as mesmas.

Com base em todas as opiniões optou-se pela realização de uma festa de encerramento onde seria realizado um baile com as crianças e seus responsáveis, disponibilizando algumas becas para fotos.

A atividade ocorreu após a última reunião de pais do ano letivo, finalizada a reunião, os pais desceram para o pátio, a coordenadora realizou com as crianças um juramento sobre a infância e iniciaram o baile comemorativo, aproveitando para fotografar as crianças com a professora e a vestimenta de formatura.

Esta atividade teve um alto índice de frequência e participação, com avaliação positiva, desta forma, em 2015, foi realizada novamente e ampliada para as crianças do Infantil I que permanecerão na Unidade por mais um ano.

O aumento na frequência e participação dos pais reflete no que foi dito anteriormente sobre a importância do acolhimento destes pais e a escuta do outro como forma de minimizar as barreiras existentes, fortalecendo as relações sociais. Este fato foi observado quando, durante a reunião de CE os pais foram ouvidos e suas necessidades discutidas sobre o ponto de vista pedagógico buscando uma solução equilibrada entre as duas partes (pais, funcionários da escola).

Como Baptista (2004) citou, o trabalho em parceria entre escola e comunidade não está livre de conflitos, no entanto, devem ser vistas como instituições cooperantes, visando um bem comum, que neste caso, é o desenvolvimento educacional das crianças. Ainda de acordo com a autora, o diálogo potencializa o contato e a relação com o outro e deve ser utilizado enquanto lugar de “partilha de ideias, de sentimentos e de saberes, enquanto lugar de negociação” (BAPTISTA, 2002, p.6).



Figura 8 – Festa de Encerramento realizada em Dezembro de 2014
 Fonte: Acervo de fotos da Unidade Educacional

Na figura 8 as crianças estão realizando uma apresentação no centro do pátio e os pais ou responsáveis ficam dispostos ao redor das crianças, o professor da sala acompanha as crianças e dependendo da apresentação os pais ou responsáveis são convidados para participarem junto com as crianças. A disposição e organização do público nas apresentações promove a proximidade entre as pessoas, favorecendo o contato e a interação social, aspectos importantes na hospitalidade.

3.3.11 CAIXA DE SUGESTÕES

A caixa de sugestões fica localizada próxima à secretaria da Unidade Educacional e tem como objetivo oferecer aos pais e à comunidade em geral uma oportunidade de expor suas críticas e sugestões de forma anônima e livre. Esta caixa é aberta durante as reuniões de Conselho de Classe e APM, no entanto, não possui resultados significativos, mesmo sendo avisado sobre sua utilização durante todas as reuniões de pais, geralmente não surge nenhuma crítica ou sugestão.

O objetivo da caixa é a escuta dos pais ou responsáveis sobre suas necessidades com relação à escola ou até mesmo dúvidas e críticas; como dito anteriormente, no geral, a comunidade da escola não tem o hábito de fazer uso da linguagem escrita para se comunicar e dão preferência para que as informações sejam transmitidas verbalmente (dados colhidos por meio das observações da pesquisadora e relatos das entrevistas). Desta forma, este pode ser o

motivo para que a caixa de sugestões não funcione como uma ação eficiente para atingir a comunidade.

Eu sinceramente desanimei com a agenda, porque muitas vezes percebia que a maioria nem tomava conhecimento desta forma de comunicação.
(Professora 3, grupo focal 1,2015).

O relato da professora reforça as observações da pesquisadora sobre as dificuldades em utilizar a linguagem verbal como forma de comunicação entre a escola e a comunidade.

3.4 O ACOLHIMENTO NAS AÇÕES ESTABELECIDAS PELA UNIDADE EDUCACIONAL

Neste subcapítulo os dados colhidos durante as entrevistas com os gestores, pais ou responsáveis e professores foram reduzidos em palavras ou expressões significativas para categorização de aspectos considerados relevantes na análise com relação às relações de hospitalidade na participação dos pais para gestão democrática escolar.

Para organização das informações foram realizados três quadros, um para cada grupo de entrevistados (gestores, pais e professores). As palavras destacadas para análise dos conteúdos foram participação, acolhimento, relações, voz na discussão.

No primeiro quadro foram destacados os aspectos abordados pelos gestores da UE.

PARTICIPAÇÃO	ACOLHIMENTO	RELAÇÕES	VOZ NA DISCUSSÃO
Pais têm vontade em participar.	Participação dos pais é acolhida quando percebem que suas reivindicações são atendidas.	Demonstrar para os pais que eles pertencem ao espaço.	Trabalhar com a democracia é algo que se constrói muito devagar, inicialmente as falas são desconexas se baseadas na legislação e até a obtenção de um resultado substancial leva tempo e discussões.
Visões diferenciadas de participação. Pais- atividades Gestor – decisões	Quando percebem que o que dizem se reflete no cotidiano da escola.	Respeito.	Muitas pessoas não compreendem a necessidade da participação da comunidade e questionam a voz que deve ser dada a ela.
Participação em processo de construção, modelo de escola inicial não tinha este tipo de participação (para gestão).	Participação recebida de forma respeitosa, compreendendo o outro.		
Comunidade ativa, porém em processo.	Como são atendidos.		
Conhecimento das atividades e participação das ações possibilitam a participação na gestão.	Contato telefônico com o pai (mostrar que sua participação é importante).		
	Caixa de sugestões à disposição na secretaria da escola.		
	Pausa nas reuniões para possibilitar um acolhimento mais prazeroso (necessário ocorrer).		

Quadro 2- Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os gestores.

Com base nos dados apresentados no quadro acima os gestores perceberam que os pais estão em processo de conhecimento da UE , com ampliação no comportamento participativo. O acolhimento baseado no respeito ao outro, valorizando suas ideias e com demonstrações de

que eles pertencem ao espaço favorecem relações de hospitalidade, sendo capazes de alcançar os objetivos da gestão democrática, que é uma participação ativa e consciente.

Os gestores abordaram ser este um processo longo, que demanda tempo e investimentos constantes, com ações que mobilizem a comunidade para participação dentro da escola.

A hospitalidade se apresenta como uma ponte frágil e perigosa, estabelecida entre os dois mundos: o exterior e o interior. Tentativa de equalização, de nivelamento, seu desafio é a ultrapassagem, a abolição dos espaços, a penetração dos territórios, a admissão (Grassi, 2011, p. 46).

De acordo com Grassi (2011), a entrada em um novo ambiente com o gesto de compensação que a hospitalidade implica necessita da instalação do que ela chama de “ritual de acolhida”. Para os gestores da escola pesquisada este ritual de acolhida seria as ações de envolvimento nas atividades, que visam o conhecimento da comunidade sobre a UE com posterior sentimento de pertencimento e participação.

Nos relatos dos professores também foi possível observar o destaque quanto à percepção das melhoras gradativas sobre a participação da comunidade nas atividades realizadas e discussões sobre a gestão, abordaram a importância do acolhimento com comportamentos de escuta e respeito, priorizando a interação social.

PARTICIPAÇÃO	ACOLHIMENTO	RELAÇÕES	VOZ NA DISCUSSÃO
Melhora na participação das atividades e reuniões.	Com as atividades compreendem como seu filho é acolhido e se sentem mais seguros para participar.	Com a abertura vão conhecendo e se aproximando.	Preocupação da escola na escuta dos pais, alunos, professores e funcionários.
Receio em se expressar.	Dialogar com o pai.	Conhecendo, valorizam e colaboram.	Anteriormente as pautas de reuniões eram preestabelecidas, atualmente estão abertas para discussões e alterações.
Algumas ações permitiram que os pais participassem da escola compreendendo sua estrutura.	Dar atenção.	Grande avanço conhecer os professores pelo nome.	Os pais são ouvidos, os funcionários, em geral todos tem voz para opinar na administração da escola.
Colaboração.	Aproximação e comunicação via internet.	Escola aberta a escutar o que os pais querem e sugerem.	
Participação importante para formação da criança.	Observações sobre as crianças para os pais (triste, feliz, etc).	Diretora senta com os funcionários para discutir decisões.	
Família como parte integrante e protagonista do processo de aprendizagem.	Interesse pelo motivo das faltas (questionamento demonstrando preocupação).		
Falta de participação histórica, enraizada (dificuldade de conscientização).	Contato visual.		
Dificuldades pelo horário.	Troca.		
Conhecimento como forma de incentivo.	Dia a dia, contato direto com os pais, vivenciando as atividades realizadas.		
Participação com sugestões restritas (no Conselho de Escola).	Ser bem recebido.		
Pais que participam das ações propostas são sempre os mesmos.	Cortesia.		
Horário de trabalho.	Todos na escola terem informações da criança para fornecer ao pai.		

Quadro 3 - Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os professores

A hospitalidade pode ser observada nas relações cotidianas entre os pais e as pessoas que representam a escola, como diz Camargo (2015), nos “interstícios de um cotidiano”. Ainda de acordo com o autor, a hospitalidade analisa a relação interpessoal como forma de resgatar os vínculos sociais que estão se perdendo no mundo contemporâneo, repleto de situações de inospitalidade ou hostilidade.

Os professores da UE abordam a necessidade do diálogo, do contato visual, da cortesia e da criação de vínculos como formas de acolhimento; relatam a importância da abertura ao outro e da valorização e respeito ao que o outro oferece. Baptista (2008) discute que quando as pessoas são receptivas e acolhedoras, permitem a entrada do outro e se aventuram na possibilidade da transformação, “acolher alguém de forma hospitaleira significa abrir o espaço sem reservas ou desconfianças”(BAPTISTA, 2008, p.8).

No quadro de categorização das respostas obtidas nas entrevistas dos pais foi possível observar que as respostas foram mais sintéticas, com menos discussões e reflexões, relataram que os aspectos sobre o acolhimento estavam mais relacionados com as situações de cortesia no tratamento cotidiano e como percebiam a relação entre o professor e a criança. Estes pareceram ter sido os aspectos fundamentais para que os pais se sentissem bem recebidos.

Acho que o ponto principal é tratar os pais com educação e vejo isso aqui, porque a gente vê às vezes alguns diretores, coordenadores e professores porque eles estão magistrados e estamos numa favela, numa comunidade, não precisa tratar com educação. Uma pessoa da minha família disse que não queria que o filho estudasse aqui porque era na favela, mas não é por causa disso que as pessoas não vão ter educação. Meus filhos são super bem tratados aqui e eu também, eu acho legal quando você vai entregar seu filho aqui no portão e eles dão bom dia para todo mundo, eu nunca tive um dia que eu não viesse trazer meus filhos que eu não recebesse um bom dia, independente de quem esteja no portão, seja a diretora, um professor ou outra pessoa que auxilie na escola. Eu acho que o ponto principal é a educação que eles têm com a gente e que deve ser recíproca também. Acho que isso vale muito a pena. (P4, grupo focal 2, 2015).

Quanto à participação nas decisões, em sua maioria não se perceberam como parte do processo de decisão na gestão escolar, com exceção do relato dos pais que faziam parte do CE e APM que apontaram terem percebido a importância da participação deles nas mudanças de decisão para algumas atividades.

PARTICIPAÇÃO (dificuldades)	ACOLHIMENTO	RELAÇÕES	VOZ NA DISCUSSÃO
Horário.	Simpatia.	Igual com todos.	Alguns referiram que nunca deram opinião.
Emprego.	Receber bem.	Confiança.	Aqueles que deram, referiram que foram ouvidos e fizeram diferença.
Falta de interesse do pai.	Palavras de cortesia (Bom dia).	Escola abriu espaço para ter contato com o filho e o professor.	Conselho Escolar favorece conhecer a escola.
Ignorância.	Tratar bem o filho.		
Cultura (família não valoriza).	Atenção ao filho.		
Falta de responsabilidade como o filho.	Informação.		
Não querem vínculo, troca.	Educação (tratar com educação).		
	Contato com o professor por meio de rede social.		
	Carinho com as crianças.		

Quadro 4 - Quadro para categorização das respostas obtidas durante entrevistas com os pais.

Quanto às dificuldades para participação nas atividades oferecidas pela escola, a principal causa apontada foi o horário de trabalho, no entanto, cabe ressaltar algumas discussões sobre a resistência de pais ou responsáveis em compreender a importância do trabalho em equipe que deve ser realizado entre a escola e as famílias, alguns pais apontaram que esta dificuldade ocorre por falta de cultura e ignorância sobre a função da escola e outros abordaram a falta de responsabilidade com o filho.

As discussões realizadas durante as entrevistas apontaram para a necessidade de conhecer o ambiente, adentrar no espaço escolar e sentir-se parte dele, as relações de hospitalidade no que diz respeito ao acolhimento, abertura ao outro, respeito e alteridade reforçam os vínculos sociais e poderão favorecer a participação dos pais na gestão democrática escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho desenvolvido teve como objetivo geral observar de que forma as relações de acolhimento e hospitalidade entre escola (entendida como anfitriã) e comunidade de pais de alunos ou responsáveis (entendida como hóspede, convidado) podem influenciar nos resultados dos trabalhos escolares e na participação da comunidade para a gestão escolar.

Para realização da pesquisa foi efetuada análise da documentação da unidade educacional para delineamento das ações propostas pela escola e das atividades realizadas por ocasião das reuniões de pais. Utilizou-se de registros de atas de reuniões, do Projeto Político Pedagógico, do Plano de Metas, fotos, vídeos e comunicados fornecidos aos pais. Essa fase consistiu também na observação in loco das atividades desenvolvidas pela unidade educacional envolvendo os pais, educadores e crianças e na participação efetiva nas reuniões e atividades promovidas pela escola.

Nesta primeira fase foi possível observar relações de aproximação entre a comunidade de pais e a equipe escolar. Nas reuniões agendadas e atividades envolvendo as crianças, funcionários e responsáveis (pais), foram observadas participações ativas e funcionais, com escuta das propostas e ajustes organizacionais para atender as necessidades da comunidade envolvida. A organização dos ambientes possibilitava o acolhimento dos convidados, aproximando as pessoas para realização das atividades e estimulando a interação e relação social.

Em outra etapa foi realizada coleta de dados sobre a percepção dos principais sujeitos envolvidos nas relações examinadas, professores, pais de alunos e gestores; aplicou-se um roteiro de entrevista semiestruturada a cada um desses segmentos utilizando-se a técnica da entrevista por “grupo focal”, cujo objetivo foi provocar uma reflexão e avaliação da forma como esses diferentes segmentos estão envolvidos, se comportam e percebem as relações entre escola e comunidade, no contexto da participação dos pais na proposta de gestão democrática escolar.

Durante esta etapa, com as transcrições e análise das entrevistas observou-se que a equipe de gestores e professores acredita ser fundamental a participação da comunidade de pais e/ou responsáveis nas atividades e decisões de gestão da UE. No entanto, relatam ser este um processo lento e gradativo que necessita de estímulos constantes, proporcionando atividades que possibilitem o conhecimento das atividades e do projeto pedagógico da escola, viabilizando relações de parceria, pautadas no diálogo, respeito e escuta do outro; esta é uma necessidade almejada, no entanto, ainda longe de ser alcançada. Ainda nas entrevistas foram

observadas discussões sobre a falta de interesse da comunidade de pais em participar de reuniões e atividades que visem à coletividade, evidenciando-se prioritariamente discussões específicas sobre a criança, em que muitos transferem para escola a responsabilidade integral da educação.

De acordo com as entrevistas, gestores e professores relataram que percebem participações mais funcionais por parte dos pais ou responsáveis e que o conhecimento do trabalho pedagógico estimula esta mudança de comportamento. Quando questionados sobre as ações de acolhimento e hospitalidade na relação com os pais destacaram a importância do diálogo, do tratamento respeitoso e cordial, da abertura para receber as ideias e fazer uso das mesmas nas atividades cotidianas, demonstrando que se interessam pelos assuntos particulares das crianças e das famílias no sentido colaborativo.

Um aspecto interessante em ressaltar durante o delineamento da unidade, foi o tempo de trabalho dos professores na UE, a média no tempo de trabalho foi de 5 anos, ou seja, o tempo de trabalho na unidade pode ser também um indicador para a disposição dos participantes quanto à criação de vínculos e interesse na participação.

A formação da diretora da unidade educacional e seu percurso como administradora parece favorecer a preocupação com o acolhimento dos pais e envolvimento de toda comunidade para gestão democrática escolar.

A escola como grupo social e a educação como processo que envolve diversos elementos que não se restringem propriamente à estrutura da escola, mas se referem à cultura local, podem entrar em conflito com a cultura escolar, dificultando a criação de canais que possam de fato, levar a mudanças significativas para os educandos e suas famílias. Esta é uma barreira que só poderá ser minimizada com práticas de alteridade e respeito ao outro, na percepção de que as diferenças são fundamentais para o crescimento e desenvolvimento do cidadão.

Na entrevista com o grupo focal de gestores, os participantes destacaram a importância de utilizar a fala e a reivindicação dos pais, transformando-as em ações significativas, pois desta forma eles perceberão que sua participação é importante para gestão.

Outro aspecto levantado na entrevista com os gestores foi a necessidade de que os pais conheçam e façam parte da rotina escolar, pois somente desta forma, poderão sentir-se parte do processo educativo e terão subsídios para propor e opinar sobre a gestão escolar.

Em entrevista com os grupos focais de pais ou responsáveis, ao serem questionados quanto às dificuldades na participação das atividades escolares, em sua maioria, relataram como principal dificuldade o horário de trabalho, no entanto, algumas falas foram

interessantes, ressaltando que muitos pais não querem o vínculo com a escola, possuem uma cultura que não valoriza esta parceria e atribuem à escola toda responsabilidade pelo processo educativo.

Este aspecto citado por alguns pais pode justificar a ausência de participação de parte da comunidade de pais. Realmente, este foi um dos entraves da pesquisa, pois as entrevistas foram realizadas essencialmente com as pessoas que já apresentam um comportamento participativo nas atividades escolares. A pesquisa não conseguiu atingir os pais/ou responsáveis que não participam e para eles poderiam surgir aspectos relacionados às relações de hostilidade ou inospitalidade. Da mesma forma, nem todos os professores participaram da entrevista, alguns por compromissos particulares e outros por falta de interesse sobre o assunto; este também poderia ser um aspecto importante para ampliar a pesquisa no sentido de observar de que forma estes comportamentos se refletem nas relações de hospitalidade.

Ainda nas entrevistas com os pais, sobre as práticas de acolhimento relataram que se sentem acolhidos pelas pessoas que integram a escola; para eles a simpatia dos funcionários, as palavras de cortesia, o tratamento carinhoso com as crianças, o contato direto com os professores são fatores que influenciam no bom relacionamento com a UE. Destacaram também que a escola está abrindo espaço para que os pais possam participar das atividades e decisões, no entanto, ainda poucos possuem esta consciência.

Desta forma, voltando à questão problema que norteou a pesquisa: A hospitalidade/acolhimento pode ser observada como um fator que possibilita a participação dos pais na gestão democrática escolar? Torna-se possível observar que as relações de acolhimento ao outro, respeito por sua cultura, escuta e diálogo favorecem a interação social e a criação de vínculos, proporcionando ações eficientes para participação da comunidade de pais na gestão democrática escolar. No entanto, a ausência de parte significativa de pais ao convite da escola para a participação, é um indicador importante da distância que ainda permeia as relações. O convite, para a compreensão das relações de hospitalidade, é um diferencial que pode ser visto, em grande parte, como uma iniciativa unilateral que pode afastar, em lugar de integrar, uma parte da comunidade que possivelmente não entende a razão do gesto ou não acredita na sua eficácia.

Durante o levantamento de hipóteses/ proposições para responder a questão problema citada acima, uma das questões colocava em dúvida se os pais se sentiam acolhidos no sistema escolar, no entanto, a pesquisa aponta que eles se sentem acolhidos, e que as dinâmicas propostas pela escola minimizam a sensação de falta de participação e exclusão, embora, evidentemente, não solucionem, na medida em que sim, a hospitalidade e o

acolhimento são ações importantes que indicam consideração e respeito, mas não devolvem às famílias, a possibilidade de participarem efetivamente da gestão e das decisões das instituições escolares de forma a atingir a grande maioria de pais.

O assunto não se encerra por aqui, pois foi um recorte, em uma comunidade específica, no entanto, esta discussão possibilita reflexões sobre os tipos de relações estabelecidas nas escolas e de que forma a comunidade pode ser atingida para o trabalho em parceria com estas escolas, conquistando o objetivo principal da educação, que é a formação integral do indivíduo como cidadão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAPTISTA, Isabel. **Lugares de Hospitalidade**. In DIAS, Celia. M. M. (org). Hospitalidade: reflexões e perspectivas. São Paulo: Manole, 2002, p. 157-164.

_____. **Para uma geografia de proximidade humana**. Revista Hospitalidade, São Paulo, ano 2, n. 2, p. 11-22, 2.sem. 2005

_____. **Hospitalidade e eleição intersubjectiva**: sobre o espírito que guarda os lugares. Revista Hospitalidade. São Paulo, ano V, n.2, p. 5-14, jul.-dez. 2008.

_____. **A escola como lugar de hospitalidade**. A página da educação. Universidade Católica , Porto, ano 11, n.112, p.6, mai. 2002.

_____. **Os professores como agente de proximidade**- o diálogo como exigência ética. A página da educação. Universidade Católica , Porto, ano 11, n.118, p.6, dez. 2002.

_____. **Aprender a conviver ou**: a paz como competência ética. Universidade Católica , Porto, ano 12, n.124, p.6, jun. 2003.

_____. **Escola e Família, sentidos de uma parceria necessária**. A página da educação. Universidade Católica , Porto, ano 13, n.132, p.33, mar. 2004.

_____. **Redes, parcerias e compromissos?** Segredos de uma cidadania eficaz. A página da educação. Universidade Católica , Porto, ano 14, n.145, p.28, mai. 2005.

_____. **A comunidade aberta à escola** : razões para um outro compromisso. Universidade Católica , Porto, ano 15, n.156, p.6, mai. 2006.

_____. **De que falamos quando falamos em Pedagogia Social**. A página da educação. Universidade Católica , Porto, ano 17, n.175, fev. 2008.

BAUER, Martin; GASKELL, George (Ed.). Tradução de GUARESCHI, Pedro. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

BINET-MONTANDON, Christiane. **Uma construção do vínculo social**. In: MONTANDON, Alain. O livro da hospitalidade. São Paulo: Senac, 2011, p.1171-1184.

BOFF, Leonardo. **Virtudes para um outro mundo possível**. Hospitalidade: direito e dever de todos. Rio de Janeiro: Vozes, v. 1, 2005.

BOGUS, Lúcia; RIBEIRO, Luiz. **Como anda São Paulo**. Cadernos Metrópole Desigualdade e Governança, n. especial, São Paulo: Educ, 1999.

BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

_____; PASSERON, Jean Claude. **Os herdeiros**: os estudantes e a cultura. Trad. Ione Ribeiro do Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

_____. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado, 1988.

_____. **Ministério da Educação e do Desporto**. Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil. Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. **Ministério da Educação**. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

BUENO, Marielys Siqueira. **Introdução**. In: _____. Hospitalidade no jogo das relações pessoais. Goiânia: Ed Vieira, 2008.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. Os domínios da hospitalidade. In DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (org). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003, p.7-28.

_____. **Os interstícios da hospitalidade.** Revista Hospitalidade. São Paulo, v. XII, n. especial, p. 33-60, mai 2015.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. **Análise de conteúdo:** considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidade e limitações do método. Inf.&Soc. Est., João Pessoa, v.24, n.1, p.13-18, jan/abr 2014.

CUNHA, Luis Antonio. **Educação e desenvolvimento social no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed Francisco Alves, 1977.

CURY, C. R.J. **Gestão Democrática da Educação:** exigências e desafios. RBPAE, v. 18, n.2, jul – dez 2002.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **Reformas Educativas e o retrocesso democrático no Brasil nos anos 90.** In LINHARES, Célia (org). Os professores e a reinvenção da escola. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José (org). **Autonomia da escola:** princípios e propostas. 4. ed. . São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2001.

GHIRALDELLI, Junior Paulo. **História da Educação Brasileira.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2009.

GODOY, Arlinda Schmidt. **Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades.** Revista de Administração de Empresas.v.35, n.2, p. 57-63 mar/abr 1995.

GRASSI, Marie-Claire. **Transpor a soleira.** In: MONTANDON, Alain. O livro da hospitalidade. São Paulo: Senac, 2011, p. 45-53.

HEIDRICH, Gustavo. **A escola da família.** Revista Nova Escola. n. 3, p.24-31, agosto-setembro 2009.

IZIQUÉ, Claudia. **O mapa da exclusão.** Pesquisa FAPESP 83. São Paulo, jan, p.15-18, 2003.

JAMUR, Marilena. **Hospitalidade, alteridade e exclusão social**. In: BUENO, Marielys Siqueira (org). Hospitalidade no jogo das relações sociais. Goiânia: Ed Vieira, 2008.

JULIATTO, Clemente Ivo. **Parceiros educadores**: estudantes, professores, colaboradores e dirigentes. Curitiba: Champagnat, 2007.

LIBÂNEO, José Carlos; OLIVEIRA, João Ferreira de; TOSCHI, Mirza Zeabra. **Estrutura Escolar**: políticas, estrutura e organização. São Paulo: Cortez, 2012.

LUCK, Heloisa et.al. **A escola participativa**: o trabalho do gestor escolar. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LUCK, Heloisa. **A gestão participativa na escola**. 7.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MACIEL, Andreza dos Santos. **Gestão democrática escolar na educação infantil**: o acolhimento na relação família escola. ECS, Sinop/MT/Brasil, v. 5, n. 2, p. 157-166, jul./dez. 2015.

MELLO E SOUZA, Cândido A. A estrutura da escola: contribuição sociológica aos cursos especializados em Administração Escolar. In: FORACCHI, Marialice e PEREIRA, Luis. (ORGs). **Educação e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1964, p. 107-128.

MONTANDON, Alain. **Espelhos da hospitalidade**. In:-_____. O livro da hospitalidade. São Paulo: Senac , 2011, p. 31-37.

NOGUEIRA, Claudio M.M. e NOGUEIRA, Maria Alice. **A sociedade de educação de Paul Bourdier**: limites e contribuições. Revista Educação e Sociedade. Ano XXIII, n.78, Abril, 2002.

PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2001.

_____. **Administração Escolar**. Introdução Crítica. 10. ed. São Paulo: Cortez, , 2001.

PEROSA, Graziela Serroni; LEBARON, Frédéric; SILVA LEITE, Cristiane Kerches. **O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo**. Pro-Posições, v.26, n.2 (77), p.99-118, mai./ago.2015.

PLANO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. Brasília: MEC-Inep. Disponível em URL: <http://pne.mec.gov.br/planos-de-educacao>; acessado em abril de 2016.

PEREZ, Carmem Lucia Vidal. **A escola como centro recriador da memória e da cultura local**. A Página da Educação, Universidade Católica, Porto, ano 13, n.138, out. 2004.

PERRENOUD, Philippe. Tradução RAMOS, Patricia Chittoni. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

RAFFESTIN, Claude. **Réinventer l'hospitalité**. in Communications, L'hospitalité.65: Paris, Seuil, 1997, p. 165-177.

RIBEIRO, Maria Luisa Santos. **História da educação brasileira: a organização escolar**. 19. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

SALLES, Maria do Rosário Rolfsen; BUENO, Marielys Siqueira; BASTOS, Sênia. **Desafios da pesquisa em hospitalidade**. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. VII, n. 1, p. 3-14, jan.-jun. 2010

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientação Normativa nº01/13- Avaliação na Educação Infantil: aprimorando olhares**. São Paulo: SME/DOT, 2014.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Cadernos da Rede – formação de gestores**. Relação com as famílias e comunidade – âmbito 2 – São Paulo, SME-DOT, 2010.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica Educação Infantil. **Indicadores de Qualidade na Educação Infantil Paulistana**. São Paulo, SME/DOT, 2015.

_____. Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica Educação Infantil. **Programa Mais Educação São Paulo**: subsídios para a implantação. São Paulo, SME/DOT, 2014

_____. **Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal** de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni, São Paulo, 2014.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SÃO PAULO. Disponível em: <[http://www.portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/Portal SMESP/Apresentação](http://www.portal.sme.prefeitura.sp.gov.br/Main/Page/Portal%20SMESP/Apresentação). acesso em 13/05/2016.

SUBPREFEITURA, VILA MARIA/VILA GUILHERME. Disponível em : <
http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/vila_maria_vila_guilherme/
acesso em 22/04/2015

SOUZA, Ângelo Ricardo. **Explorando e construindo um conceito de gestão democrática escolar**. Educação em Revista. v.5, n.3, p.123-140, 2009.

SPOZATI, Aldaíza. **Exclusão social abaixo da linha do Equador**. Seminário Exclusão Social. PUC-SP, São Paulo, 1998.

BIBLIOGRAFIA AMPLIADA

BHERING, Eliana; BLATCHFORD, Iram. S. **A relação escola-pais: um modelo de trocas e colaboração.** Cadernos de pesquisa. n 106, p. 191-216, março/1999

CARVALHO, Maria. **Relações entre família e escola e suas implicações de gênero.** Cadernos de Pesquisa, n 110, p. 143-155, julho/2000.

CURY, C. R.J. **Gestão Democrática da Educação: exigências e desafios.** RBP AE. v . 18, n.2, jul/dez.2002

FERREIRA, Naura (org). **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

FRIGOTTO, Gaudêncio, CIAVATTA, Maria e RAMOS, Marise. Vocational Education and Development. In. UNESCO. Internacionl Handbook of Education for Changing World of Work. Bom, Germany, UNIVOC, 2009, p. 1307-1319. - Coletânea organizada pelo Centro Internacional de Educação Técnica e Profissional, com o patrocínio da UNESCO. Berlim, 2005. Disponível em:

http://www.educacao.rs.gov.br/pse/binary/download_sem/DownloadServlet?arquivo=textos/Palestra%20Gaudencio%20Frigotto%5B1%5D.pdf.

GODBOUT, Jacques T.; CAILLÉ, Alain. **O espírito da dádiva.** Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999. tradutor Patrice Charles F. X. Wullaume.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985 .

GOTMAN, Anne. **O comércio da Hospitalidade é Possível?** Tradução Luiz Octávio de Lima Carvalho. Revista Hospitalidade. São Paulo, v. VI, n.2, p. 3-27, jun.-dez.2009.

LASHLEY, Conrad. **Para um entendimento teórico**. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org). *Em busca da hospitalidade: Perspectivas para um mundo globalizado*. Tradução de Carlos David Szlack. Barueri: Manole, 2004, p. 1-24.

LUGOSI, Peter. **Hospitality spaces, hospitable moments**: consumer encounters and affective experiences in commercial settings. *Blackwell Publishing Journal of Foodservice*, 19, p 139-149.

LUIZ, Maria. C; WELLICHAN, Viviane. **Formação Continuada em Conselho Escolar e algumas reflexões sobre a prática da gestão democrática**. Simpósio ANPAE, 2011.

MARQUES, Ramiro. **O envolvimento das famílias no processo educativo**: resultados de um estudo em cinco países. ESSE do Instituto Politécnico de Santarém. Conferência apresentada no 1º Congresso Educação Hoje, no Hotel da Lapa, Lisboa, 24 e 25 de Maio de 1996.

OLIVEIRA, Eliane. **Stakeholders de uma estrutura educacional o processo de acolhimento no espaço escolar**. Dissertação (Mestrado em Hospitalidade), Universidade Anhembí Morumbi; São Paulo, 2013.

PARKER, Richard. A.; Rea, Louis. M . **Metodologia de pesquisa: do planejamento à execução**. Tradução Nivaldo Montigeli Jr; revisão técnica Otto Nogami, São Paulo, Pioneira Thomson Learning, 2002.

POLONIA, Ana. C; DESSEN, Maria. A. **Em busca de uma compreensão das relações entre família e escola**. *Relações família-escola. Psicologia Escolar e Educacional*, v.9, n.2, p. 303-312, 2005.

RAYNAL, Marie. **Entrevista com Anne Gotman**. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 1, p.146-157, jun. 2013

SEVERINO, Antonio. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atualizada – São Paulo: Cortez, 2007.

TELFER, Elizabeth. **A filosofia da “hospitalidade**. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison (org). *Em busca da hospitalidade: Perspectivas para um mundo globalizado*. Tradução de Carlos David Szlack. Barueri: Manole, 2004, p. 53-78.

APÊNDICE 1 – CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DE PESQUISA NA UNIDADE DE ENSINO

Prezado(a) Diretor (a) _____

Meu nome é Andreza dos Santos Maciel e sou mestranda do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Profª Drª Marielys Siqueira Bueno. Meu projeto de Mestrado constará de realização de uma pesquisa na Escola de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni.

A referida pesquisa tem por objetivo descrever as percepções dos pais, professores e equipe gestora sobre o envolvimento da família na gestão escolar e se a hospitalidade, na sua dimensão quanto ao acolhimento, pode ser considerada um fator que beneficia a participação da família na comunidade escolar. As informações para o estudo serão coletadas a partir da aplicação de um questionário com os pais, professores e gestores da instituição, será realizada também uma pesquisa documental dos registros da escola sobre o Projeto Político Pedagógico e atas de reuniões, esses dados serão posteriormente analisados e utilizados para responder as hipóteses levantadas durante o projeto de pesquisa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum.

Atenciosamente,

Andreza dos Santos Maciel

andrezamaciel@terra.com.br

Profª Drª Marielys Siqueira Bueno

marielysbueno@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) _____, representante da instituição, após a leitura da CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que a instituição, por meio de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do Diretor da Escola

APÊNDICE 2- CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA

Prezado(a) _____

Meu nome é Andreza dos Santos Maciel e sou mestranda do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade da Universidade Anhembi Morumbi, sob orientação da Profª Drª Marielys Siqueira Bueno. Meu projeto de Mestrado constará de realização de uma pesquisa na Escola de Educação Infantil Professora Edalzir Sampaio Liporoni.

A referida pesquisa tem por objetivo descrever as percepções dos pais, professores e equipe gestora sobre o envolvimento da família na gestão escolar e se a hospitalidade, na sua dimensão quanto ao acolhimento, pode ser considerada um fator que beneficia a participação da família na comunidade escolar. As informações para o estudo serão coletadas a partir da aplicação de um questionário, esses dados serão posteriormente analisados e utilizados para responder as hipóteses levantadas durante o projeto de pesquisa. A divulgação do trabalho terá finalidade acadêmica, esperando contribuir para um maior conhecimento do tema estudado. Aos participantes cabe o direito de retirar-se do estudo em qualquer momento, sem prejuízo algum.

Atenciosamente,

Andreza dos Santos Maciel

andrezamaciel@terra.com.br

Profª Drª Marielys Siqueira Bueno

marielysbueno@gmail.com

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) _____, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do participante

APÊNDICE 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORES E PROFESSORES

- 1) Como você observa a participação da comunidade nas decisões da escola?
- 2) Por que a participação dos pais é importante?
- 3) O que você considera importante para alcançar a participação dos pais?
- 4) De que forma seria possível envolver os pais (comunidade) nas decisões da escola?
- 5) O que você entende como gestão democrática?
- 6) Que tipo de relacionamento deve ser estabelecido entre os gestores, professores e pais (comunidade)?
- 7) Quais seriam as formas de acolhimento para os pais?
- 8) Você acha que existem dificuldades no envolvimento dos pais na gestão democrática da escola?
- 9) Quais atitudes demonstram o acolhimento?

APÊNDICE 4 – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM PAIS OU RESPONSÁVEIS

- 1) Você participa das atividades realizadas na escola? Quais já participou? O que achou?
- 2) Por que acha importante participar destas atividades?
- 3) Se não participa, qual o motivo?
- 4) Você participa de reuniões específicas para tomada de decisões (APM, Conselho de Escola, Avaliações)?
 - () Sim. Por que participa?
 - () Não. Por que?
- 5) O que faria você participar dessas reuniões (horário, local, assuntos, convite)?
- 6) Você se sente bem recebido na escola?
 - () Sim. O que faz você se sentir bem recebido?
 - () Não. Por que?
- 7) Como deve ser o contato com professores, coordenador e diretor da escola?
- 8) Você acha importante a participação dos pais nas decisões da escola? Por que?
- 9) Como se sentiram durante as reuniões (acolhimento)?

ANEXO 1- ENTREVISTAS

GRUPO FOCAL – GESTORES DA UNIDADE EDUCACIONAL

Como vocês observam a participação da comunidade na escola?

Diretora: - *Eu acho que eles têm bastante vontade de participar da escola, mas o que é participação para os pais é diferente da participação que a gente como gestor gostaria que eles tivessem, para o pai participar é vir aqui ver o filho dançar, é vir aqui numa festinha, é participar de um evento e nós gostaríamos que eles participassem mais tomando decisões, entendendo o processo de funcionamento da escola e nessa parte eles ainda estão começando, engatinhando.*

E vocês acham essa participação importante?

Coordenadora: - *Eu acho que é como a Sandra (diretora) falou, é um processo de construção mesmo, o modelo de escola que tínhamos não era um modelo com essa participação dos pais no sentido de envolvimento nas questões de tomada de decisões da escola, ele passou a ser visto desta forma, nas novas discussões sobre educação e ainda tem se a idéia de que a participação é para aqueles momentos de dias diferentes, na verdade não para uma tomada de decisão. Acredito que a participação desta comunidade é ativa, dentro do que a gente tem de histórico da participação de pais ainda estamos engatinhando, mas acredito que temos essa participação.*

De que forma é possível fazer com que os pais compreendam a importância desta participação?

Assistente de direção: - *Até pouco tempo atrás eles não tinham noção do que acontecia na escola, a partir do momento em que puderam observar atividades desenvolvidas com as crianças(como o self service) , eles passaram a perceber a importância de participar e passaram a questionar sobre quando poderiam participar.*

O que poderia ser feito para que os pais pudessem se sentir acolhidos na escola, percebendo-se como parte da unidade educacional?

Diretora:- *Quando pensamos que o pai tem que participar das decisões da gestão democrática da escola é possível refletir “como é que você pode participar da gestão de qualquer coisa se você não tem o conhecimento da coisa... então vamos ajudar na gestão de uma cozinha, no entanto, não sei onde as coisas estão guardadas, não sei que horas sai o almoço eu não sei nada, como ajudar?” O primeiro passo para o pai participar é o que a Leda (assist. de direção) falou, ter o conhecimento da rotina da escola, conhecer o projeto da escola, saber como é o funcionamento, pois, desta forma, ele tendo esse conhecimento, ele consegue participar das decisões, pois como é que ele vai decidir por exemplo sobre um material que deve ser comprado se ele nem conhece o trabalho que é realizado, a rotina das crianças, linha do tempo, para que ele é utilizado, então, o fato de abrir a escola para que o pai possa conhecê-la já é uma forma de chamar o pai para participação, porque a hora que ele vê a coisa em andamento, num primeiro momento ele vê tudo lindo, porque ele não espera*

que dentro da escola tenha tudo aquilo porque a referência do pai é a escola que ele não teve ou a escola que ele teve, mas aquela escola antiga, da carteira uma atrás da outra, do sopão. Quando ele chega e vê a escola como ela é, num primeiro momento fica encantado, tem um deslumbre, a partir do momento que ele começa a ver com mais frequência ele já consegue apontar onde ele acha que pode melhorar e é aí que ele vai ter vontade de participar.

O que podemos fazer para que o pai sinta que aquilo que ele está fazendo ou dizendo é importante? Que sua participação está sendo acolhida?

Diretora: - Quando ele vê que uma reivindicação dele está sendo atendida, por exemplo, os pais queriam uma festa junina onde eles pudessem participar ao darmos a notícia que o Conselho de Escola e professores tinham encontrado uma forma da festa não ser uma festa totalmente aberta, envolvendo dinheiro, mas que os pais iam poder participar as mães falaram “tá vendo como valeu a nossa opinião?”, então quando eles começam a perceber que aquilo que eles falam está refletindo no cotidiano da escola eles se sentem mais fortes para participar e tem mais vontade de convencer as outras pessoas também.

Coordenadora:- Eu acho também que neste aspecto conta como eles são atendidos, demonstrar que ele pertence a este espaço, que pode falar, eu acho que isso corresponde também ao acolhimento, a participação deve ser recebida de forma respeitosa, compreendendo o outro, acredito que este seja um diferencial em uma gestão democrática

.

No geral, os gestores possuem esta visão quanto a participação dos pais? A gestão democrática, participativa é algo que é discutido nas reuniões de gestores?

Diretora:- Eu acho que a gestão democrática está muito mais na discussão e na concepção das coordenadoras do que das diretoras, as coordenadoras tem essa clareza da gestão democrática, de como trabalhar; algumas diretoras, porque tem a responsabilidade do cargo, de responder a tudo, são mais conservadoras do que as coordenadoras, isso não é regra, mas no geral sim, é uma política que a prefeitura quer, mas que fica muito difícil para o ser humano que viveu na ditadura, com uma escola autoritária, trabalhar com a democracia é algo muito complicado, porque não é só a formação, a formação ajuda, mas é algo que demanda tempo, muitos tem dificuldade em compreender que gestão democrática não é bagunça, que não perderá a autoridade, que é algo que deve ter organização.

Coordenadora: - Muitas vezes a gestão democrática é um pouco tolhida pela gestão, no caso do diretor, por uma questão de autoritarismo, pela questão histórica; muitas vezes nas falas do cotidiano é possível observar as citações “aquele diretor é muito democrático”, quando o diretor dá abertura, porém acredito que a Sandra (diretora), colocou bem, a gestão democrática não é bagunça, essa participação da comunidade é definida por lei, por questões de qualidade de educação, existe uma legislação, um projeto pedagógico da escola, o diretor não perderá sua autoridade, porém muitos diretores não aceitam.

Diretora: - *Estamos falando aqui da gestão democrática na comunidade, mas esta começa com os professores e funcionários e mesmo sendo eles de uma geração mais jovem, também é possível observar dificuldades em compreender e trabalhar com a democracia, é algo que se constrói muito devagar, o primeiro ano que você deixa as pessoas falarem, as falas saem muito atrapalhadas, desconexas, como a fala dos pais no Conselho, então até as pessoas falarem, ouvirem, compararem com a legislação, ver resultado, é algo que demora e quando essa democracia passa do âmbito da escola para a comunidade os professores reagem, é comum você ouvir “ a diretora dá muito mais importância para o que a mãe fala do que o que a gente fala”, já li muito na avaliação “a diretora ouve muito a comunidade”, então para alguns professores, você deixar a comunidade entrar é algo assustador, uma professora esses dias relatou “a gente avançou muito, mas ainda queremos controlar esta participação, a gente quer que eles participem, mas dentro do controle do limite que temos”. Eles devem participar de forma autônoma e não acatando o que oferecemos para eles.*

E essa seria uma forma de acolhimento? Acolher para que eles se sintam livres?

Assistente de direção:- *Você escuta e explica os direitos e deveres de acordo com a legislação.*

Diretora:- *A participação efetiva mesmo só vai acontecer no dia em que a mãe chegar aqui e falar que quer convocar uma reunião de Conselho de Escola para resolver um problema, no dia em que eles chegarem com os problemas e/ou sugestões, solicitando reuniões para discuti-los e não como acontece hoje, nós apresentamos as dificuldades e soluções e eles fazem ajustes, porém é algo que demanda tempo e na educação infantil ele está sempre parando porque os pais e as crianças ficam apenas dois anos na escola, no início estão inseguros e no segundo ano quando começam a participar a criança vai embora e aí recebemos um novo pai e esse processo é quebrado o tempo todo.*

Voltando um pouco ao acolhimento, como vocês avaliaram o acolhimento da escola com relação à comunidade na reunião sobre a Avaliação do Indicadores , que foi uma das reuniões que houve a maior participação da comunidade , sendo a última reunião mais longa?

Coordenadora:- *Eu achei e discutimos no horário coletivo que ficou faltando um momento de pausa para água ou café, ou oferta dos mesmos para deixar os pais mais a vontade, possibilitando uma acolhida mais gostosa; faz parte de qualquer processo de acolhimento, em qualquer lugar, de forma profissional, uma forma de dizer você é muito bem vindo e eu respeito suas necessidades de comer, beber, levantar, falar.*

Diretora:- *Outro ponto que acredito ser importante é o contato telefônico com os pais, principalmente ao confirmar a presença nas reuniões de Conselho, pois uma coisa é um bilhete e outra coisa é o contato mais próximo, mostrando que sua participação é importante, demonstrar que a presença é importante, não apenas para assinar lista, mas sim que sua presença é importante.*

Coordenadora:- *Este é um trabalho que a escola já faz e que acredito ser uma forma eficiente de acolhimento, outra forma é a caixa de sugestões que fica na secretaria, pois é uma forma de acolher as ideias. O projeto pedagógico é a base para o trabalho da escola.*

Encerrada a discussão sobre a última questão e sem mais comentários adicionais, agradei a participação e colaboração da equipe gestora, finalizando a entrevista.

GRUPO FOCAL – PROFESSORES DA UNIDADE EDUCACIONAL

GRUPO FOCAL 1

Como vocês observam a participação da comunidade nas decisões da escola?

P1- Pelo Conselho, por meio destas reuniões que eles se posicionam.

P2- Acho que tem uma boa parte dos pais que são participativos, eles participaram bastante nas atividades desenvolvidas, inclusive na atividade da horta, eu acredito que eles gostam de participar, reclamam também, mas participam. Acho que esta participação está crescendo cada vez mais.

Vocês acham que teve alguma mudança na frequência da participação destes pais e na qualidade desta participação? Algumas professoras trabalham nesta escola desde sua fundação, como vocês vêm observando a participação da comunidade?

P3- Acho que eles têm muito receio de expressar a opinião deles pela ideia de que o professor sabe mais, eu sinto isso nas reuniões de Conselho, no entanto, quando abre para os pais falarem alguma coisa eles ficam até com medo, talvez de falarem errado ou de não conseguirem expressar a ideia e receio do que a professora vai estar pensando sobre ele. Dessa forma, a reunião vai ficando empobrecida. Nas festas, realmente a frequência aumentou, conforme você vai abrindo, as pessoas vão se aproximando mais, no Conselho eu ainda sinto esta dificuldade, também tem mais pais, porém ainda com o receio de exposição.

P4- Mas antes era bem pior, eles nem falavam, agora eles já falam.

P3- Sim, verdade.

Uma dificuldade observada anteriormente era a dificuldade de alcançar a quantidade de pais estabelecida para Conselho de Escola e APM, agora parece que nos últimos anos não houve esta dificuldade.

P5- Achei que na reunião dos Indicadores de Qualidade a participação foi boa, eles participaram, se posicionaram.

P6- Quando começamos a desenvolver as reuniões dos Indicadores, foi uma forma de envolver a comunidade, até então, eu acredito que era mais o Conselho para tentar a participação da comunidade e mesmo para nós era difícil proporcionar essa participação decisória. Acredito que o IQ (Indicadores de Qualidade) foi uma boa oportunidade, deu

trabalho, mas possibilitou esta participação. Foi um meio, ajudou a ter mais contato com a comunidade.

P7- E muitas das nossas ações foram elaboradas a partir da primeira reunião dos Indicadores, após o posicionamento deles começamos a colocar em prática. Desta forma, estas reuniões foram formativas, porque os pais passaram a ter ideia do que é a educação infantil e como deve ser a escola, isso eu achei muito importante.

Por que vocês, como professores acham importante a participação dos pais na escola?

P3- Nós temos uma visão da história e os pais tem outra.

P8- Eles vindo para escola, acabam entendendo como é realizado nosso trabalho e acabam valorizando mais e colaborando.

P3- E acho que principalmente colaborando, não achando que apenas a escola dará conta do desenvolvimento da criança.

P2- Eu acho também que tem a questão da criança, ela acaba percebendo o quanto o pai é envolvido na vida dele. As crianças comentam sobre a presença e a ausência dos pais nas atividades, a participação dos pais é importante para formação da criança.

P9- É considerar a família como parte integrante e protagonista do processo, ou seja, não tem como construir uma educação com qualidade desconsiderando o valor da família na educação, não é só a escola, a família faz parte do educar e cuidar.

Além dos Indicadores de Qualidade como forma de envolver os pais nas decisões da escola, vocês acham que tem alguma outra forma, vocês realizam atividades com esta finalidade?

P7- Sim, a Mostra Cultural, as oficinas aos sábados, a escola foi aberta para que os pais participassem das atividades realizadas com as crianças, isso é importantíssimo.

P8- Até as atividades mais simples como a observação das refeições, as brincadeiras realizadas com as crianças.

P7- E muda a visão deles em relação aos professores, vão compreendendo como seu filho é acolhido e vão se sentindo mais seguros, opinando no decorrer do processo.

O que vocês compreendem por gestão democrática?

P7- Uma gestão participativa, onde você tem um Conselho que é ativo, uma escola que chama a comunidade que ouve a comunidade, que ouve a criança. Isso para mim é uma gestão democrática.

P3- Ela tem que dar conta da visão de todos, funcionários, pais, comunidade do entorno, conciliar tudo isso é complicado.

Na escola, vocês acham que está sendo possível trilhar este caminho da gestão democrática?

P3- Acredito que já tem a preocupação de... se já tem esta visão, já é um passo importante, porque muitas escolas nem escutam as necessidades dos pais, eles entram, saem e não são ouvidos.

P7- Eu acredito que o professor também está sendo beneficiado com esta gestão democrática, pois são discutidos os investimentos a serem realizados com as verbas fornecidas pela prefeitura e somos ouvidos. As nossas necessidades como profissional estão sendo atendidas.

Agora este questionamento é para as professoras que trabalham em outras escolas, vocês percebem que esta dinâmica ocorre no geral? Em todas as escolas? Todas se preocupam com esta escuta dos pais?

P2- Na EMEF eu acho que é mais complicado, mais difícil, principalmente porque tem mais alunos e professores, dificultando esta escuta.

Quando falamos de acolhimento, o que seria este acolhimento na opinião de vocês? O que vocês fazem para que os pais se sintam bem acolhidos?

P2- Dialogar com o pai, dar atenção ao que está sendo dito para ele.

P3- Algo que eu e a professora Cida fizemos e que acho que os deixou mais próximos foi a utilização da internet (mensagens) como forma de comunicação sobre as atividades realizadas pelas crianças. Elas se emocionaram bastante com esta troca de fotos. É algo simples, mas que observamos ter sido muito eficiente para nos aproximar dos pais. Eu nem tinha pensado nisso, mas agora, me atentei como uma forma de aproximação.

P7- A questão do acompanhamento do almoço também, eles perguntam sobre as refeições do filho e acho que ao fornecer estas informações estamos nos aproximando de alguma forma. Até mesmo as observações que fazemos sobre as crianças na hora da saída. Observações sobre o comportamento, se comeu ou não, se estava mais triste ou indisposto, etc. Estas atitudes passam maior segurança para a família.

P6- Até mesmo quando nos interessamos pelos motivos das faltas das crianças, questionando os pais se a criança melhorou, é uma forma de demonstrar preocupação, me parece que eles sentem esta preocupação e que o filho faz diferença. Este contato cria um vínculo maior. Tem pais que pegam a criança e nem olham para o professor. O contato visual e a troca criam vínculos.

P9- Percebi que os pais se sentiram acolhidos durante as oficinas da Mostra Cultural, quando as crianças estavam ensinando para os pais as atividades desenvolvidas por eles, eles demonstravam com olhares e gestos a aproximação com as crianças e com o trabalho realizado.

E os pais que não participam? O que vocês acham que dificulta o envolvimento destes pais?

P8- Eu acho que alguns preferem não participar para não se expor, para que a escola não tenha acesso à sua realidade.

P7- Eles sabem que as crianças, por ficarem bastante tempo na escola acabam expondo sua realidade...

P6- E pela comunidade mesmo, algumas mães estão presas ou são usuárias de drogas e pode ser que eles tenham receio da exposição com cobranças posteriores.

P3- E também pelo fato do horário de trabalho, porque muitos trabalham e as crianças ficam com cuidadoras, estas cuidadoras não tem o comprometimento de participação nas atividades escolares.

P8- Uma forma de participação também é a agenda, uma forma de comunicação.

P3- Eu sinceramente desanimei com a agenda, porque muitas vezes percebia que a maioria nem tomava conhecimento desta forma de comunicação.

Questionei se percebiam falta de interesse por parte dos pais.

P3- Sempre tem, uma vez um pai que eu sabia que não estava trabalhando, me questionou se era realmente necessário participar da reunião de pais. Fiquei inconformada, mas respondi que era ele quem deveria resolver. Vou falar o que para essa pessoa?

P2- Sim, muitos pais que eu sabia que não estavam trabalhando acabavam questionando e dizendo que não viriam participar da Mostra ou oficinas realizadas aos sábados. Diziam: - Vir pra que? Não, tenho muito que fazer. Demonstram assim a falta de interesse pelas atividades das crianças.

P3- É histórico, a escola é o lugar que você deixa seu filho enquanto trabalha.

P2- A falta de importância da escola já está enraizada nos pais. A parte mais difícil é conscientizar que as atividades realizadas são importantes.

P4- Em todas as reuniões de pais deve aparecer o projeto pedagógico da escola. Os pais precisam ter conhecimento dos objetivos da escola.

P8- A mudança é muito lenta, estou aqui na escola há 15 anos, o Conselho está mais participativo? Sim, está, mas demorou quantos anos para que esta mudança ocorresse? Então esta sementinha que estamos plantando vai demorar para render frutos.

P3- Anteriormente eles nem abriam a boca, o processo de aprender a se colocar já é uma mudança significativa. A horta, por exemplo, da época em que começamos para os dias atuais, houve um grande avanço.

P8- Um avanço também é chamar os professores pelo nome, anteriormente nem o nome das professoras eles sabiam.

P9- Outro aspecto é que anteriormente as reuniões de APM e Conselho já eram direcionadas, praticamente com tudo decidido, transmitindo aos presentes e solicitando assinatura da ata de reunião, atualmente as decisões são abertas à discussões com

possibilidade de alterações. Este também pode ser considerado um fator de crescimento e evolução.

P4- A metodologia fica restrita aos pais que participam e a única forma de atingir os pais que não participam é a influência daqueles que participam.

Agradeço todos pela participação.

GRUPO FOCAL 2

Como vocês observam a participação da comunidade nas decisões da escola?

P1- Eu acredito que a participação é bem restrita, restrita aos pais que participam do Conselho, eu não acredito que esta participação ocorre de modo amplo, são pontuais e aqueles que não participam do Conselho e trazem sugestões são uma parcela mínima.

P2- Eu concordo, os pais do Conselho participam bastante, é um Conselho ativo, eles trazem questionamentos e a escola incentiva que eles tragam sugestões de outros pais, porém sem contribuições externas. A caixa de sugestões, por exemplo, está sempre vazia.

P1 – O conhecimento é uma forma de incentivar a participação.

Por que vocês acham que os pais não participam?

P1- De verdade? Eu acho que nós, escola, em alguns momentos somos muito repetitivos, as mesmas informações que damos na primeira reunião, damos até a última.

P2- Mas onde, nas reuniões de Conselho ou reuniões de pais?

Em tudo?

P1- Eu estou falando especificamente em reuniões de pais, eu tenho a impressão que fora aquelas informações muito específicas, as reuniões de pais se transformam em repetições de informações e se o pai já está cumprindo os procedimentos, acredito que eles não achem necessário frequentar as reuniões para ouvir as mesmas informações.

P2- Vou dizer também como mãe, nas reuniões do meu filho tenho esta impressão e acabo me desinteressando, já cheguei até a perguntar na porta se terá algo diferenciado, porque tem informe do dia a dia que eu já compreendi. Entendo como professora que tem alguns pais que necessitam deste reforço, mas para o pai que já compreendeu e é assíduo, se torna repetitivo.

P1- Exato e tem outra coisa em relação à reunião de pais, já estabelecemos uma comunicação diária e se tem algo para falar isto já foi realizado na saída ou via agenda. Desta forma a reunião fica restrita apenas aos informes e quem já sabe não se interessará em comparecer.

P2- Por outro lado a reunião de pais é muito importante, porque muitas vezes tenho o contato direto com o cuidador, no dia da reunião de pais, geralmente consigo falar com o

pai. Minha sala, durante este ano, foi assídua quanto à frequência dos alunos e dos pais, finalizei o ano com a última reunião composta por 26 pais (35 crianças no total). Uma parcela de pais não comparece porque não tem interesse mesmo, têm a visão de que o papel da escola é ensinar e tá bom, interessa apenas saber se passou de ano, mas grande parcela, aqui na escola, por meio das atividades da escola, já perceberam que a reunião de pais é importante.

O interessante é aproveitar estas reuniões não apenas para transmitir os informes, mas para orientar quanto ao trabalho pedagógico realizado.

P1- Realmente, os informes são os mesmos e muitas vezes fornecidos por escrito, então naquele momento, você comenta os informes no geral e aproveita para falar do seu trabalho e se for necessário um comentário individual da criança, esta é uma oportunidade.

P2- Mas de modo geral, aqueles que participam na reunião são exatamente os mesmos que vêm apreciar os trabalhos realizados e se interessam pelo desenvolvimento dos filhos. Os pais que precisariam ouvir estes comunicados não participam, não estão presentes.

P1- Mas se formos pensar nas atividades da escola, a maioria já comparece, nossa Mostra teve mais gente participando, as atividades do baile.

P2- Só que este ano, estes eventos foram mais divulgados, eu acredito que por isso e também pela insistência das professoras na porta, porque eu tiro por mim, eu falei muito.

P1- A comunicação já é feita todos os anos, o importante é continuar fazendo.

P2- Eu acredito que melhorou bastante este ano.

P1- E a divulgação é necessária.

E nas reuniões de Conselho, foram observadas diferenças?

P1- Tem mais pais participando, por exemplo, o passeio dos pais, este passeio não existia na escola, este passeio foi uma sugestão de Conselho, os pais sugeriram e quase todos que pediram, foram e ainda levaram outras pessoas. O que eu percebo desde o ano passado no Conselho é que a escola está aberta a escutar o que os pais querem e sugerem, desde a questão do ano passado sobre a formatura onde discutimos sobre os moldes da comemoração e esta passou a ser realizada. Até o passeio, eles queriam muito, conseguiram e foi ótimo.

P1- Nosso Conselho é novo porque é formado em sua maioria por crianças de infantil I, são mães que querem entender a escola e na última reunião comentaram que foram ouvidas, acredito que isto foi muito bom. O Conselho foi fortalecido nesta questão.

O que vocês entendem por gestão democrática?

P1- Eu acho que alcançá-la 100% é algo a se desejar, mas a caminhar, nós já conseguimos avançar, eu acho que ela já começa a acontecer, pois a partir do momento que você tem uma pesquisa que dá voz aos pais, professores, gestores e funcionários e no dia a dia existe este diálogo com os pais já é uma gestão democrática, claro que tem algumas questões para

avançar, amadurecer quem participa no poder de decisão, ser formativa, conhecer sobre o que vai opinar.

P2- Eu acho que isso é bem importante, essa gestão democrática, na minha opinião, ainda é utópica, acredito no caminhar bem longo aí...

P1- Eu acho que é difícil alcançá-la cem por cento.

P2- Mas esta escola consegue desenvolver aspectos da gestão democrática, não acredito na unanimidade, mas os pais são ouvidos, os funcionários, de modo geral, tem voz para opinar na administração da escola. A diretora, de modo geral, senta com os funcionários para discutir as decisões a serem tomadas de acordo com os parâmetros legais. Aqui as pessoas sentam, estabelecem pontos de vista, podem não concordar, mas estes pontos são considerados. Este aspecto é importante na gestão democrática, as opiniões são sempre relevantes para discussões e este é um perfil direcionado pela gestão.

P1- Eu acredito que o trio gestor tem um perfil que estimula a gestão democrática.

P2- Eu destaco a diretora, porque dependendo de como esta gestora leva, administra esta gestão, o papel dos demais pode ser restrito e autoritário. Na nossa escola a diretora não centraliza as decisões.

P1- As decisões são democráticas.

P2- Como já passei por outras gestões onde isto não era bem estabelecido e por isso dou enfoque para diretora, pois observo coisas que em outras escolas não se estabelece, geralmente, já vai delegando funções de acordo com o perfil dos funcionários. Um exemplo foi a Mostra Cultural, só por ela ter aberto para que os professores definissem os espaços de acordo com seu trabalho já traz um diferencial que em outras escolas, muitas vezes, não é observado.

P1- Dependendo da situação, se você está em um lugar que não tem esta democracia você vai discutir em vão.

P2- Sim.

Se pensarmos em acolhimento, o que é feito para proporcionar o acolhimento?

P1- Acredito que seja o fato do dia a dia, na sala de aula, na escola, do contato direto com os pais, vivenciando as atividades que são realizadas, acho que já é uma forma de acolhimento. Eu acho que parte do acolhimento é o espaço dado aos pais em participar das atividades realizadas com as crianças. Outra coisa, mesmo parecendo restrito, o Conselho, em muitos lugares nem existe, o diretor ou o presidente do Conselho tomam as decisões e acontece, aqui não, o Conselho tem voz, tem reunião que demora, toma decisões. Isto, mesmo restrito à alguns pais já é uma forma de acolhimento.

P2- A caixa de sugestões que fica na secretaria também. Tem outra coisa que também pode parecer bobagem para nós, mas que ouvi de um pai na creche e ficou para mim, que ele tinha

muita satisfação em chegar em nossa sala e ser bem recebido, então assim, parece uma bobagem, você pode estar super mal naquele dia e talvez eu possa ser um pouco ríspida, mas só de recebê-los com um “miserô boa tarde, boa noite”, para o pai faz muita diferença e não temos a dimensão disto.

P1- Muitas vezes o pai vem naquela correria para buscar a criança e ao cumprimentá-lo, parece que já muda a expressão facial do pai. Ele muda...

P2- Outro fato categórico foi uma criança do Infantil 2 que no dia do baile de encerramento fez questão de tirar uma foto com o Giovani (funcionário da escola).

P1- Faz parte deste acolhimento não ter um setor, todos na escola têm informações sobre as crianças e possuem este comportamento.

P1- Essa cortesia acho ser necessária.

P2- Muito, extremamente. Depois que aquele pai me relatou a importância de ser recebido com um cumprimento, mesmo não estando em um dia bom, me cobro em ter este comportamento, porque não custa nada.

Dentre as questões, sobre as dificuldades na participação dos pais, vocês teriam algo a acrescentar?

P1- Eu acredito que tem também a questão relacionada ao trabalho, muitos pais não participam por questão de trabalho, mas observamos a participação via agenda, pelo cuidador ou quando pode vir se preocupa em saber tudo sobre o filho. Sempre tem algum pai que não pôde comparecer à reunião, mas vem depois e se interessa em saber o que aconteceu. Quem tem interesse tenta se organizar, mas tem aqueles que nem tomam conhecimento.

Vocês gostariam de acrescentar algo?

P1- Eu acredito que estamos caminhando para melhorarmos nosso comportamento com relação ao acolhimento dos pais.

Agradeço a participação de vocês pela grande contribuição.

GRUPO FOCAL – PAI OU RESPONSÁVEIS

GRUPO FOCAL 1- PAIS

Vocês participam das atividades realizadas na escola? Quais?

P1- O meu filho é novato aqui (matriculado no mês de outubro), mas na outra escola eu ia mais nas reuniões de pais, não tinha assim brincadeira, era mais reunião.

P2- Essa é a primeira atividade que eu participo, como eu trabalho a tarde não conseguia vir, no ano passado eu participava mais, só que era só em reuniões.

P3 – Na outra escola que ela estudava também tinha assim bastante atividade que a gente participava, então eu já estava acostumada, principalmente feira de artesanato.

P4 – Eu sempre participo, reuniões, festa junina, assim essas coisas...

P5 – Sim, participo de todas, como não trabalho, consigo participar.

O que vocês acham que torna mais difícil a participação? O que acontece que é difícil vir mais à escola?

P1 – Pra mim o mais difícil é o horário das reuniões, geralmente é no horário que eu estou trabalhando.

P2 – O que mais dificulta são os horários.

P5 – Eu acho que é o horário, porque tem pessoas que trabalham.

Além do horário, vocês acham que tem algum outro motivo que dificulte a participação? O convite, o assunto...

P3- O assunto não, é mais o horário.

E aqui na escola, vocês sentem que são bem recebidos?

P3 – Eu acho que sim.

P1 - Com certeza, inclusive ele, ele gostou muito da escola e isso me deixa muito feliz.

P5 – Eu acho legal, o Gabriel também gosta.

Eu gostaria que vocês exemplificassem, me dessem um exemplo sobre o que acontece que faz com que vocês se sintam bem recebidos?

P4 – Os professores são simpáticos, recebem a gente bem.

P2 – Todo mundo, aqui nos recebe de braços abertos.

P1 – A gente chega e já é bem recebido, isso é legal para nós.

P4- Quando chega lá fora já é : -Bom dia!(quem fica no portão para receber as crianças).

Como é a relação com o coordenador, diretor? Vocês sabem quem é quem na escola?

Todos – Não.

P1 – É igual com todo mundo.

P5 – Todos recebem bem.

Nas decisões da escola, vocês já chegaram a participar de alguma decisão da escola?

Todos – Não.

As decisões já vêm prontas para vocês? Vocês sabem se existe alguma reunião para isso? Para expor sua opinião? Por exemplo, vocês já participaram de reunião de APM, Conselho de Escola?

Todos – Não.

P2 – Para mim o mais importante é a reunião de pais, então pra mim, essas eu deixo passar.

P3 – Eu acabo deixando pra lá, na reunião de pais que a gente vai saber dos nossos filhos.

P5- Eu não participo porque não gosto, não sei para que serve. Acho que todos precisam dar opinião, mas não sei...

Tem alguma coisa que vocês acham que poderia ser feito para participarem mais?

P1 – Eu penso mais na questão de trabalho, que às vezes não dá para vir.

P2 – Mais o trabalho mesmo.

Com relação às atividades que a escola faz, vocês acham que está bom, que precisam ser feitas mais atividades? Vocês tem alguma sugestão?

P1 – Eu acho que tá bom.

P2 – Tá bom.

P3 – Também acho.

P4 – Tá ótimo, porque sempre tem atividades com a participação dos pais né? É muito bom isso.

O principal foco desta conversa é saber se vocês se sentem bem recebidos e acolhidos na escola e se este comportamento influencia na participação de vocês.

P3 – É que aqui todo mundo se envolve, em outros lugares, você vê que é um ou dois, mas aqui não, é legal.

P2 – Eu achei que ia ter pouca gente, cheguei aqui e pensei ...não vai dar ninguém...daí começou a chegar um monte de gente e ficou bem legal.

Outra questão seria se vocês percebem que suas sugestões são acolhidas, mas como vocês relataram que nunca chegaram a sugerir nenhuma alteração na escola, será difícil responder esse questionamento, mas até o momento, o que vocês esperam da escola, estão sendo atendidos?

Todos – Sim.

Bom, acredito que é possível encerrar por aqui, agradeço a colaboração de todos.

GRUPO FOCAL 2 – PAIS

O que eu gostaria saber de vocês é se vocês participam das atividades realizadas na escola e quais vocês participam? Vou pedir para um a um dizer se participam e qual atividade.

P1 – Sim, todas... este ano eu estava trabalhando, mas todas a partir de junho eu vim, aquela da alimentação, tudo que eu sou chamada para participar eu venho.

P2- Eu não consigo participar de todas por causa do meu trabalho porque o horário não coincide, mas eu sempre peço para alguém vir por causa da criança porque quando não vem ninguém elas se sentem desprezadas.

P3 – Não eu não consigo, por causa do meu trabalho hoje é o primeiro que participo, hoje eu liguei no meu trabalho porque ele queria muito vir para escola e avisei que ia chegar um pouco mais tarde para poder vir.

P4 – Eu consigo, eu participo de todos.

P5- Eu sou acostumado a vir sempre nas festas, já é a minha segunda criança aqui, participo sempre das atividades em geral, então eu sou bem participativo nas festas.

P6- Consigo.

P7- Sim.

P8- Venho.

P9 – Sim.

P10- Sempre que dá venho, mas quando eu não venho, vem a minha irmã.

Alguns de vocês já acabaram relatando sobre a dificuldade em participar relacionada com o horário, porque geralmente é no horário que estão trabalhando, no entanto, eliminando este motivo, vocês acham que existe algum outro motivo que dificulte a participação de vocês ou de outros pais (algum motivo que vocês escutem outros pais relatando)?

P1- Eu acho que o principal é o horário porque, por exemplo, teve uma atividade que era para os pais participarem de uma brincadeira com a criança e era 8 horas da manhã, neste horário é difícil participar. Deveria fazer num horário que desse para participar, na entrada ou na saída, porque no meio do dia fica difícil.

P2- Ou podia marcar num sábado de manhã e dai todos os pais podiam participar, um dia mesmo tinha uma atividade que eu não podia vir e não mandei minha filha porque ela ia se sentir abandonada.

No final de semana é mais fácil participar...

P8- É mais fácil...

P6- Mais fácil...

Nas reuniões de Conselho de Escola e APM ...todo mundo sabe como funcionam essas reuniões?

P5- Eu sei, eu já participei na outra escola, mas desta aqui ainda não.

P9- Eu participo.

Nas reuniões de Conselho e APM são as reuniões onde geralmente se decidem as atividades da escola, para onde vai o dinheiro, quais os passeios, como serão feitas as reposições escolares, etc , nestes momentos os pais podem dar bastante opinião. Quem participa das reuniões de Conselho... vocês acham que o que vocês querem é ouvido pela escola, é resolvido, vocês conseguem se posicionar e decidir alguns assuntos?

P9- Na hora, os pais falam cada um a sua opinião e aí consegue.

Os pais são ouvidos e conseguem ser atendidos?

P9- Sim, conseguem

Então funciona?

P9- Sim, a reunião é boa.

Agora a pergunta é para quem não participa, o que dificulta a participação de vocês?

P2- Por causa do horário.

P5- Por causa do horário de trabalho.

O contato que vocês têm com as pessoas aqui da escola, o que vocês acham? Vocês são bem recebidos?

P5- Da minha parte é bem recebido, nenhuma crítica, da minha primeira criança e agora a segunda não tive nenhum problema.

P4- Eu sou bem recebida.

P3- Bem recebida.

P7- Todo mundo que eu tenho que falar aqui sempre me trata bem.

Vocês já conseguiram dar a opinião de vocês em alguma coisa aqui da escola?

P7- Eu por enquanto não quis mudar nada, não teve necessidade de nada disso não.

P5- Pra mim tá tudo bom.

P2- Eu acho que tinha que mudar na entrada porque de manhã fica a maior bagunça na entrada.

Vocês acham importante que participem das atividades da escola?

P5- Eu acho importante.

E dar opinião?

P5- Dar opinião também ajuda.

O que vocês acham que faz com que vocês se sintam bem tratados aqui na escola?

P1- Se tratar bem minha filha eu me sinto bem tratada, independente, se eu sinto que ela está bem, para mim tá tudo bem.

Algo mais? Um sorriso? Um bom dia? Um chazinho? O que vocês acham que faz vocês se sentirem bem recebidos?

P5- Um biscoitinho todo dia era bom... rsss... à respeito dos professores e do diretor a gente sente muito orgulho, ela dá informação, explica tudo direitinho, acho tudo muito organizado, quando meu filho precisa de alguma coisa eles ligam, dão atenção...sinto meu filho muito bem cuidado

P3- Até demais, porque ligaram para eu vir buscar minha filha e ela não tinha nada só manha...rsss...

P4- Acho que o ponto principal é tratar os pais com educação e vejo isso aqui, porque a gente vê às vezes alguns diretores, coordenadores e professores porque eles estão magistrados e estamos numa favela, numa comunidade, não precisa tratar com educação. Uma pessoa da minha família disse que não queria que o filho estudasse aqui porque era na favela, mas não é por causa disso que as pessoas não vão ter educação. Meus filhos são super bem tratados aqui e eu também, eu acho legal quando você vai entregar seu filho aqui no portão e eles dão bom dia para todo mundo, eu nunca tive um dia que eu não viesse trazer meus filhas que eu não recebesse um bom dia, independente de quem esteja no portão, seja a diretora, um professor ou outra pessoa que auxilie na escola. Eu acho que o ponto principal é a educação que eles têm com a gente e que deve ser recíproca também. Acho que isso vale muito a pena.

Alguém tem mais alguma coisa para falar...

P5- A escola está de parabéns.

P3- No começo do ano meu filho ficava muito com virose, fui ao médico e ele disse que podia ser a água, na minha casa é só água mineral e então comecei a trazer água para a escola, a diretora disse que o filtro da escola era trocado de três em três meses e que provavelmente não era a água da escola e que não era necessário mandar água, parei de mandar a água e ele melhorou, achei importante a explicação que ela me deu...podia apenas proibir que eu trouxesse...

Vocês acham que as atividades propostas de participação dos pais devem ser mantidas, mesmo que, por conta do horário não consiga atingir todos os pais?

P2- Eu acho que sim, foi muito importante acompanhar meu filho no self service, porque consegui ver como ele conseguia ser independente, acho que devia ter também em um sábado para que muitos pais vissem; mesmo que a maioria não consiga participar, alguns conseguem e isso é importante.

Alguém quer colocar mais alguma opinião?

Então agradeço a participação de todos.

GRUPO FOCAL 3- PAIS

Vamos começar... quero saber se vocês conseguem participar das atividades que tem aqui na escola e quais são as atividades.

P1- Eu de todas.

P2- Todas.

P3- Eu de algumas.

P2- Inclusive reuniões em que os pais discutiram sobre passeios com as crianças e aconteceu por causa das nossas reuniões (Conselho), foi muito importante porque tem criança que não tem condições do pai estar passeando no final de semana ou trabalha muito e não tem tempo e a escola trouxe este projeto através do nosso encontro (Conselho de Escola), com todos os pais, a reunião foi maravilhosa e acredito que a partir dela melhorou muitas coisas.

É a reunião de Conselho de Escola que você está falando?

P2- Sim, a reunião de Conselho com os pais.

E tem participação dos pais nas reuniões de Conselho?

P2- Sim.

As demais (mães) participam do Conselho?

P1 – Não.

P3 – Não, fui convidada, mas não deu...

P4 – Gostaria, mas não está no meu alcance no momento.

O que vocês acham que dificulta esta participação?

P1- A maioria é por causa do emprego.

P4- Eu já faço outros trabalhos com a igreja, ajudo algumas pessoas... tenho reuniões também lá e às vezes os horários são os mesmos, mas eu “amo” este tipo de coisa.

Por que vocês acham que as pessoas não participam? Vocês tem conhecimento da opinião de outros pais?

P1- Ah... na maioria das vezes alguns dizem que na reunião vão falar sempre a mesma coisa e que não vão, mas só que é assim, é sobre seu filho, às vezes tem alguma informação diferente...

P2- Vai do interesse dos pais porque se o pai participou direitinho da reunião ele está por dentro do que está acontecendo na sala de aula então se o pai participa ele vai ter sua própria opinião, eu acho que é por falta de conhecimento do pai, porque se ele participa a criança fica feliz e participa mais, eu acho que é a falta de conhecimento e cultura (formação da pessoa).

E aqui na escola vocês acham que tem esta abertura?

P1- Tem...

P2- Tem sim, é maravilhoso.

P3- Eu amei está escola, alguns pais falam que tem muita reunião e ficam bravos quando tem atividade diferente, é importante valorizar. Tem gente que coloca o emprego em primeiro lugar, é claro que é importante, mas temos que valorizar as coisas dos nossos filhos.

P1 – As crianças nessa idade é que precisam mais da nossa participação.

P2- Eu mesmo, eu crio meu neto, ele sabe que eu estou presente e fica uma criança segura, isso é importante, ainda mais aqui na comunidade, a gente que vive aqui na comunidade vê muita coisa de ignorância, quem busca conhecimento vais ter para passar, mas quem não busca então vai viver na ignorância.

P4 – E às vezes é só a ignorância.

P2- É... quem não tem a cultura. Muitas vezes, na sua família não foi valorizado o estudo e a participação e não sabe que é importante. Não participa de uma reunião porque não tem essa cultura, como não tinha na “sua época” não sabe como fazer.

Aqui na escola vocês se sentem bem recebidos, bem acolhidos, as crianças são? Falta alguma coisa? Sobre o relacionamento.

P1- Eu acho bom.

P2- Me sinto muito bem vinda.

P3- Muito bom.

P4- Eu vejo pela minha filha, a prô dela é maravilhosa, tudo que ela fala é da prô, ia mudar de horário e ela nem quis porque ia mudar a professora.

Vocês acham que precisa mudar alguma coisa nesta parte de relação? Ou de atividades?

P1 – Na minha opinião tá bom.

P2- Eu não tenho o que reclamar também não, a gente vê reclamação quando vêm da criança, mas eu não tenho o que dizer, porque ele não chega reclamando... e quando chego aqui sou muito bem recebida e atendida.

E vocês acham que suas necessidades são ouvidas e resolvidas?

P2- Sim, teve até aquela reunião dos papéis coloridos (Avaliação dos Indicadores de Qualidade da Educação Infantil) onde falamos sobre os passeios, que tinha uma vez por ano e depois desta reunião, tiveram mais passeios e melhorou bastante, foi maravilhoso.

P1- É, mais é assim, por exemplo são 100 pais, mas na reunião vieram 30 e foram feitos os combinados, daí aqueles pais que não participaram dizem que mudam as coisas e que não foi avisado, é porque não vem e não sabe, o que eu acho errado são os pais e não os professores, nesse caso tem a reunião, foi o comunicado e não vem porque não quer.

P4- Sempre vai o comunicado e convite, não vem quem não quer.

P3 – Nós sempre recebemos.

Muito obrigada pela participação de vocês, as informações foram muito importantes para o trabalho.

P4- Um outro exemplo, nas reuniões sempre é dito que não pode entrar com a bicicleta, porém tem sempre alguns pais entrando, por quê? Porque não vêm nas reuniões...

Realmente... e esses pais não são atingidos...nem mesmo pela pesquisa, para saber porque eles não participam, pois não comparecem...

P2- Aquele que não respeita é aquele que não participa...

Pessoal muito obrigada...

GRUPO FOCAL 4 – PAIS

Gostaria de saber inicialmente, se vocês conseguem participar das atividades propostas pela escola?

P1- Sim, participo de algumas, da atividade da brincadeira com os pais, algumas reuniões de pais e o Conselho.

P2 – Eu sou avó, quem costuma vir é o pai e a mãe.

P3- Às vezes.

P4 – Nas reuniões, só.

P5- Eu consigo vir porque eu trabalho em casa, então sou quem faço meu horário.

O que vocês acham que dificulta a participação?

P3- O horário de trabalho.

P2- O horário das atividades.

Você consegue participar?

P6 – Sim, eu consigo algumas, vim na atividade da brincadeira com os pais para brincar com ele.

P7- Não, porque tenho que buscar meu outro filho da creche e por causa do horário não dá.

P8- Eu consigo vir e sou do Conselho também.

O que você acha das reuniões do Conselho?

P8- Eu acho muito bom, porque ficamos sabendo de tudo o que acontece na escola, das atividades, do que é comprado, as notas fiscais, todas as atividades que tem aqui na escola tem que passar pelo Conselho, se a gente aprova ou não aprova passeio e da escola, eu acho que o que tinha que melhorar foi discutido naquela reunião ...

Dos Indicadores?

P8- É.

Vocês acham que as opiniões de vocês são ouvidas?

P1- Eu acho que sim...

P8- Ah são ouvidas sim.

Além do horário, vocês acham que tem algum outro motivo que dificulte a participação dos pais?

P8- Eu acho que é mais o pai que trabalha.

P5 – Pra mim é o horário, porque eu consigo porque trabalho em casa, mas para os outros acho difícil.

E quando vocês vêm aqui na escola, se sentem bem tratados? Como é o contato da escola com vocês?

P1- Pra mim é bom, nunca tive problema, não posso falar outra coisa. Agora tem gente... a gente ouve comentário...

P8- Eu tive, mesmo sendo Conselheira, eu fui pedir uma informação na secretaria porque queria falar com a professora, pediram para que eu subisse e eu não sabia que tinha que agendar com a professora e esperar na secretaria, só que isso deu uma enrolada foi parar na direção e foi muito difícil eu me senti muito mal, sai chorando e uma outra professora me

amparou, me pediu calma e disse que tudo ia ser resolvido e foi resolvido, então hoje eu já sei.

Essa informação é muito importante... os demais pais, o que acham?

P2 – Eu fui bem atendida.

P4 – Eu sempre fui bem atendida, as meninas lá embaixo, as professoras também... quando a gente encontra uma professora que já foi dos nossos outros filhos ficamos mais seguras.

Para finalizar gostaria de saber se vocês acham que a escola está no caminho certo ao realizar várias atividades para envolver os pais ou se estas estão sendo realizadas em quantidade exagerada, dificultando a participação e aproximação dos pais.

P1- Eu acho que sim.

P2- Sim.

P3- Sim, só não sei para os pais que trabalham.

P4 – Sim.

P8- Sim.

GRUPO FOCAL 5 – PAIS

O que eu quero saber é se vocês participam das atividades da escola e quais são as atividades que vocês participam?

P1- Agora eu não participo porque é meu neto, mas quando era meu filho eu participava.

E de quais atividades você participava?

P1- Ah... eu vinha nas reuniões, umas atividades que eu pintava com ele.

P2- Sempre que tem reunião eu venho, reunião, Conselho...

Você é do Conselho também?

P2- Eu não faço parte, mas consigo vir em algumas reuniões.

P3- Nem sempre, eu trabalho, então quem vem é minha filha, nas festas eu venho, mas geralmente nas reuniões é ela; eu vim na festa junina, naquela que brincamos de massinha.

P4- Eu consigo, em tudo que tem.

P5- Eu venho em todas, sou do Conselho e da APM da escola, em todas consigo vir.

Sobre a participação, é até bom ter os pais que participam do Conselho, eu gostaria de saber, qual a maior dificuldade para participação da comunidade nas atividades realizadas na escola?

P3- Na minha opinião é o horário que elas marcam a reunião, porque é muito cedo e fica bem no horário de trabalho, eu acho que se marcasse para 17h, 17h30, daí daria.

P1- Os pais que trabalham, muito difícil, porque uns trabalham longe.

Com relação às atividades daqui da escola, vocês acham que as atividades propostas são boas para envolver os pais ou elas acabam afastando por serem excessivas (muitas atividades)?

P4- Eu acho boa, mas o problema ainda é o horário, acho que se fosse no final de semana seria mais fácil.

P5- Eu não sou contra ela, mas às vezes, tem atividades aos sábados e os pais não vêm.

P4- Aí já é falta de interesse, não tem desculpa, alguns se prevalecem porque pagam alguém para trazer o filho na escola e acham que não precisam ter responsabilidade, que a responsabilidade é de quem está trazendo seu filho.

P5- Eu acho que quando você quer, consegue, vai do interesse, você não consegue declaração do médico quando vai ao médico? Dai vai de pai para pai.

P2- Você vê que os pais que participam são os mesmos de sempre.

Vocês acham que a escola teria alguma coisa a fazer para atingir estes pais?

P2- Eu acho que vocês fazem o que tem que fazer, aqui não é uma comunidade que é tão grande, todo mundo conhece todo mundo, então é assim, vocês estão aqui há anos, eu estou aqui há 3 anos só, mas dá para entender que vocês estão aqui há anos, que o que vocês podem fazer vocês fazem.

P4- Já é feito já.

P2- Mas tem pais que jogam a responsabilidade dos filhos em vocês, que não quer ter aquele vínculo, aquela troca, é importante valorizar, a gente já mora em um lugar que não favorece em nada, o resultado é o que você está vendo hoje, nós estamos aqui por causa disso, porque pensamos em uma coisa melhor.

P1- Tem pai que é assim... não vê a hora de mandar para escola e só vem na hora de buscar e ainda é o último a pegar o filho

P3- Eu acho que o filho não vai aprender alguma coisa porque tudo tem que ter a consciência dos pais.

P4- Essa é uma vivência particular minha, quando eu era pequena, nem sempre minha mãe podia participar das minhas reuniões, então eu entendia, mas ficava frustrada, então eu tento não passar para os meus filhos o que eu sentia; assim eu tento participar de tudo...na creche, aqui, na escola dos meus outros filhos. Independente de qualquer coisa eu acho que o pai e a mãe deve estar presente 24hs no que diz respeito ao seu filho. O bom da escola é que abriu espaço para você ter contato com a escola, com seu filho, com os professores, para saber o que os professores ensinam.

O Conselho favorece que vocês expressem sua opinião?

P4- Favorece, eu acho interessante, porque ficamos sabendo o que a escola tem, no que pode gastar, o que os professores podem fazer e eu acho isso interessante.

Caso vocês tenham contato com outras escolas, filhos que estudem em outras escolas, vocês percebem este contato?

P4- Sim, também tem, é igual, alguns participam outros não. Na creche também falavam sobre este problema de horário, eles mudaram os horários várias vezes, mas não adiantou nada, tinham alguns pais que pediam para outras pessoas buscarem para não aparecer.

E na EMEF?

P3- A mesma coisa, os pais não tem interesse.

P4- Agora fala que vai dar uma cesta básica. Vai ver como não aparecem.

P1- É o caso do leite, manda para escola por causa do leite. A bolsa família também.

Aqui na escola vocês acham que vocês são bem recebidos nas atividades?

P1- Sim.

P2- Sim.

Todos – Sim.

O que a escola faz que vocês se sentem bem recebidos?

P4- No meu caso é o contato das professoras comigo, elas se tornam amigas... também o que percebo é o carinho que elas têm pelo meu filho e pelas outras crianças, isso é muito importante pra mim. Nós temos um contato como se fôssemos amigas mesmo, tudo que meu filho faz ela manda pelo celular (fotos, atividades desenvolvidas).

P3- O carinho com as crianças.

E na escola como um todo? Na relação com os outros funcionários?

P1- O carinho que a gente percebe, a educação.

P2- Confiança, a gente vê casos de agressão, escola que precisam ter câmeras, aqui não.

P4- Com relação à EMEI eu não tenho do que reclamar, mas se for para colocar meu filho na escola do lado eu não coloco, porque eles não têm atenção com as crianças...

P3- Eles estudam com crianças maiores, meu filho por se inteligente e a professora gostar dele, os outros ficam incomodando e provocando, colocando apelidos, sofre bullying. Todo dia ele sofre.

P4- Não é só assim, não tem só o interesse dos pais, deve ter também o interesse da escola, porque eles acham que só porque um faz, todos fazem... todos são iguais ...e não é assim, nem todo mundo é igual.

P3- E também são as pessoas da escola, meu filho apanhou lá no horário do intervalo, onde estava a inspetora que não viu?

Iniciaram uma discussão com muitas falas concomitantes sobre os alunos que pulam o portão, saem de sala de aula e discutiram falhas da escola em não comunicar os responsáveis e falhas de alguns pais que não são presentes na vida escolar do filho. Abordaram falta de interesse e preocupação de ambas as partes.

P4- Meu filho foi “desprezado” pela diretora, ela insinuou pra mim que eu estava colocando meu filho lá por causa do leite. Imagina... magoa. Hoje meu filho tem 22 anos, é um professor e não precisou desta escola.

P1- Está diretora? Eu nunca tive problema.

P4- Sim.

P5 – Ensinar em comunidade não é para qualquer um, muitas já foram assaltadas, aqui é uma comunidade, tem de tudo, você não paga para ver... os jovens daqui acham que tudo podem, porque são apoiados pelo erro. É o filho do dono da boca, então se a professora ou diretora fala alguma coisa ela apanha, é ameaçada de morte, então o problema daqui é assim...

P4- Mas a maioria que estuda lá estudou aqui e porque não dava este trabalho que está dando agora?

P1- Mas ali tem vôlei que meu filho participa, tem flauta, tem muita coisa. Ele vai 7 hs da manhã e só volta 16 hs, a criança tem direito, precisa ver se quer.

P4- Então... precisa inverter esta história, dar carinho, se o pai não liga...precisa dar atenção...porque tem professor bom, mas também tem professor ruim...

Novas discussões sobre a responsabilidade dos pais apontando que muitos pais não apoiam a escola, que precisam conhecer o que a escola faz para apoiar.

P4- É assim... meu filho ficou na creche aqui do lado e eu não tenho do que reclamar, daqui também, mas desta outra escola (EMEF) eu não quero nem chegar perto porque fui muito mal tratada...aí eu não sei se melhorou, mas ainda observo muitas coisas que não me agradam.

P1- Melhorou muito.

O principal era saber como vocês são recebidos aqui na escola, se tem alguma coisa que precisa mudar? O que vocês escutam de outros pais...

Todos- Aqui é.

A opinião de vocês é levada em consideração?

P4- Bastante. Pelo menos as mães que participam eles pedem bastante nossa opinião e diferente do que imaginei, que é o que geralmente acontece, de não escutarem os pais, aqui, sempre é levado em consideração e modifica.

Gente era isso... agradeço muito a colaboração de todos.

ANEXOS 2 – TERMOS DE CONSENTIMENTO E AUTORIZAÇÕES
MEMORANDO PARA AUTORIZAÇÃO DA PESQUISA



São Paulo, 03 de setembro de 2014.

Memorando Circular nº 017/2014 – SME/G

Aos Diretores Regionais de Educação, Supervisores Escolares, Gestores dos Centros Educacionais Unificados – CEUs e Diretores de Escola das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino

A Secretária Municipal de Educação, considerando a necessidade de se estabelecer procedimentos comuns no atendimento das solicitações para realização de pesquisas acadêmicas no âmbito das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino ou dos Centros Educacionais Unificados- CEUs,

DETERMINA:

I – A autorização para a realização de pesquisas acadêmicas no âmbito das Unidades Educacionais da Rede Municipal de Ensino ou dos Centros Educacionais Unificados – CEUs será concedida pelo Diretor de Escola/Gestor do CEU, observados os procedimentos constantes da presente Circular.

II – O estudante interessado em realizar pesquisa acadêmica deverá apresentar os seguintes documentos:

- a) comprovação de que é aluno matriculado e frequente em instituição de ensino superior pública ou privada;
- b) apresentação de carta da instituição de ensino solicitando a realização da pesquisa;
- c) cópia do Projeto de pesquisa e sua compatibilidade com as atividades curriculares do curso que o estudante frequenta;
- d) cronograma contendo indicação de dias e horários para a realização da pesquisa e sua duração;
- e) indicação do espaço específico da Unidade Educacional / CEU onde pretende realizar a pesquisa;
- f) apresentação de modelo de autorização dos entrevistados com fins à divulgação de seus depoimentos, com indicação, inclusive, se constará ou não, a identificação dos envolvidos. (no caso de envolvimento de alunos, a autorização será concedida pelos pais ou responsável, devidamente identificado);
- g) assinatura de Termo de Compromisso, expedido pelo próprio Diretor de Escola / Gestor do CEU, de que o estudante concorda com as normas estabelecidas e compromete-se a utilizar os dados coletados, sua análise e os conteúdos das entrevistas, exclusivamente para os fins propostos.


III – A utilização de registros de imagens de quaisquer espaços da Unidade Educacional / CEU, só poderá ser realizada mediante autorização expressa da Assessoria de Imprensa da SME.

IV – Na hipótese de divulgação da pesquisa em publicações (livros, revistas, sites, etc) o referido texto deverá ser objeto de prévia autorização da SME.

V – O estudante deverá encaminhar à Unidade Educacional envolvida, cópia do trabalho finalizado, contendo os respectivos créditos à Unidade Educacional / Unidade CEU e a SME.

VI – Caberá ao Diretor de Escola / Gestor do CEU indicar funcionário que acompanhará o pesquisador durante a realização da pesquisa, visando ao fiel cumprimento da presente determinação.

VII – Os casos omissos deverão ser resolvidos pelo Diretor de Escola / Gestor do CEU, em conjunto com a equipe dirigente da respectiva Diretoria Regional de Educação – DRE.

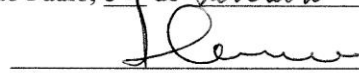

VERA SOELI MION SALLES
 Assessora Especial

AUTORIZAÇÃO DO DIRETOR PARA PESQUISA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Sandra Borges Cardoso, representante da instituição, após a leitura da CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que a instituição, por meio de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 05 de Fevereiro de 2015.



Assinatura do Diretor da Escola

Sandra Borges Cardoso
Diretor de Escola
RG: 67.770.044
RG: 16.232.26

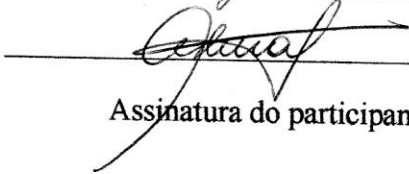
AUTORIZAÇÃO DOS GESTORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Pedro Cristina de Oliveira, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 21 de Julho de 2015.

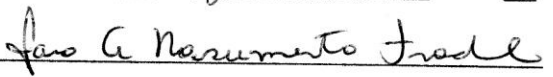

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Lara Alves do Nascimento Frede, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 21 de Julho de 2015.


Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Sandra Borges Cardoso, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 29 de Julho de 2015.

[Assinatura]

Assinatura do participante

AUTORIZAÇÃO DOS PAIS OU RESPONSÁVEIS

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Walter Rodrigues Barbosa de Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015

Walter R. B. de Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria Cleonice de Silva Rocha, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 20 15

Maria Cleonice de Silva Rocha

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria Luclene Pereira, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 20 15

Maria Luclene Pereira

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Valdiléne da Silva Cruz, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015.

Valdiléne da Silva Cruz

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Ariana Silva dos Santos, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Ariana Silva dos Santos

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Genilva Ramos da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Genilva Ramos da Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Josefa Batista de Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Josefa Batista de Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Cristiane Santos da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 20 15

Cristiane Santos da Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Rosemary Chagas Lira, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015.

Rosemary Chagas Lira

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Selange dos Santos de Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015

Selange dos Santos das

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria de Fátima Lima Peruci, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015

Maria de Fátima L P

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Renata Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Renata Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Fabiana do Nascimento Ramos, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Fabiana do Nascimento Ramos

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Selvismis Maria Perazzo de Silvio, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015.

Selvismis Maria Perazzo de Silvio

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Iranilda Diniz Lima, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015

Iranilda Diniz Lima

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Edna Lima, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Edna Lima Soares da Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Paula Cristina Ribeiro N. Galvani, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Paula Cristina

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Erondine Alves do Nascimento, representante da instituição, após a leitura da CARTA DE AUTORIZAÇÃO PARA REALIZAÇÃO DA PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos propostos, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta. Fica claro que a instituição, por meio de seu representante legal, pode, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

[Assinatura]

Assinatura do Diretor da Escola

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Joelma Lopes, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Joelma Lopes

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Josiane Souza de Jesus, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Josiane Souza de Jesus

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Andressa Pereira Gomes Carneiro, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Andressa P. Gomes Carneiro

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Lia Maria Aparecida Silva do Couto, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Lia Maria Aparecida Silva do Couto

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Antonia Lidia de Souza Alves, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

Antonia Lidia de Souza Alves

Assinatura do participante

Antônio T. G.

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Cláudia Souza Ferruzza, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

Cláudia Souza Ferruzza

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Kaliane Luiz Santos, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015.

Kaliane Luiz Santos

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Lilian dos Santos Sousa, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de novembro de 2015.

Lilian S. Sousa

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Lucia Alves da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015

[Assinatura]
Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Elaine Santos da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 23 de Novembro de 2015.

[Assinatura]

Assinatura do participante

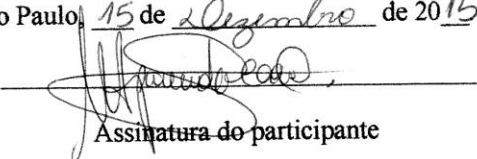
AUTORIZAÇÃO DOS PROFESSORES

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria Ap. Soares B. da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de 2 Dezembro de 2015


Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Ednice J. Barbosa Teixeira, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 20 15

Ednice J.B. Teixeira

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Edvanice J. Lima, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 20 15

[Assinatura]

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Wanda Franco Monteiro de Castro, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

Wanda Castro

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria de Lourdes Santos Vieira, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

M. de Lourdes S. Vieira

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Leny Amodio Nondin Trigo, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de dezembro de 2015.

Leny Amodio Nondin Trigo

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Paula Lias Rocha dos Santos, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de dezembro de 2015.

Paula Lias Rocha dos Santos

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Rosângela Ferreria da Silva, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

Rosângela Ferreria da Silva

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Maria do Socorro Andrade, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

M. Andrade

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Ilana Rubini de Almeida Gonçalves, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

Ilana

Assinatura do participante

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pelo presente instrumento, que atende às exigências legais, o (a) senhor (a) Fernanda Heloisa de Silva Zanatta, sujeito de pesquisa, após a leitura da CARTA DE INFORMAÇÃO AO SUJEITO DE PESQUISA, ciente dos serviços e procedimentos aos quais será submetido, não restando quaisquer dúvidas a respeito do lido e do explicado, firma seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO de concordância em participar da pesquisa proposta.

Fica claro que o sujeito de pesquisa ou seu representante legal, podem, a qualquer momento, retirar seu CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO e deixar de participar do estudo alvo da pesquisa.

São Paulo, 15 de Dezembro de 2015

Fernanda

Assinatura do participante

ANEXO 3 - PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DA UNIDADE EDUCACIONAL PESQUISADA.

Deveres dos pais ou responsáveis:

- I - participar das reuniões de pais e dos eventos promovidos para integração da família / Escola;
- II- atender as orientações internas que visem o bom funcionamento e proporcionem respeito e incentivo ao pleno desenvolvimento das crianças;
- III- garantir o comparecimento pontual e assíduo das crianças e justificar faltas ;
- IV- zelar para que a criança não porte material que represente perigo para sua saúde, segurança, integridade física ou de outrem;
- V - zelar pelo bom nome da Escola, com conduta adequada;
- VI – atender as orientações internas que visem o bom funcionamento e proporcionem respeito e incentivo ao pleno desenvolvimento das crianças;
- VII- participar ativamente da elaboração e do cumprimento das Normas de Convívio da Escola, aprovadas pelo Conselho de Escola;
- VIII– respeitar a autoridade dos Gestores, dos Professores e demais Funcionários da Escola;
- IX – manter-se informado sobre os assuntos escolares, e atender as comunicações encaminhadas pelos gestores e professores, devolvendo-as à direção em tempo hábil e com a devida ciência, sempre que for o caso;
- X – Conhecer e cumprir as seguintes normas de convívio:
 - a) atualizar os dados cadastrais assim que os mesmos sofrerem alterações;
 - b) comunicar à escola no momento da matrícula as informações sobre a saúde da criança, incluindo doenças pré existentes , ou quando, alguma doença surgir no decorrer do ano letivo;
 - c) notificar a escola quando a criança estiver doente, autorizando, a administração do medicamento em conformidade com a legislação vigente;
 - d) retirar a criança da escola, sempre que solicitado pela Equipe Gestora, em decorrência de alterações na saúde, para avaliação médica;
 - e) atender aos encaminhamentos de saúde solicitados pela escola e informar a avaliação médica recebida;
 - f) acompanhar a criança ao atendimento médico sempre que solicitado pela escola;

g) entregar o atestado médico da criança na escola, no primeiro dia subsequente à consulta, para justificação da falta;

h) cumprir com rigor, o horário de entrada e, especialmente o horário de saída, estabelecidos pela escola, evitando que a criança se sinta insegura e abandonada;

i) tomar ciência, diariamente, dos registros contidos nos comunicados / agenda escolar da criança;

j) manter atualizadas as informações e dados cadastrais das pessoas autorizadas pelos pais/responsáveis em retirar a criança da escola, inclusive, quando se tratar dos condutores de transporte escolar particular.

k) o responsável deverá garantir uma “muda” de roupa para troca, mantendo organizados na mochila da criança, os pertences que são utilizados diariamente pela mesma, realizando a troca e manutenção diária das mudas de roupas e materiais de higiene;

l) trazer a criança, com roupas adequadas para brincar e se movimentar, de acordo com a estação do ano, devidamente identificadas com o nome da criança;

m). verificar as condições e documentações do serviço de transporte escolar particular contratado, checando se os profissionais possuem habilitação para o transporte escolar.

n) orientar a criança quanto à:

1 - não agredir fisicamente ou verbalmente seus colegas e profissionais da escola;

2 - respeitar os colegas e os profissionais da escola;

3 - não portar objetos que ofereçam risco à sua segurança e dos demais colegas;

4- levar para escola apenas brinquedos ou objetos que não causem danos a si própria, aos colegas e a escola;

Parágrafo Único – É dever dos pais e/ou responsáveis conhecer, fazer conhecer e cumprir as normas de convívio estabelecidas neste Regimento Educacional.

Deveres da equipe escolar:

I - criar condições, oportunidades e meios para garantir aos educandos, respeitadas suas especificidades e singularidades, o direito inalienável de serem educados e cuidados de forma indissociada;

II - promover o desenvolvimento integral do educando, garantido no Projeto Político-Pedagógico, em que se estabeleçam condições de aprendizagem e desenvolvimento relacionadas:

a) à convivência, brincadeira e desenvolvimento de projetos em grupo;

b) a cuidar de si, de outros e do ambiente;

- c) a expressar-se, comunicar-se, criar e reconhecer novas linguagens;
- d) à compreensão de suas emoções, sentimentos e organização de seus pensamentos, ligados à construção do conhecimento e de relacionamentos interpessoais;

III – analisar e definir, em conjunto com o Conselho de Escola, situações que priorizem iniciativas e busca de soluções para problemas e conflitos que se constatarem no âmbito educacional, de forma a:

- a) assegurar rotinas de trabalho, ambientes de aprendizagens e uso de recursos materiais que levem em consideração a pluralidade cultural das crianças, vivências significativas nas diferentes linguagens;
- b) favorecer o desenvolvimento de interações entre os membros da Unidade Educacional, que reflitam valores de respeito, responsabilidade, cooperação, dentre outros;
- c) não criar impedimentos ao acesso e permanência dos educandos na Unidade Educacional, observadas as normatizações pertinentes;
- d) desenvolver medidas que disciplinem a utilização de aparelhos celulares e outros recursos tecnológicos pessoais nas dependências da Unidade Educacional, observada a legislação vigente e o Regimento Educacional;
- e) estabelecer critérios educativos quando o educando produzir danos materiais nas dependências da Unidade ou em objetos de propriedade de terceiros da comunidade educacional interna, por meio de seu responsável;

IV - criar condições de proteção em que a crueldade, a agressão, o preconceito e a discriminação de qualquer natureza sejam repudiadas;

V - promover a construção de atitudes de respeito e solidariedade, por meio do fortalecimento de práticas que promovam o respeito pelos direitos, educação pela paz, liberdade, respeito à vida e diversidade humana, formação de vínculos entre as pessoas e entre elas e os outros;

VI - zelar pela integridade física, psíquica e moral do educando, abrangendo a preservação da sua imagem, identidade, autonomia, valores, ideias e crenças, espaços e objetos pessoais;

VII - acolher as crianças, jovens e adultos fragilizados por situações de vulnerabilidade, de modo que se sintam afetivamente confortáveis e seguros, de forma a superar suas dificuldades.

§ 1º - A equipe escolar buscará parceria com a família, bem como promoverá ações formativas que permitam à criança compreender as relações sociais presentes na sociedade.

Equipe gestora:

I – gerir com eficiência, eficácia e economicidade os recursos físicos, humanos e materiais disponíveis para a Unidade tendo em vista os objetivos e metas estabelecidos pela Secretaria Municipal de Educação e os previstos no Projeto Político- Pedagógico;

II - assegurar rotinas de trabalho socialmente saudável, ambientes de aprendizagens e uso de recursos materiais que levem em consideração a pluralidade cultural das crianças, vivências significativas nas diferentes linguagens;

III – criar condições ambientais e situações que favoreçam a recepção e o acolhimento da comunidade escolar agregando-a a construção e execução do Projeto Político-Pedagógico da Unidade Educacional.

IV - participar dos processos de avaliação institucional externa, realizados pela Secretaria Municipal de Educação observadas as diretrizes por ela definidas;

V - considerar os resultados das diferentes avaliações institucionais no seu processo de planejamento, de modo a nortear seu replanejamento. a equipe gestora desenvolverá ações que garantam o atendimento à comunidade escolar de forma clara e precisa , bem como o incentivo da participação dos mesmos nas tomadas de decisões.

Para concretização das metas e deveres são propostas no Projeto Político Pedagógico, as seguintes ações :

- Garantir a participação dos pais na construção e ajuste do PPP por meio de pesquisa, avaliação do trabalho e do Conselho de Escola;
- Apresentação do PPP à comunidade escolar e disponibilização do mesmo para consulta e contribuições.
- Apresentação do regimento escolar à comunidade escolar para consulta;
- Incentivar a participação dos pais no Conselho de Escola e APM;
- Elaboração das pautas das reuniões de Conselho de Escola a partir da leitura das sugestões deixadas na Caixa de Sugestões;
- Manter a caixa de sugestões para que os pais possam se expressar em suas necessidades e vontades de maneira espontânea;
- Promover a formação da equipe escolar, professores e funcionários, para garantia de um trabalho mais articulado e democrático.
- Promover atividades culturais na U.E com a participação dos pais;
- Garantir a parceria com as U.Es próximas e possível participação da Supervisão escolar;

- Promover reuniões extraordinárias com a comunidade para tratar de assuntos específicos (quando necessário);
- Criação de um Facebook, considerando a pesquisa realizada no estudo diagnóstico, para compartilhar as atividades e ações da U.E permitindo que a maioria dos pais e responsáveis tenham acesso ao processo educativo presente na U.E, principalmente para os que em virtude do horário de trabalho não podem comparecer a U.E
- Manter os pais ou responsáveis informados por meio de bilhetes e cartazes das atividades que serão desenvolvidas na U.E;
- Formação dos membros do Conselho de Escola com ênfase nos Indicadores de Qualidade da Ed Infantil Paulistana e dos resultados obtidos na avaliação institucional de 2014;
- Associação de Pais e Mestres – gestão financeira – aplicação das verbas para implementação da proposta curricular;
- Realizar reuniões Pedagógicas e as de PPP, conforme calendário, garantindo a participação de todos, sempre que possível, efetivando assim a gestão do conhecimento. As reuniões deverão ampliar conhecimentos, planejar/replanejar ações, avaliar o trabalho, promover vivências , bem como, realizar visitas em espaços culturais .

Os pais ou responsáveis participarão do processo de elaboração e realização do Projeto Politico-Pedagógico, mediante:

- I – acompanhamento do processo educativo;
- II - garantia da frequência das crianças nas atividades curriculares;
- II – acesso a informações sobre a vida escolar de seus filhos;
- III – ciência e acompanhamento do processo ensino-aprendizagem;
- IV – definição da proposta político-pedagógica;
- V – atuação nas instâncias representativas;
- VI – atendimento às convocações;
- VII – respeito às equipes gestora, docente e de apoio à educação, cumprindo suas determinações;
- VIII – ciência dos termos do Regimento e do Projeto Político- Pedagógico.